

---

# FENOMENOLOGIA DA LIDERANÇA, PENTECOSTALISMOS E RELIGIÃO

Uma análise fenomenológico-existencial  
acerca do significado do ser líder religioso em  
comunidades pentecostais e neopentecostais  
no Vale dos Sinos RS

MARINILSON BARBOSA DA SILVA

---

**FENOMENOLOGIA DA LIDERANÇA,  
PENTECOSTALISMOS E RELIGIÃO:**

Uma Análise Fenomenológico-Existencial Acerca do  
Significado do Ser Líder Religioso em Comunidades  
Pentecostais e Neopentecostais no Vale dos Sinos RS



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA**

**Reitora**

**MARGARETH DE FÁTIMA FORMIGA MELO DINIZ**

**Vice-reitora**

**BERNARDINA MARIA JUVENAL FREIRE DE OLIVEIRA**



**EDITORA UFPB**

**Diretor**

**REINALDO FARIAS PAIVA DE LUCENA**

**Chefe de produção**

**JOSÉ AUGUSTO DOS SANTOS FILHO**

**Conselho editorial**

Adailson Pereira de Souza (Ciências Agrárias)

Eliana Vasconcelos da Silva Esvael (Linguística, Letras e Artes)

Fabiana Sena da Silva (Interdisciplinar)

Gisele Rocha Côrtes (Ciências Sociais Aplicadas)

Ilda Antonieta Salata Toscano (Ciências Exatas e da Terra)

Luana Rodrigues de Almeida (Ciências da Saúde)

Maria de Lourdes Barreto Gomes (Engenharias)

Maria Patrícia Lopes Goldfarb (Ciências Humanas)

Maria Regina Vasconcelos Barbosa (Ciências Biológicas)

**Conselho científico**

Maria Aurora Cuevas-Cerveró (Universidad Complutense Madrid/ES)

José Miguel de Abreu (UC/PT)

Joan Manuel Rodriguez Diaz (Universidade Técnica de Manabí/EC)

José Manuel Peixoto Caldas (USP/SP)

Letícia Palazzi Perez (Unesp/Marília/SP)

Anete Roese (PUC Minas/MG)

Rosângela Rodrigues Borges (UNIFAL/MG)

Silvana Aparecida Borsetti Gregorio Vidotti (Unesp/Marília/SP)

Leilah Santiago Bufrem (UFPR/PR)

Marta Maria Leone Lima (UNEB/BA)

Lia Machado Fiuza Fialho (UECE/CE)

Valdonilson Barbosa dos Santos (UFCEG/PB)

**Editora filiada à:**



Associação Brasileira  
das Editoras Universitárias

**MARINILSON BARBOSA DA SILVA**

**FENOMENOLOGIA DA LIDERANÇA,  
PENTECOSTALISMOS E RELIGIÃO:**

Uma Análise Fenomenológico-Existencial Acerca do  
Significado do Ser Líder Religioso em Comunidades  
Pentecostais e Neopentecostais no Vale dos Sinos RS

João Pessoa  
Editora UFPB  
2020

Direitos autorais 2020 – Editora UFPB  
Efetuado o Depósito Legal na Biblioteca Nacional, conforme a  
Lei nº 10.994, de 14 de dezembro de 2004.

Todos os direitos reservados à Editora UFPB

É proibida a reprodução total ou parcial, de qualquer forma ou por qualquer meio. A violação dos direitos autorais (Lei nº 9.610/1998) é crime estabelecido no artigo 184 do Código Penal.

O conteúdo desta publicação é de inteira responsabilidade do autor.

Projeto Gráfico  
Editora UFPB

Catlogação na publicação  
Seção de Catalogação e Classificação

S586f	Silva, Marnilson Barbosa da. Fenomenologia da liderança, pentecostalismos e religião: uma análise fenomenológico-existencial acerca do significado do ser líder religioso em comunidades pentecostais e neopentecostais no Vale dos Sinos - RS / Marnilson Barbosa da Silva. - João Pessoa: Editora UFPB, 2020. 109 p. : il.  E-book ISBN 978-65-5942-020-9  1. Fenomenologia. 2. Liderança. 3. Pentecostalismo. 4. Religião. 5. Liderança religiosa. 6. Comunidades pentecostais. 7. Neopentecostais. I. Título.
UFPB/BC	CDU 165.62:316.46

Livro aprovado para publicação através do Edital Nº 01/2020/Editora Universitária/UFPB  
- Programa de Publicação de E-books.

EDITORA UFPB  
Cidade Universitária, Campus I, Prédio da editora Universitária,  
s/n João Pessoa – PB .• CEP 58.051-970

<http://www.editora.ufpb.br>  
E-mail: [editora@ufpb.br](mailto:editora@ufpb.br)  
Fone: (83) 3216-7147

# SUMÁRIO

<b>PREFÁCIO.....</b>	<b>06</b>
<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>08</b>
<b>2. BREVES ABORDAGENS CLÁSSICAS ACERCA.....</b>	<b>11</b>
2.1 Outros Desdobramentos e Abordagens Acerca do Processo de Construção de Liderança.....	15
2.2 O significado do Ser-Líder: Contribuições Para a Liderança Comunitária-Educacional.....	23
2.3 Fenomenologia da Liderança, Sustentabilidade e a Educação Religiosa.....	31
<b>3. O APORTE DA FENOMENOLOGIA PARA COMPREENDER O PROCESSO DE CONSTRUÇÃO DE IDENTIDADES INDIVIDUAIS E COLETIVAS DO SER LÍDER RELIGIOSO PENTECOSTAL E NEOPENTECOSTAL.....</b>	<b>38</b>
3.1 Categorias da Fenomenologia.....	41
3.1.1 A Redução Fenomenológica (epoché).....	41
3.1.2 O Conceito de Intencionalidade.....	43
3.1.3 Característica Básica do Existir no Enfoque Fenomenológico: O Ser-No Mundo.....	45
3.1.4 Aspectos do “Ser-No-Mundo”: Circundante, Humano e Próprio.....	46
3.1.5 Os Conceitos de Temporalidade e Espacialidade.....	48
<b>4. AS CONTRIBUIÇÕES DE ALBERTO MELUCCI E O CONCEITO DE IDENTIDADE INDIVIDUAL E COLETIVA.....</b>	<b>50</b>
4.1 Os Desafios do Cotidiano.....	54
<b>5. A PERSPECTIVA DE PAUL RICOEUR E CONCEITO DE IDENTIDADE INDIVIDUAL E COLETIVA: MESMICE, IPSEIDADE E ALTERIDADE.....</b>	<b>57</b>
5.1 A Noção de Caráter, Traços e Signos Distintivos.....	58
5.2 A Concepção Narrativa de Identidade Individual e Coletiva.....	60
<b>6. O OBJETO DE ESTUDO ACERCA DO FENÔMENO: O MUNDO DA VIDA DOS LÍDERES RELIGIOSOS PENTECOSTAIS E NEOPENTECOSTAIS (PENTECOSTALISMO AUTÔNOMO).....</b>	<b>62</b>
6.1 A Teologia do Chamado Divino no Contexto do Pentecostalismo e Neopentecostalismo, a Partir das Ideias de Rudolf Otto.....	66
6.2 Chamado Institucional Versus Chamado Espiritual.....	69
6.3 Teoria do Desenvolvimento da Liderança e o Chamado Divino, Segundo Robert Clinton (2000).....	72
<b>7. UMA ANÁLISE FENOMENOLÓGICO-EXISTENCIAL ACERCA DO SIGNIFICADO DO SER LÍDER RELIGIOSO EM COMUNIDADES PENTECOSTAIS E NEOPENTECOSTAIS NO VALE DOS SINOS RS.....</b>	<b>76</b>
7.1 Os Sujeitos Depoentes.....	82
7.2 As Compreensões Alcançadas.....	84
7.2.1 O Líder Religioso: Em Busca de Si Mesmo e a Teologia do Chamado, Trabalho Secular e o Ser-Líder religioso (Neo) e Pentecostal.....	85
7.2.2 Formação, Busca Pelo Conhecimento.....	96
7.2.3 Práxis Pastoral e o Papel da Comunidade.....	99
7.2.4 O Processo Hermenêutico e a Busca pela Compreensão de uma Fenomenologia Identitária do Ser Líder Religioso.....	104
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>105</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>106</b>

## PREFÁCIO

Sinto-me privilegiado por prefaciar essa obra justamente por ter podido supervisionar parte da pesquisa que redundou neste livro: **Fenomenologia da Liderança, Pentecostalismos e Religião**: uma análise fenomenológico-existencial acerca do significado do ser líder religioso em comunidades pentecostais e neopentecostais no Vale dos Sinos RS. O livro que você tem em mãos é uma obra de grande valor para os estudos acerca da liderança, mais especificamente, sobre os sentidos e significados existenciais de ser “um líder religioso” nas igrejas cristãs brasileiras.

Sou professor de Teologia Prática na Faculdades EST (Escola Superior de Teologia), em São Leopoldo/RS, e dentre as aulas que ministro estão componentes da graduação e da pós-graduação relacionados ao ministério e à liderança eclesial, ética e identidade pastoral evangélica. Para estas aulas, confesso que uma das minhas dificuldades tem sido encontrar referencial teórico de qualidade, atual, organizado de forma sistemática e voltado para o contexto brasileiro. Não podemos hoje, por exemplo, estudar liderança cristã eclesial, sem falarmos da liderança pentecostal e neopentecostal no contexto brasileiro. O professor-autor, com este seu riquíssimo escrito, vem suprir minha lacuna e posso imaginar também, a lacuna de várias pessoas que pesquisam sobre liderança religiosa ou, simplesmente, são líderes e querem refletir sobre seu papel.

O professor Marinilson Barbosa da Silva tem uma formação ampla e interdisciplinar, abrangendo as áreas da psicologia, da educação e da teologia. Atua hoje como professor da Universidade Federal da Paraíba (UFPB) na área da Educação e das Ciências da Religião. Este livro, coloca-o assim em diálogo com as áreas de seu domínio e interesse, de forma dinâmica e criativa. O foco principal do livro consiste em entender a liderança cristã, em especial a liderança pentecostal e neopentecostal, a partir de um processo *de dentro para fora*, ou seja, a partir da construção de experiências, vivências e dos significados do próprio líder. Como ele expressa na introdução do livro “o objetivo geral consiste em descrever e compreender questões acerca do significado do ser líder por parte de representantes que exercem funções de liderança em igrejas pentecostais e neopentecostais, como os chamados ditos ‘pastores’, onde são treinados, formados e ungidos na própria comunidade local.”

Assim, afunilando seu centro de investigação, o autor apresenta o seu problema ou questões norteadoras centrais: O que significa ser líder religioso em contextos pentecostais e/ou neopentecostais? O que é determinante em termos de concepções, exercícios e modelos de

lideranças implícitos na prática pastoral (neo) pentecostal? Vemos aqui, na formulação da pergunta, que há uma preocupação interdisciplinar principalmente envolvendo processos educativos e pastorais, além de processos de construção de identidades individuais e coletivas do ser líder religioso.

O livro é composto por farto material teórico e por uma pesquisa qualitativa com entrevistas a líderes pentecostais e neopentecostais. No que tange à parte teórica, o livro aborda de forma muito consistente o tema da liderança, da liderança cristã, a partir de referenciais da filosofia, da educação, bem como da teologia, teologia bíblica e da sociologia. Tratando-se de uma pesquisa fenomenológica, o autor capricha na pesquisa e explanação dos pressupostos fenomenológicos, recorrendo aos seus principais autores, abordando temas como os processos de percepção da realidade, a intencionalidade, a experiência cotidiana e a identidade, os sentidos e os significados. Os pressupostos fenomenológicos são trazidos para o diálogo com aspectos da contemporaneidade e do contexto e tema em questão. Com a mesma consistência investigativa, Marinilson apresenta os pentecostais e neopentecostais no Brasil, apresentando seu desenvolvimento histórico, bem com características e ênfases teológicas e prática. Destaca-se aqui o elemento do “chamado divino”, com base especialmente em Rudolf Otto e Robert Clinton. Este será um termo chave para entender os significados da experiência de liderança pentecostal e neopentecostal.

Tendo construído esta ampla e sólida base teórico-metodológico, Marinilson aplica-a na formulação, análise e avaliação da pesquisa qualitativa, no qual pude acompanhar mais de perto e que resulta o capítulo sete deste livro. A pesquisa de campo foi realizada entre agosto de 2019 e início de 2020, tendo como objetivo central descrever e compreender questões acerca do significado do ser líder religioso, ouvindo representantes que exercem funções de lideranças em igrejas pentecostais e neopentecostais no Vale dos Sinos-RS (Novo Hamburgo, São Leopoldo e Sapiranga).

Com base em um processo de escuta criteriosa de doze (12) líderes religiosos, o autor formula, a partir das compreensões fenomenológicas alcançadas, uma aproximação da liderança pentecostal e neopentecostal respaldadas em duas grandes dimensões e categorias emergidas: 1) O Líder Religioso: Em Busca de Si Mesmo e a Teologia do Chamado, Trabalho Secular e o Ser-Líder Religioso (Neo) e Pentecostal; e 2) A formação, busca de conhecimento e o papel da comunidade no desenvolvimento e desempenho da liderança. Vemos, assim, que confluem aqui os grandes temas que o autor se propõe a abordar: a liderança, sua formação e educação, o pentecostalismo e neopentecostalismo e a fenomenologia como chave hermenêutica para esta aproximação.

Você tem em suas mãos, portanto, um excelente material, trazendo uma discussão sólida, relevante e atualíssima para o contexto social, teológico e religioso brasileiro. Não se trata de um

livro sobre liderança pentecostal e neopentecostal, apenas, mas sobre os processos de constituição da liderança no contexto atual, como bem aponta com uma das tantas formulações do autor: “Ser-líder implica em se posicionar continuamente frente à realidade e ao seu grupo social e este conduzirá a si mesmo e ao próprio grupo, a um processo de conscientização da realidade, principalmente no seu agir de forma crítica, como consequência de um processo histórico e social, de forma dialógica, que busca o consenso e o bem comum do grupo, a transparência, a ética, a democracia, que levanta necessidades e resgata a dignidade humana. Diante desse processo, o líder procura desconstruir uma visão de ser-líder baseada na perspectiva individualista, para uma visão de ser-líder que age de forma coletiva, desmistificando, ressignificando assim, mitos, ideias distorcidas que existem quanto ao ser-líder”.

Sou grato a Marinilson Barbosa por esta pesquisa, por ter tido a oportunidade de trilhar parte dela ao seu lado e poder agora desfrutar, em primeira mão, dos seus resultados. Uma boa leitura!

Júlio César Adam

São Leopoldo, julho de 2020

## 1. INTRODUÇÃO

Muito das minhas reflexões acerca dos estudos de liderança nesse livro, originou-se da dissertação de mestrado intitulada de *O Significado do Ser Líder*, realizado no Programa de Pós-Graduação em Educação da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS).

Em 2019, o texto sofreu revisões e atualizações como parte do meu processo de pós-doutoramento realizado na Faculdades EST (Escola Superior de Teologia).

A temática referente à liderança continua sendo um dos focos mais procurados e discutidos em diferentes áreas de conhecimentos.

Muitos livros têm sido escritos ultimamente e são incontáveis os cursos e seminários que tentam explorar todas as tendências: lideranças empresariais, liderança participativa, teorias do autogerenciamento, coaching, organizações de aprendizagens (OA), ISOs, entre outras, tendo sempre como premissa básica o desenvolvimento de líderes; algumas teorias demonstram preocupação com o bem-estar do indivíduo, outras apenas com o lucro, mas independentemente dos argumentos utilizados, em todas é ressaltada a importância da liderança para a sociedade.

O universo de estudos sobre líderes e lideranças é enorme. Não é por menos que seja assim, afinal, a questão de liderança, não é só parte constitutiva, mas formativa e normativa dentro do processo relacional da sociedade.

Teorias têm sido elaboradas a respeito de liderança a partir de um foco de atenção ou abordagem predominante. Por isso, cabe fazer inicialmente *uma distinção entre "o líder como pessoa" e "estilo de liderança como forma"*. O líder é a pessoa no grupo, à qual foi atribuída, formal ou informalmente, uma posição de destaque - ou de responsabilidade, para dirigir e coordenar as atividades relacionadas a uma determinada tarefa. Sua maior vinculação prende-se à consecução de algum objetivo específico no grupo ou pelo grupo. Por outro lado ressalta-se que, a maneira ou a forma pela qual uma pessoa numa posição de líder irá influenciar e determinar as diretrizes no grupo é chamada de *"estilo de liderança ou forma de liderança"*.

Frente a estas colocações, considera-se necessário uma tomada de consciência em relação ao resgate do *significado do ser-líder*, pois muito se tem publicado a respeito de liderança, mas pouco a respeito do que significa ser-líder. São poucos os estudos que focalizam o "ser" e a "pessoa" do líder. Neste sentido, este estudo parte do princípio que é necessário compreender esta dimensão reconhecendo-se prontamente a concepção de que líderes estabelecem relações de *significação*<sup>1</sup>, isto é, atribuem significados à realidade em que se encontram desenvolvendo assim o seu processo de ser-líder (Fenomenologia da Liderança). Visualiza-se assim, que um estudo onde enfatize a questão do *significado*<sup>2</sup>, contribua para a ampliação da compreensão do ser-líder e de suas interações que se estabelecem na sua prática cotidiana.

Portanto, esse livro tem como objetivo geral descrever e compreender questões acerca do significado do ser líder por parte de representantes que exercem funções de liderança em igrejas pentecostais e neopentecostais, como os chamados ditos 'pastores', onde são treinados, formados e ungidos na própria comunidade local. Como objetivos específicos, esse estudo busca também entender às relações entre o ser líder religioso e suas possíveis implicações nos processos educativos e pastorais, bem como visualizar o processo de construção de identidades individuais e coletivas do ser líder religioso.

Conforme Bittencourt (2003), a expressão "Neopentecostal" ou "Pentecostalismo Autônomo", são denominações nascidas no Brasil e apresentam em si peculiaridades doutrinárias e práticas religiosas singulares. Segundo o autor, uma particularidade importante deste agrupamento denominacional é que o seu rol não se esgota. Em razão de divisões internas e cisões, novas denominações estão surgindo a cada dia.

A Igreja Universal do Reino de Deus é a representante mais conhecida desse grupo devido à sua constante presença na mídia. Algumas outras representantes são: Brasil Para Cristo, Deus é

---

<sup>1</sup> A compreensão do processo de significação do indivíduo acontece pela interpretação da sua vivência e experiência, caracterizando o que o filósofo Husserl chama de o Mundo da Vida do indivíduo.

<sup>2</sup> O indivíduo como pessoa, estabelecendo relações de significações com o seu cotidiano.

Amor, Casa da Bênção, Nova Vida, Cristo Vive, Renascer em Cristo, Sara Nossa Terra, Vitória em Deus e congêneres (BITTENCOURT, 2003)

As opções pelas comunidades pentecostais e neopentecostais emergem em função de dois aspectos: 1) O aumento e concentração de números de fiéis que frequentam as comunidades religiosas e em decorrência disto, surge um número elevado de fiéis que acabam se identificando e assumindo funções de liderança na comunidade. Para essas comunidades, o crescimento numérico e formação de lideranças são dimensões indissociáveis e imprescindíveis no contexto e convívio comunitário religioso. Nesse sentido, a forma como o líder emergente se *percebe* e como ele é *percebido*, relaciona-se intimamente a um processo dialético e comunitário, ou seja, o significado básico do ser-líder é que este surge, se reconhece e é reconhecido, a partir do contexto e do convívio sociocomunitário<sup>3</sup> em que está inserido. 2) Em algumas dessas comunidades é possível observar um processo de formação e desenvolvimento de habilidades e papéis de liderança que *não* estão interligados à uma rede tão elaborada de credenciamentos de cunho eclesiásticos para exercerem funções de lideranças como as igrejas históricas de tradição protestante: luteranos, batistas, metodistas, presbiterianos, dentre outras.

Na contramão da formação de lideranças e perspectivas de credenciamentos formais, algumas comunidades pentecostais e neopentecostais tem-se utilizado de um sistema informal de formação e treinamento de lideranças. Nestes contextos, inúmeros indivíduos são desafiados, desenvolvem-se e neste processo tem suas capacidades reconhecidas como relevantes no seu grupo social. Estes sistemas, absolutamente informais, na maioria dos casos, desenvolvem e reconhecem indivíduos capacitados para as mais diversas funções, tornando-se uma fonte propícia para o atual estudo. Com base nisso, questões norteadoras foram levantadas como: *o que significa ser líder religioso em contextos pentecostais e/ou neopentecostais? O que é determinante em termos de concepções, exercícios e modelos de lideranças implícitos na prática pastoral (neo) pentecostal?* Neste âmbito, a perspectiva do estudo *a priori* consiste também em estabelecer relações teórico-epistemológico entre os estudos na área da liderança comunitária e os estudos e implicações na área da teologia prática (práxis pastorais) implícitos nas representações e vivências de determinado líderes religiosos pentecostais e neopentecostais.

---

<sup>3</sup> O termo “social-comunitário” não se refere aqui como uma “denominação”, mas como um espaço de interação social.

## 2. BREVES ABORDAGENS CLÁSSICAS ACERCA DA LIDERANÇA

No Antigo Egito, hieróglifos datados de milênios antes de Cristo, descreviam as relações entre líderes e liderados. De fato, alguns textos de instrução popular, de 2300 a.C., mencionam as três qualidades essenciais atribuídas aos faraós: autoridade, percepção e justiça (MARINHO, 2006, p. 11)

Conforme Carvalho (1996), Podemos encontrar ideias sobre o processo de desenvolvimento humano e de ser um líder em potencial, desde a antiguidade, tendo Platão uma importância significativa quando - propondo, em *A República (380 a.c.)*, a divisão da sociedade em magistrados que governam, guerreiros e militares que defendem a ordem pública, e trabalhadores e comerciantes que, ocupando-se da vida econômica da sociedade, constituem a classe mais baixa - salientava que já na infância seriam detectadas características e habilidades supostamente herdadas que posteriormente se manifestariam. Para ele, então, a hereditariedade fixava as características do indivíduo quanto ao ser líder e todas as habilidades e talentos manifestos posteriormente encontravam-se presentes no momento de nascimento e a educação da criança deveria ser no sentido de levá-la a realizar o seu potencial. (“líder nato”).

Para Marinho (2006), uma das teorias mais antigas de liderança é de Maquiavel, que descreve os riscos da liderança e os desafios para preservar a posição do líder. Publicado em 1513, seu famoso livro o *Príncipe* afirma que os líderes precisam de firmeza e da preocupação suprema de manter o poder, a autoridade e a ordem no exercício do governo.

O autor afirma que, segundo Maquiavel, o ideal é que esses três objetivos sejam alcançados pela conquista da simpatia popular, mas, caso isso não seja possível, então a ameaça, o engano e a violência podem ser necessários. Em outras palavras, existem dois métodos básicos para se manter no poder: a LEI, que é o método próprio dos seres humanos, e a força, que é o método típico dos animais (MARINHO, 2006, p. 11)

Para Amorim e Perez (2010), identifica-se em Maquiavel a percepção do poder como recurso fundamental para a implementação de um projeto, de um plano de governo. Para os autores, sem o poder um “príncipe” (ou líder) nada pode e seus súditos, ou liderados, estarão à mercê do acaso e de um tirano.

De acordo com Carvalho (1996), O filósofo Jean Jacques Rousseau publicou em 1762 o *Contrato Social*, junto com o *Emílio*, e nos deu uma extraordinária contribuição na conceituação funcional da infância e, conseqüentemente, no processo de gênese e desenvolvimento humano de um futuro líder.

Essas obras na época, foram recebidas como obras altamente subversiva, pois traziam uma teoria da organização social e dos fundamentos da ordem política que contradizia os princípios estruturadores das sociedades do Antigo Regime (TORRES, 2009)

Propôs Rousseau que a criança, enquanto um líder em desenvolvimento, é um ser dotado de vida própria, não podendo ser definido como um adulto em miniatura.

Rousseau mostra-se sensível ainda na à lei da individualidade, onde cada indivíduo na sua potencialidade, difere quanto aos caracteres físicos e psíquicos dos outros indivíduos, cada espírito tem a sua própria forma, segundo o qual precisa ser governado (CARVALHO, 1996, p. 18)

A liderança na criança emergiria a partir da visão “laissez-faire”, ou seja “deixe as crianças livres”, no sentido de que elas por si mesma descobririam suas características de liderança numa sociedade desumanizada. Para Rosseau “O ser humano nasceu livre e em toda a parte é posto a ferro” (ROUSSEAU, 2009, p. 23).

Assim para Rousseau, afirmava ele ser - um futuro líder - um pequeno selvagem submetido a influências educacionais, afirmando ainda que as agressões humanas são frutos de uma sociedade repressiva. Para ele a criança, enquanto um futuro líder em potencial, participa de seu processo de desenvolvimento, criando o seu próprio saber, através de incursões no meio, explorando e interagindo com ele. (CARVALHO, 1996, p. 18).

Teoria dos Traços - Nesse sentido, a perspectiva de J. J. Rousseau assume que as pessoas já nascem com as características que as tornam líderes. Essa visão acabou gerando uma corrente epistemológica acerca da liderança intitulada de “Teoria dos Traços”. Essa teoria baseia-se na premissa de que líderes possuem traços de personalidade que os tornam diferentes dos liderados, e a teoria concentrou-se em pesquisar quais as características individuais que estão associadas com a liderança. Essa teoria teve ampla aceitação até os anos 1940, com a popularidade dos testes psicológicos sobre a personalidade (MARINHO, 2006, p.12).

Traços Físicos: Aparência, Altura, Peso...
Traços Mentais: Inteligência, Raciocínio Lógico, Capacidade de Comunicação...
Traços Psicológicos: Autoconfiança, Controle Emocional, Extroversão, Sociabilidade...

Fonte: (Bergamini apud Alaby, 2006, p. 09)

Behaviorismo – Depois da Teoria dos Traços, o estudo da liderança foi influenciado pela crescente ênfase da área da Psicologia nos aspectos comportamentais. A compreensão behaviorista se constituiu na porta de entrada do comportamentalismo, tendo com John B. Watson e Skinner como expoentes desta conjuntura. Nela se acredita que o comportamento é adaptativo e funcional, sendo que os estímulos sensoriais afetam o comportamento humano podendo este ser

condicionado e manipulado. Assim toda a atividade é iniciada por algum tipo de estímulo sensorial, sendo que cada resposta modifica a situação estimulante. O comportamentalismo é uma teoria que enfatiza o desenvolvimento humano e o processo de liderança por meio da associação de um estímulo e uma resposta. Sendo assim, para Watson toda espécie de treinamento ou aprendizagem depende do meio externo. Ele acreditava que toda atividade humana é condicionável.

A atenção, neste sentido, se volta ao tema liderança, onde o comportamentalismo é visualizado como um grande recurso e estratégia para o programa de treinamento de liderança, onde estes programas têm forte influência das teorias comportamentalistas. Assim, boa parte do que se tem feito para capacitar líderes tem uma forte influência do comportamentalismo. Isto se pode perceber pelos materiais e nomes de cursos oferecidos, que geralmente tem como nome *treinar ou treinamento*, conceitos claramente de origem comportamentalista.

Teorias Situacionais ou Contingenciais – As teorias situacionais de liderança abandonam o enfoque no comportamento e se concentram na eficácia do líder diante de diferentes situações, com ênfase na interação do líder-liderado. A teoria pretende explicar como a situação na qual o líder se encontra tende a influenciar o uso eficaz do seu estilo de liderança (MARINHO, 2006, p.12)

Teoria	Autor Representativo/Ano	Resumo
Teoria da Contingência	Fiedler (1967); Fiedler, Chemers & Mahar (1976)	A eficácia de um líder voltado para as tarefas e relações depende da situação. Os programas de treinamento de lideranças embasados nestas teorias ajudam o líder a identificar a sua orientação e a ajustar-se melhor aos aspectos favoráveis ou desfavoráveis da situação.

Fonte: (COVEY, 2018, p.352)

Teorias Transacionais – Em contraste com as teorias anteriores, cujo enfoque central se concentra na figura do líder, as teorias transacionais estudam o intercâmbio de influência no relacionamento entre líderes e liderados, valorizando o papel do liderado no fortalecimento do líder e de seu vínculo com a equipe. Hollander foi um dos estudiosos que desenvolveram essa teoria e ele concluiu que a legitimação da liderança é um processo de intercâmbio ou troca social. Segundo Hollander, os membros do grupo trocam sua competência e lealdade por recompensas que vão

desde os aspectos físicos, como salário ou proteção, até recompensas menos tangíveis, como honra, status e influência (HOLLANDER apud MARINHO, 2006, p.13).

Teoria Transformacional – Em contraste com a Teoria Transformacional, a liderança transformacional envolve muito mais que um simples intercâmbio ou troca de experiências e influências entre líderes e liderados. A liderança Transformacional acontece quando líderes e liderados interagem entre si de tal maneira que tanto os líderes quanto os seguidores são elevados a um nível maior de motivação e moralidade em decorrência dessa interação. Nesse caso, o poder da liderança é exercido como base mútua para um propósito comum. (MARINHO, 2006, p.13).

Teoria	Autor Representativo/Ano	Resumo
Integrativas: Transformais; embasadas em valores.	Bass; Bennis (1984, 1992, 1993); Burns (1978); Downton (1973); Fairholm (1991); O'Toole (1995); DePree (1992); Tichy & Devanna; Renesch	Supõe-se que os seguidores transcendam seus próprios interesses pelo bem do grupo, levem em conta objetivos à longo prazo e desenvolvam uma consciência daquilo que é importante.

Fonte: (COVEY, 2018, p.353)

Abordagens Cognitivas – Temos a contribuição do psicólogo americano Howard Gardner que escreveu o livro "Mentes que Lideram" (1996). Para Gardner que adota a postura cognitivista para explicar o processo de liderança, afirma: "Eu vejo a liderança como um processo que ocorre dentro das mentes do indivíduo que vive numa determinada cultura - um processo que exige as capacidades de criar estórias, de compreender e avaliar estas estórias, e de apreciar a luta entre as estórias." GARDNER (1996, p. 22).

Para Gardner (1996), para alcançar este alvo os líderes mais eficazes foram aqueles que aprenderam a usar os recursos linguístico e não linguístico à sua disposição. Desta forma se torna possível comunicar uma determinada perspectiva e uma visão de vida e de mundo, assim se tornando possível convencer aos outros. Historicamente o uso de estórias, onde consta de eventos reais ou inventados num relato proporcional através de analogias, paráfrase ou correlação onde o líder transmite a sua visão de vida, que está corporificada neste relato, tem sido o melhor veículo para isto, a criação de uma boa articulação de *estórias* é parte fundamental da vocação do líder.

O autor enfatiza a diferença que existe entre o exercício de liderança dentro de organizações grandes e bem sucedidas, onde os cargos ocorrem por eleição e nomeação e a liderança que emerge fora destas estruturas. No primeiro caso, os líderes já têm a princípio, o direito de exercer autoridade e tomar decisões que acharam convenientes em virtude de seus *status*. No segundo caso, um líder se torna líder por causa das explicações, ou seja, das apologias e visões que tiveram e

transmitiram. Foi o poder de comunicar aos outros suas explicações que os capacitou à liderança. Gardner os chama de *líderes auto-ungidos de grupos não dominantes*.

Teoria	Autor Representativo/Ano	Resumo
Liderança Cognitiva: O Grande Ser humano do Século XX	H. Gardner (1995); J. Collins (2001)	Os líderes são pessoas que, por palavras e/ou exemplos pessoais, influenciam de modo significativo os comportamentos, pensamentos e/ou sentimentos de um número representativo de outros seres humanos. Entender a natureza da mente humana, tanto do líder quanto dos seguidores, nos permite entender a natureza da liderança.

Fonte: (COVEY, 2018, p.352)

## 2.1 OUTROS DESDOBRAMENTOS E ABORDAGENS ACERCA DO PROCESSO DE CONSTRUÇÃO DE LIDERANÇA

Na pesquisa de mestrado em que foi visualizado o aprofundamento temático sobre liderança, percebeu-se que os atributos psicológicos que um líder deveria ter no processo de formação de lideranças, segundo Minicucci (1983), são: inteligência, atração pessoal, linguagem fluente, domínio, boa capacidade de convencer, entre outros. Contudo, ficou claro que esses resultados não são por si só determinantes, pois não existem provas evidentes e confiáveis quanto à existência de *características universais de liderança*. Isto porque os líderes não funcionam isoladamente. Sua liderança e sua influência se desenvolvem dentro de um contexto cultural, social e físico. Portanto, as qualidades, as características e as perícias de um líder são, em parte, influenciadas pelas oportunidades de situações em que o indivíduo tem que agir como um líder.

Minicucci (1983) e Tannenbaum (1970) definem o processo de liderança como a influência interpessoal numa situação que, por intermédio do processo de comunicação interpessoal, seja atingida uma meta, ou metas especificadas. A liderança sempre envolve influência por parte do líder (influenciador), para afetar o comportamento de um seguidor (influenciado) ou seguidores numa determinada situação. Aqui se verifica a importância de três elementos: Líder, seguidor e situação, onde o processo de influência interpessoal ocorre por intermédio da comunicação, cuja finalidade é atingir uma meta ou metas especificadas.

Minicucci (1983) transcreveu uma experiência realizada por psicólogos da Universidade de Iowa sobre estudos de liderança. Eles organizaram três grupos de trabalhos experimentais. Um

deles era dominado por um líder autocrático, outro chefiado por um líder democrático e outro por um líder permissivo, no sentido de permissão livre.

Os pesquisadores, com isto, notaram diferença na atmosfera de trabalho, no comportamento dos elementos do grupo e nas realizações e no desempenho dos três grupos.

O grupo com líder autoritário tendia a ser mais agressivo e briguento. Quando a agressão era expressa, ela se dirigia a outros membros do grupo e não ao líder. Dois elementos do grupo, preferencialmente, foram alvos de hostilidades. Alguns indivíduos passaram a depender completamente do líder só trabalhando quando ele estava presente. Quando o líder se afastava do grupo, o trabalho não progredia com a mesma intensidade. Nas frustrações, esse grupo tendia a se dissolver e a utilizar-se de recriminações e acusações pessoais.

No grupo com líder democrático, os indivíduos conviviam amigavelmente. Havia mais atitudes amistosas e ligadas às tarefas. As relações com o líder eram mais espontâneas. As pessoas trabalhavam mesmo quando o líder estava ausente. Sob frustrações o grupo buscava organizar-se para fazer frente às dificuldades.

No grupo com líder permissivo, o trabalho progredia desordenadamente e pouco. Embora houvesse considerável atividade, a maior parte dela era improdutiva. Os componentes do grupo perdiam boa parte do tempo em discussões e conversas sobre assuntos pessoais.

Conforme os resultados desta pesquisa, Minicucci (1983) concluiu que o processo de formação de lideranças também é uma questão *situacional*, ou seja, a sabedoria do líder está em saber *quando* usar tal e *qual* método. Assim, uma questão importante no exercício da liderança é aprender a variar de técnica de acordo com as diferentes *condições e pessoas* com as quais se defronta em seu trabalho.

Gibb (1968), ao analisar os diferentes conceitos de líderes, mostra que diante da pergunta “quem é o líder?” a resposta mais comumente dada é “o ocupante de um cargo de direção”. Vemos aqui que o ser líder é confundido com o papel ou função de ser chefe ou com qualquer pessoa que ocupe formalmente uma posição de direção.

Bales (1953) estudou a questão da liderança em função das escolhas sociométricas, chegando à conclusão de que nem sempre aqueles que contribuem com as melhores ideias no grupo são os mais aceitos. Ele percebeu que à medida que o membro do grupo está participando mais, exigindo mais participação do grupo, está também perdendo na sua aceitação junto ao grupo. Isto porque a sua maior participação acaba provocando reações contrárias. Segundo o próprio Bales, os membros que mais contribuem em ideias e realizações são mais ou menos aceitos pelo grupo, dependendo dos diferentes momentos que o grupo esteja vivendo.

Analisando os estudos de Bales (1953) e de Furniss (1995), verificou-se que estes citam uma experiência muito interessante. Grupos de estudantes foram pagos para trabalhar juntos em centros de observação. Sua tarefa era solucionar certos problemas a eles dados. Estes alunos nunca se haviam visto antes, e não havia nenhuma liderança pré-designada. A resolução destes problemas requeria que eles se reunissem várias vezes. Com base na observação do que acontecia durante estes encontros, percebeu-se que o primeiro papel na construção de líderes a acontecer, foi o de *líder instrumental*. Este líder que surgiu era alguém que organizou e guiou o grupo na realização da tarefa. Era um líder que tendia a ser diretivo, concentrado na tarefa, mas com dificuldade de interagir com as ideias e sentimentos dos outros e com críticas quanto a sua liderança. No segundo encontro do grupo, um segundo tipo de líder emergiu, um *líder expressivo*. Diferentemente do primeiro, sua maior habilidade estava em trabalhar os conflitos e manter o grupo coeso. Evidentemente houve conflito entre estes dois líderes, mas com o tempo aconteceu uma coalizão entre os mesmos, cada um evidenciando respeito para com o outro e assim possibilitando uma melhor realização da tarefa.

Estendendo este estudo a uma gama maior de grupos informais, percebeu-se a mesma tendência a uma liderança dual. Disso se infere como ideal a percepção da necessidade destas duas lideranças dentro de um grupo. Alguns (como Thompson, 1993), têm usado os conceitos de supervisor e mentor para descrever esta liderança dual. Sendo que supervisor é aquele que se preocupa mais com a realização e coordenação da tarefa e mentor aquele que lida com os sentimentos e resolução de conflitos dentro do grupo.

Fiedler (1968) considera a liderança como um processo compartilhado, mas somente considera um líder aquele membro que cumpra pelo menos uma das três características:

- a) foi designado pela organização da qual o grupo é parte, como líder do grupo;
- b) foi eleito pelo grupo;
- c) é um indivíduo que pode ser identificado como mais influente nas questões relevantes à tarefa através da escolha sociométrica.

Tannenbaum (1970), afirma que a impressão atual é que qualquer teoria global de liderança terá de encontrar um meio de lidar com as três facetas delineáveis do fenômeno de liderança:

- o líder e seus atributos psicológicos;
- o seguidor, com seus problemas, atitudes e necessidades; e
- a situação de grupo em que seguidores e líder relacionam-se entre si.

A concentração sobre qualquer uma destas facetas do problema equivale a um exagero de simplificação de um fenômeno complexo. Com isto, uma maneira de caracterizar uma definição de

construção de liderança é dizer que ela trata do assunto como *processo ou função*, e não como o atributo exclusivo de um *papel escrito*.

Abordando esta questão sobre outro ângulo, Penteado (1978) emite um conceito de liderança mais voltado às raízes comportamentais. Para ele na conceituação da palavra “líder”, o primeiro fator a considerar é o *status* do indivíduo no grupo, ou seja, é sua *proeminência*, onde o líder é aquele que aparece no grupo. O autor também afirma que em um grupo de homens de pequena estatura, o líder seria necessariamente o mais alto fisicamente. A liderança, assim seria uma forma de dominação, de força física, de impor ordens. Dominação significa exercício do poder. Poder prende-se à autoridade. Autoridade significa domínio. Domínio quer dizer influência. Para Penteado, todo ser humano é chefe de alguma coisa, ele nasceu para mandar e exercer domínio sobre alguma situação específica. Todo ser humano se torna um líder no momento em que ele exerce este domínio.

Botelho (1991) faz uma comparação entre desenvolver gerenciamento e desenvolver liderança. Para ele, enquanto um gerente está apto e habituado a administrar hoje, o líder é alguém que está trabalhando para o amanhã. Algumas questões assumem, então, uma importância vital: O que distingue um executor de um executivo? Um gerente de um diretor? Um gerente de um líder? Não obstante as diferentes perguntas, a resposta é sempre uma só: *visão*. O que se torna mais fundamental é desenvolver líderes e esquemas que tenham a competência de fazer com que a “população” (seguidores) fique comprometida com o sucesso da missão, através da visão do líder. As empresas, ou comunidades, partidos políticos, sindicatos, movimentos populares, escolas, não poderão mais ser vistas, entendidas e administradas como se fossem apenas e tão somente “*fabricantes de lucros*”. Elas terão, necessariamente, de ser transformadas em “*perseguidoras de uma missão*.” Em outras palavras, gerenciar é, acima de tudo, obter resultados *com e não através* de pessoas.

Botelho (1991) expõe um quadro mostrando as diferentes visões entre um líder e um gerente no seu processo de desenvolvimento:

<b>O GERENTE VÊ / ENTENDE QUE:</b>	<b>O LÍDER QUE VÊ/ ENTENDE QUE:</b>
Administra Recursos Humanos	Lidera pessoas
Tem todo poder	Tem competência
Conflitos são aborrecimentos	Conflitos são lições
Crises são riscos	Crises são oportunidades
Tem subordinados e chefes	Tem parceiros

Fazendo uma análise do ponto de vista teológico-religioso, Sanders (1985), afirma que liderança é a habilidade de influenciar a outros. Explicita uma diferenciação entre o líder natural e o líder espiritual num quadro comparativo:

<b>LÍDER NATURAL</b>	<b>LÍDER ESPIRITUAL</b>
Autoconfiante	Confia em Deus
Conhece os homens	Conhece também a Deus
Torna decisões próprias	Procura também a vontade de Deus
Ambicioso	Humilde
Motivado por razões humanas	Motivado pelo amor a Deus
Independente	Dependente de Deus

O líder espiritual seria, assim, alguém que influencia outros não apenas pelo poder de sua personalidade própria, mas pela personalidade irradiada, interpenetrada e fortalecida por Deus. Este líder espiritual seria alguém que permite que o próprio Deus tome o controle integral de sua vida. Este poder emanado de Deus passaria a influenciar a partir de si aos outros.

Sanders (1985) também argumenta que os líderes espirituais não são feitos mediante eleição ou nomeação por homens ou quaisquer grupos de homens, nem por reuniões eclesiais (religiosas), estes apenas reconhecem o líder. Só Deus pode fazer líderes espirituais, pois esta autoridade não deriva só de capacidades humanas, mas é conferida pelo próprio Deus.

Segundo O'Toole (1997), a complexidade da liderança contemporânea pode ser captada pela obra de arte de James Ensor intitulada "Cristo Entra em Bruxelas". O tema é uma aglomeração de rua, que no século XIX corresponderia a um desfile em Nova York, com papel picado, etc, etc.

A multidão festeja de modo delirante; uma miríade de participantes, todos jubilosos em suas atitudes desenfreadas e enlouquecidas. Em primeiro plano, há banda de tambor. Mas ninguém segue a marcha de suas batidas. É um agrupamento caótico - colorido, glorioso, rouquenho e, segundo Ensor dá a entender, decididamente democrático. Nessa parada festiva do povo, pelo povo e para o povo, não há um início nem um final perceptível para a massa turbulenta que enche as ruas da capital Belga. Nesse instante, você se pergunta: onde está o Cristo, em toda essa confusão? Você lê o título novamente para se certificar se não houve engano. Nenhum engano. Mas ele não deveria estar em primeiro plano, liderando a parada? Não deveria ser o foco central do quadro? Cristo

aparece, depois de muito procurar, no plano de fundo, um pouco à esquerda do centro, meio perdido na multidão. O'TOOLE (1997, p. 02)

Segundo O'Toole, o Cristo que visita Bruxelas precisa competir com as múltiplas agitações da modernidade. No quadro de Ensor, não há uma alma que preste um mínimo de atenção àquele que deveria ser o seu salvador. Ensor leva-nos a imaginar de que forma uma pessoa, quem quer que seja ela, poderia exercer a liderança em meio a uma multidão desatenta de individualistas e resistentes a mudanças? O autor afirma que, tradicionalmente, pelo menos duas respostas genéricas são dadas a essa pergunta:

1) *A Mudança deve ser comandada!* Realisticamente, qual teria sido o efeito se Cristo pegasse o megafone e gritasse a ordem: "Ouçam aqui, óh! De agora em diante, você têm de amar o próximo!"

2) *Os líderes podem conseguir mudanças pela manipulação dos liderados!* O Cristo de Ensor terá êxito em manipular as massas para que se comportem de acordo com sua vontade? Sabe-se que esse modelo sempre falha no final das contas, porque a conveniência não pode ser disfarçada para sempre.

Para O'Toole existe um aspecto importante para promover mudanças no quadro de Ensor:

O Cristo de Ensor provavelmente começaria um processo de mudança a partir das pessoas mais próximas a ele na multidão, desenvolvendo e atuando através da visão dos pequenos grupos em detrimento aos grandes grupos e na formação de outros líderes.

Há outra dimensão que é visualizada na questão da liderança: é sua relação com o processo educativo. Conforme esta visão, o líder é acima de tudo um educador, um pedagogo e ensinar talvez represente a maior responsabilidade que possa ser atribuída a um ser humano. Dentro desta mesma perspectiva, Moscovici (1985) argumenta que todo contexto de grupo é um laboratório educacional, e o líder é um educador dentro do grupo.

Para a professora Azevedo e Sousa (1986), o líder - enquanto entendido acima de tudo como educador- na busca do processo de construção de líderes, há de preocupar-se com *desenvolvimento de habilidades, sensibilidade situacional, flexibilidade de estilo* (construir sua própria metodologia) e *gestão situacional* (cada situação implica numa respectiva administração).

Existem muitos outros autores que focalizam o seu trabalho na questão de liderança, seria impossível citar todos. Mas já é possível visualizar certas tendências teóricas que fazem parte de um corpo de produção textual existente, inclusive produção de autores americanos, que em grande parte determinam o processo de produção bibliográfica acerca do fenômeno liderança, ora centralizando as questões essenciais na gestão, ora na situação, nos métodos, nos estilos de liderança, em princípios, etc.

Considerando as teorias e abordagens apresentadas de forma panorâmica, é possível perceber a complexidade de conceituações e caracterizações sobre as diferentes perspectivas e implicações epistemológicas sobre o processo de construção de lideranças. Nesse sentido, ressaltam-se alguns aspectos importantes até aqui, com vistas às reflexões posteriores:

1) Por trás de toda e qualquer possibilidade, concepções e modelos de liderança, EXISTEM determinados modelos e concepções de sociedade.

Diferentes concepções de sociedade, historicamente falando, têm produzido diferentes concepções e processos de lideranças e que no tempo presente “coexistem” entre si.

A sociedade é o que está aí, um sistema organizado.

Uma sociedade que se ancora nos princípios behavioristas/comportamentalistas, a função de escolas, empresas, entidades religiosas, dentre outras, e conseqüentemente a função da liderança, consiste em ADAPTAR o indivíduo à sociedade (condicionamentos operantes e respondentes).

Esta tendência está comprometida com uma visão de ciência positivista, onde toda e qualquer produção científica precisa ser quantificável, mensurável, observável.

Todo processo institucional, educacional e religioso deve funcionar harmoniosamente como uma verdadeira máquina, onde tudo têm uma função bem definida, pré-estabelecida.

A educação, através da escola, do trabalho, famílias, igrejas, precisam submeter-se aos mecanismos de condicionamentos impostos pela sociedade para que se prevaleça o “bom andamento” no meio social.

O PROCESSO EDUCATIVO OCORRE DE FORA PARA DENTRO, calcado pela visão da aprendizagem mecânica, empirista, conteudista, onde os professores e líderes religiosos são grandes “eruditos”, “pragmáticos” e que exercem o controle.

O diretor, supervisor e o líder religioso, assumem uma liderança de “chefia”. Muito mais “reativa” do que “proativa”.

Numa visão de sociedade liberal, a visão do indivíduo prevalece sobre o coletivo. O processo educativo e religioso, baseia-se na filosofia “laissez-faire”, ou seja, todos são “livres” para conduzir o seu próprio aprendizado e vida espiritual.

Essa tendência de sociedade está fortemente comprometido com uma visão “inatista” do processo de aprendizagem, liderança e desenvolvimento humano, ou seja, o conhecimento e o potencial da liderança dependem da prontidão do sujeito, portanto, ocorre de DENTRO PARA FORA.

Nessa perspectiva, a motivação, os traços de liderança e o erro são explicados pelo plano da maturação, ou seja: “quando ele estiver pronto, ele saberá o que quer e será um grande líder”, “ele ainda é jovem, quando for adulto saberá o que fazer como um líder”.

Um professor, um gestor, uma liderança inatista acredita que o aluno aprende por si mesmo. O professor enquanto líder, no máximo, auxilia a aprendizagem do aluno, despertando o conhecimento que já existe nele.

Numa sociedade de tendência transformadora, a sociedade está em constante processo de mudanças (processo dialético). É necessário resgatar dimensões de lideranças que contemplem a perspectiva crítico-reflexiva, ou seja, a sociedade, assim como escolas e igrejas, estão inseridas dentro de um contexto histórico-social, sendo necessário promover a consciência social através do questionamento da realidade social, política e econômica. Assim, todo contexto educativo e religioso, devem propiciar à criticidade, desenvolver a potencialidade do indivíduo para a ação social, participação comunitária e mudanças sociais.

A construção do conhecimento acontece na RELAÇÃO, onde professores e alunos, líderes e membros interagem no ambiente escolar e religioso, respectivamente.

Portanto, cabe às estruturas educativas e religiosas problematizar a realidade, refleti-la numa ação conjunta e pensar soluções para as devidas mudanças sociais necessárias.

A dinâmica da construção de liderança e ensino-aprendizagem é sempre inconcluso, processual.

2) Propor uma reflexão hoje sobre o significado do ser líder, implica em refletir sobre a dimensão humana do ponto de vista existencial, fenomenológico, idiossincrático, contextual, crítico-reflexivo, resgatando a pessoa humana do “ser-líder” e, conseqüentemente, suas relações com uma perspectiva de construção identitária pedagógica intimamente ligada com a EDUCAÇÃO.

Conforme Alaby (2006, p 25), “*educar* tem a ver com *liderança* (do inglês, *to lead* = *conduzir, guiar segurando, mostrar o caminho*. Assim a “pedagogia”, a palavra *educar* (do latim *educere* e/ou *ducere*), também significa *conduzir, liderar*. Aliás, *docente* (*de docere* = *ensinar*) e *discente* (*de discere* = *aprender*), tem, no latim, origem na mesma raiz (*cere*)”.

Para o referido autor, parece que todas essas atividades relacionam-se com liderar, *conduzir* (que a rigor, significa *conduzir juntos com*). Portanto, a palavra *conduzir* enriquece sobremaneira o *sentido de liderar*. O mesmo ainda afirma que, curiosamente, as palavras *induzir, produzir, seduzir, deduzir*, todas elas tem a mesma raiz (*duco*) e são os prefixos – *in, pro, se, de* – que justamente podem indicar as diferenças *entre* e desvios *de* lideranças em suas atividades: há líderes que induzem e seduzem; e líderes que deduzem e produzem (ALABY, 2006).

São poucos os estudos que focalizam o “ser” e a “pessoa” humana do líder e o seu processo de humanização. A sociedade em geral, projeta na figura do líder o papel do verdadeiro “super-homem”, ou o “salvador da pátria”. No entanto, o líder é um ser humano como qualquer outro ser humano. Ele comete erros e acertos, chora, se sente despreparado, sofre desgastes físicos, solidão e depressão. Neste sentido, as contribuições de uma educação comunitária humanizadora da liderança é uma condição *sine qua non* hoje. A participação de educadores e humanistas nas discussões sobre o ser líder tem sido pouco incentivada ou até pouco almejada pelos próprios educadores em geral. Portanto, é urgente hoje se discutir as implicações e responsabilidades sobre concepções de liderança do ponto de vista da educação e não somente do ponto de vista do lucro, do mercado e da competitividade.

3) A apreciação dos diferentes conceitos e modelos de lideranças visualizados, mostra a importância de avançar na compreensão de como ocorre o processo de construção de identidades individuais e coletivas de líderes religiosos. A perspectiva sobre esses processos de construção de identidades individuais e coletivas de diferentes líderes religiosos ainda permanecem em aberto e carecem de aprofundamento em pesquisas na área. Para explorar a complexidade do que realmente significa ser um líder religioso, necessita-se ir além de uma perspectiva quantitativa, reducionista e linear. É preciso ir ao próprio mundo vivido desses líderes e procurar analisar suas trajetórias pessoais e dinâmicas internas e externas (desejos, conflitos, intencionalidades, significações).

## **2.2 O SIGNIFICADO DO SER-LÍDER: CONTRIBUIÇÕES PARA A LIDERANÇA COMUNITÁRIA-EDUCACIONAL**

Nos próximos capítulos serão tratados mais profundamente sobre o aporte da Fenomenologia visando à compreensão e entendimento acerca do processo de construção de identidades individuais e coletivas do ser líder religioso pentecostal e neopentecostal. Adianta-se aqui a importância do resgate do significado do ser líder como fonte de pesquisa e de suas interações que se estabelecem na sua prática cotidiana.

No entanto, do ponto de vista fenomenológico, a busca pelo significado do ser líder constitui-se numa fonte propícia à pesquisa e estudos na área, onde o ser líder é entendido como sendo um indivíduo como ser situado no mundo, que tem vivências e significados e, como tal, tem sua visão de mundo e o seu reconhecimento sobre as coisas e sobre o mundo em geral. Ele estar no mundo e conhece-o a partir de sua própria existência, da sua vivência.

Assim, mediante a concepção fenomenológica, possibilita-se buscar a compreensão da dimensão humana do ser líder e o seu significado, partindo da manifestação da sua própria experiência e existência. Procura-se o resgate do significado do ser líder a partir do seu próprio

mundo, do seu olhar numa perspectiva própria. Este processo de compreensão do significado do ser líder, na dimensão do fenômeno, emerge a partir da experiência existencial do líder.

Priorizar a sua experiência, o modo como ele está no mundo e como o percebe é a essência da abordagem fenomenológica. A este respeito, Capalbo assim se expressa:

[...] a descrição intencional do vivido caracteriza-se por estar situado no mundo, no qual se vive, se trabalha, se ama ou se odeia, se sofre as influências da educação e da cultura, se experimenta as contradições e as alienações, em suma, tudo aquilo que neste estar situado no mundo faz parte da experiência humana que envolve a cada um e a todos nós. CARVALHO (1987, p. 6-7)

Na perspectiva fenomenológica, a percepção do líder é sempre uma experiência do indivíduo dotada de significação, isto é, o percebido é dotado de sentido e tem sentido em sua história de vida, fazendo parte do seu mundo e de suas vivências. (CHAUÍ 1995, p.122)

Neste sentido, o líder visualiza o fenômeno da sua liderança na perspectiva da sua experiência existencial educando-se no cotidiano de suas vivências, num processo permanente a partir da sua própria prática. A compreensão que alguém tem de si determina a sua forma de interagir com os outros. A compreensão do ser líder está intimamente ligada pela maneira como se entende a vida e o mundo, da interação com os outros e com a sociedade.

A linguagem tem um valor muito importante no dimensionamento da compreensão do significado, assim como foi visualizado a importância da noção de intencionalidade. Ambos estão intimamente interligados, na medida em que o indivíduo, enquanto sujeito, expressa a sua percepção de mundo e a sua consciência intencional através da linguagem. Segundo CHAUÍ (1989) citando Merleau-Ponty, o significado se evidencia pela linguagem que o ser se mostra. Para compreender o pensamento do indivíduo é preciso penetrar na sua vida e deixar que se expresse através da linguagem transcrita, a sua visão do ser, as suas vivências, do jeito que ele percebe. O fenômeno do ser líder e a perspectiva da linguagem se evidenciam como o ato de significar:

*[...] A palavra não é tradução de um sentido mudo, mas criação de sentido. A linguagem não 'veste' ideias, ela encarna significações, estabelece a mediação entre o eu e o outro e sedimenta os significados que constituem uma cultura. A linguagem não é mais a seiva das significações, mas o próprio ato de significar. (CHAUÍ, 1989, p. 12)*

Na visão fenomenológica, o significado do ser líder também se vincula à perspectiva da linguagem como discurso (verbo, fala, comunicação). Nesse sentido, do ponto de vista da linguagem como discurso, Ricoeur (1983), afirma que o discurso se dá como evento: *algo acontece quando*

*alguém fala*. Dizer que o discurso é um evento, é antes de tudo, afirmar que o discurso é realizado temporalmente e no presente. O evento consiste no fato de alguém falar, de alguém se exprimir tomando a palavra. O discurso é evento também quando os signos da linguagem só remetem a outros signos, no interior do mesmo sistema e fazem com que a língua não possua mais mundo, como não possui tempo e subjetividade. O discurso é sempre discurso a respeito de algo: refere-se a um mundo que pretende descrever, exprimir ou representar. O evento é a vinda à linguagem de um mundo mediante o discurso. O que se pretende compreender não é o evento em si, mas a sua significação que permanece.

Conforme o autor, o discurso: a) sempre se realiza temporalmente e em algum presente; b) remete a quem o pronuncia, pois a instância do discurso é auto-referencial; c) é sempre acerca de algo e se refere a um mundo que pretende descrever, expressar ou representar e nele se atualiza a força simbólica da linguagem; d) só o discurso tem um interlocutor ao qual está dirigido. A linguagem escrita (o escrito) conserva o discurso e o converte em arquivo disponível para a memória individual e coletiva.

Todo discurso e, conseqüentemente, toda linguagem escrita manifesta está vinculado ao mundo, está diretamente correlacionado com a existência do indivíduo. A linguagem escrita não deixa de ser uma questão ontológica, relacionada com a própria existência do ser. Portanto, as narrativas de um texto ou mensagem, relacionadas à práxis do ser um líder religioso, por exemplo, proporcionam atos de significações, por tratar-se de um discurso manifesto através de múltiplas existencialidades entre o si mesmo e o outro.

Segundo Silva<sup>4</sup>, a forma como o líder se *percebe* e como ele é *percebido* relacionam-se intimamente a um processo dialético, ou seja, o significado básico do ser-líder é que este surge, se reconhece e é reconhecido, a partir do contexto e do convívio sociocomunitário<sup>5</sup> em que está inserido. O líder é motivado, direcionado e constituído, mediante o reconhecimento e aceitação do seu respectivo grupo social, desenvolvendo uma postura de trabalho e de respeito pelo trabalho em equipe, com as diferentes formas de agir e ver a realidade das pessoas que compõe o seu grupo, motivando a multiplicidades de líderes em detrimento de uma postura centralizadora e autocrática de um único líder que gerencia o grupo.

A compreensão do ser-líder dá-se na relação com o outro, no convívio sociocomunitário, sendo estabelecido que a percepção que o líder tem de si e do reconhecimento como líder acontece

---

<sup>4</sup> SILVA, Marínilson B. da. *Construindo Lideranças – implicações pessoais, comunitárias e educacionais*. Porto Alegre: Sulina, 2004, p. 44.

<sup>5</sup> O termo “comunidade” não se refere aqui como uma “denominação”, mas como um espaço de interação social quer seja político, social, religioso, educacional, etc.

na relação com o outro. Nesta relação o reconhecimento do ser-líder também é um atributo que o outro lhe confere.

Ser-líder é utilizar-se do contexto comunitário para promover um diálogo amplo, aberto, com a sua comunidade e esta com o líder. É um espaço onde há uma verdadeira interação, nela estimula-se a reflexão, a discussão, nela há a mobilização, se vive o momento da alegria, do lazer, nela se educa e sofre desafios. Ser-líder consiste em evidenciar o contexto sociocomunitário para promover reflexões a partir da sua própria existência, como líder, visando compreender junto com a comunidade inserida o seu mundo e o do outro<sup>6</sup>.

Evidencia-se que o relacionamento interpessoal pode se tornar e se manter harmonioso e prazeroso, na dinâmica sociocomunitária, tanto por parte do líder como da comunidade, se houver a ênfase no trabalho cooperativo e em equipe. O oposto tende a tornar-se muito tenso, conflituoso, levando a desintegração de esforços, à divisão de energias e crescente deterioração do desempenho grupal e do líder. Portanto, ser-líder é estar intimamente interligado com o seu contexto social e comunitário, com o seu grupo social e vice-versa.<sup>7</sup> Esta compreensão situacional reconhece no ser-líder aquele que sabe conviver com as divergências e que procura criar situações para a expressão aberta destas divergências, de pontos de vistas, de tendências e oposições que surgem na sua trajetória, pois isto permite ao líder e à comunidade o esclarecimento de determinadas situações que surgem, podendo reverter situações de tensão, por exemplo, em situações de aprendizagem. Em geral as pessoas, os indivíduos como membros de uma certa comunidade, não param para examinar suas premissas e posições. Se isto é alcançado, ocorre aprendizado sobre a natureza das divergências e as possibilidades de suas resoluções e também sobre seus custos, sejam eles pessoais e/ou grupais. Uma vez esclarecidas e resolvidas as divergências, pode-se refletir sobre os custos psicológicos de tensões, insatisfações, constrangimentos e ansiedade, proporcionando assim, maiores proximidades e convergências para o trabalho em equipe observadas anteriormente. Num grupo de trabalho comunitário, as diferenças individuais trazem naturalmente diferenças de opinião, expressas, muitas vezes, em discordâncias, quanto a aspectos de percepção de tarefas, metas, meios e procedimentos. Essas discordâncias podem conduzir a discussões, tensões, insatisfações e conflito aberto entre o líder e a comunidade. Expectativas e tendências filosóficas ou ideológicas podem gerar motivos de discordâncias e conflitos, tanto da parte do líder como da comunidade. A natureza das divergências está

---

<sup>6</sup> Silva, op. cit., p. 49.

<sup>7</sup> Gardners (1996) afirma que existe um laço do líder com a comunidade (ou audiência) muito forte, pois o relacionamento do líder com a comunidade é tipicamente contínuo, ativo e dinâmico. Ambos recebem de um do outro, cada um é afetado pelo outro. De modo que não é possível dissociar o líder do seu contexto social e do contexto comunitário, quando se trata da própria compreensão do Significado do Ser-Líder. Este é um aspecto de ampla convergência quando pensamos nas teorias sobre líderes e lideranças visualizados no capítulo 2 da pesquisa. Minicucci (1983), Tannenbaum (1970), Fiedler (1968), ambos enfatizaram a importância do contexto situacional na compreensão do Ser-Líder.

relacionada ao fato de que cada pessoa considera as informações diferentes, oferecendo definições diversas do problema ou situação, aceitação ou rejeição do líder pela comunidade ou vice-versa. Relaciona-se o fato também com os objetivos, vistos como desejáveis ou indesejáveis, trazendo discordâncias quanto a metas. Conseqüentemente surgem divergências, quanto a procedimentos, estratégias, melhor maneira de alcançar um objetivo comum, entre outros. No entanto, do ponto de vista amplo, as divergências e tendências diversas têm muitas funções positivas. Previnem contra a estagnação decorrente do equilíbrio constante da concordância em tudo, estimulam o interesse e a curiosidade pelo desafio da oposição, descobrem os problemas e demandam sua resolução. Funcionam, verdadeiramente, como a raiz de mudanças pessoais, grupais e sociais<sup>8</sup>.

Ser-líder implica em se posicionar continuamente frente à realidade e ao seu grupo social e este conduzirá a si mesmo e ao próprio grupo, a um processo de conscientização da realidade, principalmente no seu agir de forma crítica, como consequência de um processo histórico e social, de forma dialógica, que busca o consenso e o bem comum do grupo, a transparência, a ética, a democracia, que levanta necessidades e resgata a dignidade humana. Diante desse processo, o líder procura desconstruir uma visão de ser-líder baseada na perspectiva individualista, para uma visão de ser-líder que age de forma coletiva, desmistificando, ressignificando assim, mitos, ideias distorcidas que existem quanto ao ser-líder. O processo de conscientização *líder-comunidade* como princípio só será bem sucedido se ambos estiverem intimamente ligados, com a perspectiva de busca do consenso no grupo, havendo assim a concretização da consciência coletiva como processo. A dinâmica grupal envolve a participação individual e coletiva, onde o *líder e comunidade* estão interligados no esforço de construção, integração e concretização da conscientização coletiva que surge de um líder que é fruto de um contexto histórico, de uma mobilização coletiva e questionadora como um todo.

Ser-líder é aquele que desmistifica conceitos e ideias distorcidas e ajuda a construir conceitos novos. É necessário, portanto, que o líder desmistifique determinadas questões básicas sobre ser-líder, ou seja, todos têm o direito de ter as suas próprias ideias, democratizando decisões, e o líder é investido de autoridade pelo grupo e não de autoritarismo pessoal. O líder que tem seu pressuposto na liderança individualista incentiva o líder "*super-herói, o individualismo, o salvador da pátria*" e que esta postura de ser-líder enfatiza uma educação autoritária que alimenta a consciência alienada de que existe um líder que manda, que resolve tudo sozinho. É necessário desconstruir este tipo de perspectiva de liderança e incentivar nos seus respectivos grupos sociais a *multiplicidade de líderes*. Os líderes devem trabalhar projetando a liderança compartilhada,

---

<sup>8</sup> Silva, op. cit., p. 55.

dialógica, não resolvendo tudo sozinhos. É necessário estimular a liderança participativa em detrimento da liderança autoritária ou a liderança imposta.

As implicações dessa dimensão revelam também o ser-líder como um “ser pedagógico”, o líder como um educador, um pedagogo, um mediador, dentro do seu contexto sociocomunitário. O ser pedagógico revela uma ação mediadora motivadora, que anima, que ouve, que reparte o conhecimento com a comunidade, que reconhece e aprende com os seus "erros e acertos" .

Autores vistos como Barcellos (1984), Moscovici (1985) e Azevedo e Souza (1986), argumentam que os líderes são educadores dentro do grupo, que liderança e processo educativo e pedagógico caminham juntos em decorrência da ação e do conhecimento e da pessoa do líder. Moscovici (1985) argumenta que todo grupo é um laboratório educacional, onde é aplicado um conjunto de métodos, visando mudanças pessoais a partir de aprendizagens que ocorrem a partir de experiências diretas, interpessoais ou vivências. O laboratório Educacional desencadeia o processo vivencial de aprendizagem, onde a experiência de cada participante, dentro de uma experiência global compartilhada no espaço/tempo do grupo, *aqui-e-agora*, serve de ponto de partida para a aprendizagem de cada um e de todos. Para que se possa aprender com a experiência, torna-se necessário organizar esta experiência e buscar-lhe o *significado*, com a ajuda de conceitos esclarecedores. Esse trabalho em conjunto de coordenador e participantes, durante as reuniões do grupo, complementado por leituras individuais e debates, permite a conscientização de aspectos pessoais e grupais, levando a aprendizagens significativas baseadas nas vivências de cada um. A conscientização de aspectos inadequados ou problemáticos, facilita a decisão de mudanças e reformulação de comportamento disfuncionais, à nível pessoal e interpessoal, os quais se refletem no grupo. À medida que o ser se situa no mundo, estabelece relações de significação, isto é, atribui significados à realidade em que se encontra. Esses significados, cabe aqui esclarecer, não são entidades estáticas, mas pontos de partida para a atribuição de outros significados. Tem origem, então, a estrutura cognitiva (os primeiros significados), constituindo-se nos pontos básicos de ancoragem dos quais derivam outros significados. Os pontos básicos de ancoragem são formados com a incorporação à estrutura cognitiva, de elementos (informações ou ideias) relevantes para a aquisição de novos conhecimentos e com a organização destes, de forma a, progressivamente, generalizar-se, formando conceitos. Estes conceitos são importantes na medida em que o líder é visualizado como um Ser Pedagógico. Do ponto de vista fenomenológico o líder aprende com a experiência, atribuindo significados a sua existência e compartilhando e interagindo com a sua comunidade num verdadeiro exercício de aprendizagem compartilhada, ou seja, ora aprende com a sua comunidade, ora a comunidade aprende com a vida do líder.

O ser-líder é alguém que traz em si o conhecimento de liderança como algo próprio, como algo seu, mas também visando o todo grupal. Esta é a dimensão do líder como educador. Este conhecimento peculiar de ser-líder é incorporado através de suas experiências e vivências no seu próprio grupo social. Isto é conseguido, essencialmente, na relação com o outro, na interação com o outro, de uma forma pessoal, mas também interpessoal. O líder revela, ao seu grupo, o conhecimento da sua própria visão de ser-líder numa perspectiva própria, portanto, de forma intuitiva, perceptiva, existencial, mas intrinsecamente, o líder, também, revela ser um animador e motivador de diferentes dons e talentos e nisto reside o seu agir pedagógico de forma facilitadora. A sua ação pedagógica revela um *sentido de ser* não só em si, mas visa desnudar o outro de si, ajudando a dar sentido a sua própria existência, através de uma ação de escuta, se colocando à disposição do outro. Isto tudo acontecendo dentro de um contexto social e grupal, amplo, proporcionando uma verdadeira aprendizagem vivencial, situacional e interacional. Aprendizagem é vivencial e situacional, porque esta passa a fazer parte da própria pessoa, como sendo a sua experiência de vida, seja (do líder como do outro), através da incorporação destes conhecimentos mútuos. É Interacional, porque é na interação que se desenvolve a identidade, as representações existenciais que cada um tem de si mesmo, crescendo como pessoa e como líder<sup>9</sup>.

Ser-líder é um processo que se compreende e se constrói de dentro para fora, continuamente, ininterruptamente. A construção dá-se numa perspectiva interna do líder para com o grupo social. A compreensão do ser-líder está diretamente interligado pela maneira como o líder entende ser o seu mundo, grupo social e a realidade em que se encontra. A compreensão que o líder tem de si mesmo, da sua forma de interagir com o seu grupo e com a sociedade determina a sua construção de ser e agir como líder. Ser líder é internalizar a sua compreensão de "ser" baseado nas expectativas que surgem da sua formação de personalidade e de sua vivência como líder. Esta se desenvolve internamente e depois é lapidada (construída). O líder é como um "Diamante Negro". É preciso ser lapidado, potencialmente para ter o seu devido valor. Todos têm potencialidades para serem líderes. Todo indivíduo, de alguma forma, tem um potencial interno para algum projeto de vida. Ser-líder caracteriza-se em desvelar este potencial interno e deixar que este seja trabalhado a partir das experiências que vão surgindo. É o ser-no-mundo que determina o aperfeiçoamento e desenvolvimento do ser-líder. Esse potencial interno é como um período de gestação. O líder tem um período onde esse se desenvolve internamente, como uma gestação, um projeto de ser que é gerado internamente e é consumado com o parto. O líder educacional e comunitário, por exemplo, não começa sua vida de liderança, conhecedor de todas as virtudes de si e objetivos a serem alcançados. É necessário um tempo de caminhada no grupo, "*comer o mingau pelas beiradas*" –

---

<sup>9</sup> Silva, op. cit., p. 95.

como dizem. Com a experiência adquirida e o amadurecimento de vida, as qualidades do líder se evidenciarão, bem como o norte, a direção e a convicção do ser-líder. Neste momento, o líder passa a agir em função daquilo em que ele crê realmente ser o sentido da sua *existência*<sup>10</sup>.

A Juventude, seja nos primórdios da vida ou no início da adolescência, emerge como sendo ser uma época decisiva na vida dos líderes. As implicações pessoais e existenciais ocorrem nesta fase. A forma como se vivencia a juventude, as influências recebidas e as oportunidades que apareceram na vida do indivíduo, vão implicar na decisão e compreensão do significado do ser-líder. É nesta fase onde os indivíduos revelam-se abertos à influências dos parentes, dos amigos, dos grupos sociais e também é uma época de crises existenciais e internas. É a procura pelo desconhecido *versus* o já conhecido, períodos de dúvidas e incertezas caracterizando assim, o futuro líder<sup>11</sup>.

Ser líder é estar envolvido em um mundo de constantes mudanças. Ser líder é ser um visionário, que pensa no futuro, que busca alternativas diferentes e se torna aberto para a comunidade inserida.

O líder é um ser que tem posicionamentos, convicções pessoais e vivências. Ele é procurado para dar respostas nos seus referidos contextos inseridos, ele aponta direcionamentos, portanto, é necessário estar em constante sintonia com a sociedade, com a perspectiva de trabalho em equipe, com os membros, com o grupo social. A perspectiva de mudanças é, com efeito, uma necessidade para a comunidade e para o líder. Ela é dolorosa, conflituosa, gera crise, mas é através da própria crise que se cresce, quando analisado o seu sentido e o seu significado para todos. Somos seres que precisamos da mudança para nos atualizarmos, crescermos. O fato de que se nós permaneceremos adaptados e conformados com a mesmice do cotidiano estaremos fadados ao declínio sociocomunitário, por contemplarmos só e exclusivamente a tradição. É claro que os valores tradicionais têm o seu lugar. Não se joga fora tudo que foi operacionalizado anteriormente. Existe espaço para o velho, mas também é necessário o novo, é necessário substituir alguns aspectos considerados inadequados, por outros mais apropriados da realidade e, assim, prosseguir na jornada de vida como ser pessoal e ser sociocomunitário<sup>12</sup>.

Com relação às relações interpessoais e o “clima” no grupo, os líderes influenciam-se, recíproca e circularmente, caracterizando um ambiente agradável e estimulante, ou desagradável, ou monótono. Cada modalidade traz satisfações pessoais e grupais. A perspectiva do ser-líder e a participação eficaz dos membros e do líder, em grupos sociais, dependem essencialmente de

---

<sup>10</sup> Silva, op. cit., p. 75-78.

<sup>11</sup> Silva, op. cit., p. 80.

<sup>12</sup> Silva, op. cit., p. 93.

relações interpessoais congruentes entre o líder e os membros da comunidade. O trabalho em equipe só terá expressão real e verdadeira, se e quando os membros do grupo desenvolverem confiança no líder e por sua vez o líder no grupo<sup>13</sup>.

### 2.3 FENOMENOLOGIA DA LIDERANÇA, SUSTENTABILIDADE E A EDUCAÇÃO RELIGIOSA

No transcorrer desse estudo e em função das reflexões surgidas, torna-se necessário também em deter-se em alguns pressupostos que se considera importante para enriquecer a temática e relacioná-la sob o prisma de uma educação religiosa e implicações acerca da liderança na igreja local.

O termo “formação” é um termo largamente usado quanto à educação e capacitação de liderança. Ele esconde, entretanto, um perigo, pode levar a pensar que alguém passando por um determinado processo de aprendizagem possa se considerar formado, em outras palavras, pronto.

A educação é um processo contínuo e integral. Por isso, a pessoa do líder *não está ou se torna formado*, mas se encontra sempre num processo de formação, ou construção. É neste sentido que se entende a questão de formação do ser-líder, um processo contínuo, integral e coletivo de capacitação, crescimento e aprendizagem. Este processo leva em conta o líder como ser humano e como um ser de totalidade acontecendo dentro da realidade sociocultural em que ele vive, propugnando ser um processo de libertação, de transformação, e não ser um processo estático.

Hargreaves e Fink (2007), autores do livro “Liderança Sustentável: Desenvolvendo Gestores de Aprendizagem”, afirmam que mudanças em educação é fácil de se propor, difícil mesmo é implementar e extraordinariamente mais difícil de sustentar. Para os autores, líderes carismáticos podem conduzir suas escolas, processos de educação religiosa, assim como igrejas locais, a altura impressionantes, mas normalmente o lugar desses líderes é muito difícil de ser preenchidos por seus sucessores pois o grande desafio da sustentabilidade é manter um processo educacional e eclesial de forma durável e sustentável. Entende-se assim, na visão dos autores, que “liderança sustentável significa “preservar, proteger e promover o aprendizado amplo e profundo para tudo o que está relacionado ao cuidado com os outros. Sustentar é manter erguido, suportar o peso, estar apto a suportar sem desabar” (p. 31).

Segundo esse autores, o coração da perspectiva da sustentabilidade é o aprendizado que ocorre, se difunde e dura por uma vida inteira. O aprendizado é o centro de tudo o que os líderes fazem (HARGREAVES E FINK, 2007, p. 34).

---

<sup>13</sup> Silva, op. cit., p. 93.

A liderança sustentável promove diversidade coesa. Ecossistemas fortes são biologicamente diversos. Organizações fortes, também, promovem a diversidade e evitam padronização. Em comunidades sustentáveis, alinhamento é uma palavra feia. O alinhamento perpetua a dependência hierárquica em sistemas lineares que são frágeis e quebram. A liderança sustentável, em contraste, propicia e aprende com a diversidade no ensino e aprendizado e movimenta as coisas para frente por criar coesão e trabalho em rede entre seus proponentes ricamente variados (HARGREAVES E FINK, 2007, p. 25).

Ainda conforme Hargreaves e Fink (2007), a parte mais difícil da liderança sustentável é a que nos instiga a pensar para além de nossas próprias escolas, igrejas, educação religiosa e até de nós mesmos. É a parte que nos chama a servir ao bem público dos filhos de todas as pessoas dentro de nossa comunidade e para além dela, e não só aos interesses privados daqueles que se associam à própria instituição. Liderança sustentável implica importar-se com todas as pessoas que são afetadas por ações e escolhas nossas, não apenas como administradores de organizações ou como profissionais que produzem resultados de desempenho, mas também como membros de uma comunidade, cidadãos e seres humanos que lideram para servir e para promover o bem de todos.

Uma igreja sustentável<sup>14</sup>, portanto, é aquela que conta com a participação efetiva de todas as pessoas da comunidade e se organiza a partir de um objetivo comum e dos referenciais de uma educação cristã transformadora, buscando assim cotidianamente, dar resposta ao chamado de Deus através da organização e do planejamento de seus dons e recursos e da prestação de contas de suas atividades, considerando sua missão e o contexto no qual está inserida.

Para alcançar a sustentabilidade<sup>15</sup>, cada igreja, assim como suas comunidades de fé, deve pensar a forma de ver e articular suas ações a partir de seu próprio contexto e de suas possibilidades. As ações que funcionam em um determinado contexto podem não funcionar em outro. Isso quer dizer que não existe um modelo de sustentabilidade para ser seguido, mas existem indicadores que podem ajudar. Empoderar as comunidades de fé, torná-las conscientes, responsáveis e atuantes é, portanto, uma tarefa indispensável para a sustentabilidade da igreja.

Mesmo que ocorra de maneiras distintas em decorrência das realidades específicas dos diferentes contextos, a sustentabilidade tem como objetivo fortalecer a identidade, a participação,

---

<sup>14</sup> O termo “igreja sustentável” foi visualizado na minha participação no curso de “Gestão e Liderança em Igrejas Sustentáveis: Uma Introdução”, promovido pelo Instituto Sustentabilidade América Latina e Caribe, São Leopoldo, Junho de 2019.

<sup>15</sup> Idem 14.

bem como a apropriação do *ser igreja hoje*. Isso quer dizer que as igrejas tornam-se relevantes e sustentáveis quando encontram o modo de distribuir, compartilhar e mobilizar os bens que recebem de Deus, de acordo com a realidade de seus contextos específicos e os recursos que têm à sua disposição.

Pensando na continuidade e aprofundamento do tema, especificamente, na perspectiva comunitária sustentável e religiosa, apresentam-se as ideias de Thompson (1993) e Groome (1985), de uma forma ampla. Seus pressupostos teológico-pedagógicos confrontados com esse estudo ajudarão a chegar a boas considerações sobre futuras pesquisas em liderança e educação religiosa.

Thompson (1993), acredita que a Igreja, segundo as Escrituras, pode ser entendida como sendo um modelo hebreu, orgânico, holístico, baseado na família, descentralizado de uma liderança única, onde todos têm potencialidades para exercer uma determinada liderança, crescendo juntos e comprometida com Deus e sua comunidade; Contudo, acabou sendo mais fortemente influenciada pela cultura grega, baseada numa visão institucional-academicista. Neste gráfico vê-se como estes dois modelos diferentes se contrapõem<sup>16</sup>:

### Dois modelos de Ser-Igreja

MODELO GREGO	MODELO HEBREU
Ser-Líder: Líder escolhido por sua capacidade de administrar, de pregação e de entretenimento. Movimento de fora para dentro.	Ser-Líder: Líderes escolhidos por sua capacidade de habilitar a Igreja no cumprimento de sua missão. Movimento de dentro para fora.
Organização: O pastor e os diáconos estabelecem os programas da Igreja. Deseja-se grande participação de todos os membros; estes são treinados a assistir aos programas e a mantê-los. Verticalidade nas decisões.	Organização: A programação da Igreja é marcada pela flexibilidade, mudando de acordo com as necessidades da congregação. Horizontalidade nos processos decisórios.

<sup>16</sup> Thompson, op. cit., p. 122.

Educação Cristã: <i>Ênfase na educação de criança. Estruturada em classes, em Escola Dominical e em departamentos. Ênfase Estruturante e Tecnicista.</i>	Educação Cristã: <i>Ênfase no crescimento de cada pessoa até que ela atinja todo seu potencial e descubra seus dons. Ênfase no processo de desenvolvimento interpessoal.</i>
Igreja: <i>O lugar onde certas atividades acontecem a cada semana. Lugar fixo, ênfase no templo.</i>	Igreja: <i>A comunidade dos cristãos que estão crescendo juntos devido ao seu compromisso com Cristo e de um com o outro. Visão comunitária.</i>
Culto: <i>Tranquilo, bem-estruturado, ordeiro, com boa música e pregação dinâmica. Liturgia rígida, comportamental.</i>	Culto: <i>Experiência viva do povo celebrando Deus. Liturgia: flexível, foco nas pessoas e não na rigidez do culto litúrgico.</i>
Evangelização: <i>Tecnicista: Uma técnica a ser aprendida e programada dentro da estruturação da Igreja.</i>	Evangelização: <i>Convite: Convidar pessoas a entrar num relacionamento com Cristo e num compromisso com sua comunidade.</i>

Esta comparação aponta-nos para o entendimento de alguns pressupostos: A Igreja tem se preocupado muito mais em *ser* uma instituição doutrinária denominacional do que um organismo vivo, ou seja, a ênfase deveria recair nos relacionamentos mútuos e acentuar a multiplicidade de líderes.

Conforme Thompson (1993), estes dois paradigmas de ser Igreja acabam se constituindo em dois modelos pedagógicos<sup>17</sup>:

<sup>17</sup> Thompson, op. cit., p. 142.

## Dois Modelos Pedagógicos

<b>Acadêmico</b> (Institucional)	<b>Familiar</b> (Orgânico)
Valor básico: <i>Ensino Formal</i>	Valor básico: <i>Relacionamentos Interpessoais</i>
Liderança: <i>Líder autoritário, cuja autoridade é baseada no que ele sabe.</i>	Liderança: <i>Voltado para o acolhimento que gera vida; autoridade baseada em seu caráter e relacionamentos.</i>
Estilo de treinamento: <i>Formal, currículo preestabelecido. Busca da eficiência. Centrado na agência.</i>	Estilo de treinamento: <i>Informal, maleável, situacional, de acordo com a necessidade. Centrada na pessoa.</i>
Visão de missão: <i>O objetivo é ser institucional e é imperativo. ("Você tem de ir para a escola, para a igreja!")</i>	o V Visão de missão: <i>Desenvolvimento do indivíduo e da comunidade como um todo na relação com Deus.</i>
Orientação: <i>O produto é a dogmatização. Busca a doutrina. Na Igreja Institucional: "Venha! Atraia! Mantenha!". Voltada para uma pedagogia da reprodução, repetição, rotinas, liturgias.</i>	Orientação: <i>O produto é a sabedoria. Busca o serviço. Na Igreja comunitária: "Vá! Busque! Liberte!". Voltada para uma pedagogia libertadora e transformadora.</i>
Foco: <i>O manual, regras!</i>	Foco: <i>Atmosfera para o desenvolvimento.</i>
Unidade: <i>Conforme regras, políticas, etc.</i>	Unidade: <i>Amor, valores comuns e familiaridade, vida comunitária.</i>

Esta visão está de acordo com o que vimos anteriormente, ou seja: uma perspectiva, um significado de ser, que vai ao encontro daquilo do que as pessoas são de fato, de suas necessidades, que visam à formação integral e transformadora. É o ser-pessoa, o ser-líder desenvolvendo-se a partir do contexto sociocomunitário através dos relacionamentos mútuos, do reconhecimento do

outro, da perspectiva do consenso, da consciência social, descentralizadora do "líder Super-homem", que resolve tudo sozinho.

O líder é um animador que estimula os diferentes carismas, dons e potencialidades na vida sociocomunitária.

As estruturas sociocomunitárias precisam existir em função das pessoas, e não as pessoas em função das estruturas. Qualquer instituição criada pelo ser humano só deveria existir enquanto instrumento de construção, de libertação e transformação.

Groome (1985), resgata o princípio bíblico onde afirma que o alvo da educação é a busca da sabedoria, sendo que esta não consiste somente em conteúdos passados ou programas curriculares bem desenvolvidos. A sabedoria tem a ver com a *conação*. E conação significa uma educação que abrange *consciência, desejo, vontade e ação*.<sup>18</sup>

Parece que, num certo sentido, as abordagens de Thompson (1993) e Groome (1985) são complementares. A educação que possa atribuir para si o nome de cristã busca a formação completa da pessoa. Esta formação completa tem a ver não só com a mente, mas com o todo da pessoa. Envolve, também, as áreas das motivações e ações, e sempre se dá num contexto de comunidade.

O Novo Testamento apresenta ainda pelo menos dois aspectos importantes quanto a educação. Primeiro, o fato de que todos receberam dons e por isto estão aptos a exercerem um ministério ou um determinado nível de liderança na comunidade eclesial local. Com a supremacia que se impôs à pregação, acaba-se não dando espaço para os outros dons. Foi criada, assim, uma instituição cheia de ouvidos (o indivíduo entra nela e só ouve), tornando-se deficiente em outras partes.

Segundo, é necessário ressaltar o sacerdócio geral de todos os cristãos. Princípio fundamental da própria reforma<sup>19</sup>, mas que muitas vezes parece esquecido, presente só em nossa retórica.

A separação entre clero e leigos é um desvirtuamento deste princípio, e mostra o quanto ao institucionalizar-se a Igreja acabou por negar alguns de seus princípios vitais<sup>20</sup>. Ao delegar certas tarefas ou cargos somente aos funcionários das Igrejas (pastores ou padres), não permitindo o acesso aos demais a estas funções, é óbvio que a própria educação oferecida aos membros das

<sup>18</sup> O conceito de conação como Groome usa foi desenvolvido por Espinoza.

<sup>19</sup> Sob reforma se designa o movimento ocorrido no século XVI que constitui um cisma na igreja ocidental entre católicos romanos, que continuaram leais ao Papa, e reformados, que fora a oposição a Roma divergiam muito entre si. Um dos princípios praticamente unânimes entre os "reformados", ou "protestantes" foi justamente o do sacerdócio universal de todos os cristãos.

<sup>20</sup> Esta opinião reflete a herança teológica do autor da pesquisa, qual seja, sua origem reformada.

Igrejas será deficitária e incompleta. Pois de que adianta o esforço de uma educação religiosa transformadora e integral se já de antemão restringe-se a sua atuação?

Ainda na perspectiva de uma visão de integralidade e de sustentabilidade a partir da igreja local, educação religiosa e liderança, Alves e Adam (2017) contribuem no resgate e entendimento da importância de uma práxis pastoral que seja diacônica (serviço) e transformadora, com base nos ideais da liderança servidora de Jesus Cristo:

Na pessoa de Jesus encontra-se o significado completo de *diakonia* (serviço) para o Novo Testamento. Em Marcos 10. 43-45, Jesus estabelece o princípio básico desse serviço quando diz: 'Quem quiser tornar-se importante entre vocês, deverá ser *servo* (diakonos, versículo 43). E logo em seguida o versículo 45: 'Pois o próprio Filho do Ser humano não veio para ser servido (diakoneo), mas para servir e dar a sua vida em resgate de muitos' (ALVES E ADAM, 2017, p. 501).

Alves e Adam (2017) ao se referir sobre a dimensão servidora de Cristo, afirma que todo o ministério de Jesus Cristo nesse mundo consistiu em servir ao próximo e de dar a sua vida por este. Para os autores, percebe-se aqui o aspecto diaconal (servidor), na vida de Jesus em diversos textos do Novo Testamento Bíblico. Jesus é a base e o exemplo para o viver diaconal do líder religioso (pastores, padres) e a sua vida e obra é o fundamento bíblico e teológico para a diaconia, refletem os autores.

<b>REFERENCIAIS BÍBLICOS (NARRATIVAS DE JESUS) SOBRE SUA VISÃO DE LIDERANÇA SERVIDORA</b>	<b>TEXTOS BÍBLICOS</b>
"O maior entre vocês deverá ser servo. Quem a si mesmo se exaltar será humilhado; e quem a si mesmo se humilhar será exaltado".	Mateus 23:11-12
Jesus os chamou e disse: "Vocês sabem que aqueles que são considerados governantes das nações as dominam, e as pessoas importantes exercem poder sobre elas. Não será assim entre vocês. Ao contrário, quem quiser tornar-se importante entre vocês deverá ser servo; e quem quiser ser o primeiro deverá ser escravo de todos. Pois nem mesmo o Filho do ser humano veio para ser servido, mas para servir e dar a sua vida em resgate por muitos".	Marcos 10:42-45
Assentando-se, Jesus chamou os Doze e	

disse: "Se alguém quiser ser o primeiro, será o último, e servo de todos".	Marcos 9:35
<b>Fonte: Bíblia de Estudo Almeida, Sociedade Bíblica do Brasil, 1999.</b>	

Nesse sentido, os autores declaram que a prática (práxis) pastoral, o ser líder religioso de uma comunidade cristã, deve ser centrada numa visão de mundo composta por relações humanizadoras e não empresariais, pois em determinadas igrejas locais o modelo de atuação pastoral tem sido fortemente marcado por modelos do mundo empresarial. Para os autores, a igreja tem toda a sua parte institucional, todavia, os princípios que norteiam uma empresa e uma igreja são distintos (ALVES E ADAM, 2017, p. 508).

A seguir, visualizar-se-á o aporte e o aprofundamento da Fenomenologia para adentrar-se nos processos de construção de identidades individuais e coletivas do ser líder religioso pentecostal e neopentecostal.

### **3. O APORTE DA FENOMENOLOGIA PARA COMPREENDER O PROCESSO DE CONSTRUÇÃO DE IDENTIDADES INDIVIDUAIS E COLETIVAS DO SER LÍDER RELIGIOSO PENTECOSTAL E NEOPENTECOSTAL**

O que é Fenomenologia? É preciso ler os fenomenólogos fazendo Fenomenologia para se inteirar daquilo em que consiste esse estilo

Antônio Muniz Rezende

Desde sua origem, a Fenomenologia<sup>21</sup> vem-se constituindo em um dos principais referenciais teórico-metodológico na trajetória investigativa das ciências humanas. Sua influência não está restrita à Filosofia, mas se faz presente também em diferentes áreas do conhecimento. Neste sentido, tanto como abordagem teórica, quanto como método de investigação, a Fenomenologia caracteriza-se como um esforço de retorno à experiência, à vida, ao mundo da experiência, ao mundo vivido (Lebenswelt<sup>22</sup>), ao mundo originário, como base da construção do conhecimento. "Este desvelamento gradual e progressivo de novas camadas veladas constitui o círculo hermenêutico" (MORAES, 1991, p.21).

O termo Fenomenologia foi utilizado por diferentes pensadores na história da Filosofia. Segundo Dartigues (1973), o primeiro a utilizar o termo foi J. H. Lambert (1764), na obra o *Novo*

<sup>21</sup> Final do século XIX.

<sup>22</sup> O termo Lebenswelt passou a ter um uso um pouco mais forte e determinado quando Husserl começou a falar em *horizontes*. São os horizontes de uma determinada experiência que devem ser presumidos, sendo isto o que se denomina de *mundo vivido*.

*Órganon*, que entende por Fenomenologia a teoria da ilusão sob suas diferentes formas para fundamentar o saber empírico. Kant retoma o termo em 1770, numa carta a Lambert, em que designa a Fenomenologia como disciplina propedêutica que deve preceder à metafísica. Em 1807, com a *Fenomenologia do Espírito*, de Hegel, é que o termo entra definitivamente na tradição filosófica. No entanto, não é a fenomenologia hegeliana que permanece como movimento e pensamento filosófico, mas a concepção elaborada por Edmund Husserl, que estabelece um conteúdo novo a um termo já antigo. Husserl, então, formula as principais linhas dessa nova abordagem, abrindo caminhos para o alargamento dessa reflexão para filósofos existencialistas como Heidegger, Jaspers, Sartre, Paul Ricoeur e outros, cujas influências se estenderam a todas as áreas das ciências humanas. Historicamente, isto significou também uma tomada de posição entre outras correntes filosóficas e psicológicas que a precederam em especial o empirismo e o naturalismo, teorias que introduziram uma dicotomia entre sujeito e objeto, ser humano e mundo, mente e corpo.

O objetivo da Fenomenologia consiste em analisar e descrever com o maior rigor possível o universo dos fenômenos, esforçando-se, ao mesmo tempo, por captar as relações que os ligam entre si. Para isso, é necessário mostrar como os fenômenos aparecem no campo da consciência, ou seja, é preciso reduzir a realidade à origem de sua aparição, mediante um processo de sucessivas reduções. Os fenômenos devem ter origem e é para lá que devemos ir, isto é, ao encontro destes fenômenos, ou como Husserl disse: “voltar às coisas mesmas”<sup>23</sup>

A palavra *Fenomenologia* é a junção de dois radicais gregos: do verbo *phaíno*, que significa brilhar, fazer-se visível, aparecer, mostrar-se e do substantivo *lógos*, que significa o que é enunciado, pronunciado, discurso, argumento, pensamento, compreensão, razão. Etimologicamente, a palavra provém do grego “phaínestai” (o que aparece à consciência, o que aparece, diferente daquilo que é dado). Pode-se, assim, definir Fenomenologia como sendo o discurso esclarecedor daquilo que se mostra por si mesmo. Para Husserl (1996, p.7.)<sup>24</sup>, a palavra “fenomenologia”, etimologicamente, significa a “teoria dos fenômenos”, ou “tudo que intencionalmente está presente à consciência, sendo para esta um ato de significação”. Ele chama de ‘mundo’ o conjunto das significações. A Fenomenologia **será**, para Husserl, então, a ciência do que aparece à consciência, a ciência do sentido das coisas e do mundo.

<sup>23</sup> HUSSERL, *Investigaciones Lógicas*. Madrid: Alianza editorial, 1999. Tomo II, 1ª parte.

<sup>24</sup> HUSSERL, *A crise da humanidade européia e a filosofia*, p.7. Edmund Husserl é considerado o fundador da Fenomenologia. Nasceu em 08 de Abril de 1859, em Prossnitz, pequena cidade da Morávia, região da atual República Checa. Sua formação acadêmica foi feita na área de ciências exatas, como estudante de astronomia, em Leipzig, e de matemática, em Berlim e em Viena. Faleceu em 1938 em Freiburg.

A pretensão da Fenomenologia, neste sentido, é a de não separação (não-dicotomização) desses dois pólos, mas, de maneira indissociável, na estrutura, reuni-los dialeticamente. Dessa forma, propõe-se encarar o fenômeno *“como uma estrutura, reunindo dialeticamente na intencionalidade o ser humano e o mundo, o sujeito e o objeto, mente e o corpo, existência e a significação”*. (REZENDE, 1990, p. 34). Se a Fenomenologia pode ser dita um "estudo das essências", por outro lado ela concebe estas últimas como "essências existenciais" ocupando-se da "essência na existência" ou, mais simplesmente, das significações existenciais. O mesmo autor acrescenta ( id.ib. p.36) que, no estudo do ser humano, a Fenomenologia atenta em não reduzir a dimensão do ser enquanto pessoa a nenhum dos seus aspectos, embora importantes, como as dimensões corporal-espiritual, individual-social, teórico-prático, entre outras, mas em conservá-la num todo maior; todos esses aspectos estão em constante relacionamento existencial na construção do ser pessoa, ou seja, a Fenomenologia estuda o sistema total dos atos possíveis da consciência – da ação do mundo e suas significações.

Na medida em que do ponto de vista fenomenológico o conhecimento não tem sentido se não estiver relacionado às coisas humanas, ele não se constitui como um veredicto ou como um dogma. Ao considerar que prender-se a um único aspecto da realidade não será suficiente para compreender sua totalidade, a Fenomenologia propõe uma leitura dialética da realidade, uma forma de entendê-la em todos os seus aspectos: histórico, social, político, sentimental e de vivência do ser humano. A esse respeito escreve Capalbo:

A Fenomenologia não possui uma ortodoxia. Ela se questiona constantemente, ela se diversifica, mas fundamentalmente tenta conservar a unidade de sua atitude metodológica, que pode ser paliçada nos diferentes setores do conhecimento. Ela nos faz abandonar uma visão dogmática e absoluta, por reconhecer que tal visão é uma entre outras possíveis. Ela nos faz adotar um certo relativismo de perspectiva várias, que confluem para a compreensão da realidade e da verdade, mas que são sempre dependentes da posição e da situação em que estamos inseridos, quer do ponto de vista da percepção, do meio social ou intelectual, do meio sociocultural, histórico ou religioso. (CAPALBO, 1979, p. 38)

Trata-se, pois, de uma forma de investigação que propõe uma abordagem descritiva dos fenômenos, partindo da forma como este se manifesta à consciência individual e coletiva dos sujeitos. É de lá que se abre um caminho em direção à compreensão do fenômeno. Desta forma,

apresenta-se como um método que descreve a consciência nas suas correlações. E a partir desta descrição é que teremos o modo de como a consciência se estrutura, se manifesta e capta todo o sentido das coisas do mundo pelo mundo.

Dessa forma, a Fenomenologia procura compreender o ser humano a partir da facticidade. Essa compreensão está necessariamente vinculada à totalidade dos fenômenos e isso faz com que se pronuncie pela não parcialização e não explicação a partir de conceitos prévios, de crenças e de um referencial teórico concebido antes de examinar o fenômeno.

### 3.1 Categorias da Fenomenologia

Para melhor explicitar a perspectiva fenomenológica, apresenta-se na sequência, o entendimento de algumas categorias consideradas fundamentais para a compreensão do fenômeno em estudo.

#### 3.1.1 A Redução Fenomenológica (*epoché*)

A *epoché* (ou Redução Fenomenológica) é uma palavra grega que significa “suspensão”, “cessação”, ou seja, a colocação entre parênteses de todo interesse “naturalmente” orientado.

Para compreender o fenômeno na sua origem, Husserl postulou a *epoché*, isto é, a suspensão de todo o juízo - ou pré-julgamentos, que temos de algo, para poder descrever como as coisas aparecem à consciência. A *epoché* não é a dúvida metódica cartesiana sobre o mundo exterior, mas a colocação do mundo “entre parênteses”, como fez Husserl não duvidando da existência do mundo, mas colocando-a “em suspenso”, ou seja, posicionando-se de modo a suspender os pressupostos, eliminando todo tipo de preconceito ou teoria que o fenômeno estabelece em si. O próprio Husserl afirma:

Colocamos fora de jogo a tese geral inerente à essência da *atitude natural*. Colocamos entre parênteses todas e cada uma das coisas envolvidas no sentido ôntico desta tese, isto é, este mundo natural inteiro, que está constantemente “para nós aí adiante” e de forma permanentemente

padronizada, como “realidade” de que temos consciência, embora fôssemos colocá-lo entre parênteses<sup>25</sup> (1997, p. 73)

Conforme Goto (2004), a *epoché husserliana* é um método radical que busca a evidência da existência do mundo na sua apodicidade. Na atitude natural<sup>26</sup> nos mantemos sempre numa postura dogmática, de forma habitual e ingênua, porém com a *epoché* somos colocados numa nova atitude. Esta nova atitude é a *epoché*, que consiste em ausentar-se dos pré-julgamentos acerca de qualquer filosofia ou dogma. Através da *epoché* é possível fazer sucessivas reduções, suspendendo o julgamento até chegar ao irreduzível, ou seja, até chegar à essência do fenômeno.

A palavra “essência” vem sofrendo certo desgaste semântico na perspectiva de que poderia representar algo hipotético e estático. No entanto, desde o ponto de vista fenomenológico, a busca pela essência implica em suspender *a priori* os pré-julgamentos, e “ir às coisas mesmas”, permitindo assim que o fenômeno se manifeste por si mesmo a partir de atribuições de sentidos e significados.

Assim, inserindo os sujeitos no mundo e em sua participação, a Fenomenologia situa sua ênfase na estrutura fundamental desta inserção: o vivido. Viu-se que a *epoché* não duvida da existência do mundo, apenas suspende a atitude natural. Desta forma, o ser humano ainda permanece junto ao mundo e pode obter seu conhecimento na vivência. Se a Fenomenologia parte da consciência, esta só pode ser entendida como um lugar do qual derivam as experiências vivenciais. Portanto, para entender a realidade é preciso partir das vivências dos sujeitos no mundo. É essa análise das experiências vivenciais que garantirá a Fenomenologia de Husserl. GOTO (2004, 27)

Para Forghieri (2004), é refletindo sobre a experiência vivencial imediata que se chega a compreender a vivência originária como uma totalidade, ou um fluxo contínuo de retenções e protensões, unificado nesse “agora vivo”, que é o “mundo da vida”. Assim, a reflexão fenomenológica se volta em direção ao mundo da vida, ao mundo da vivência cotidiana imediata, no qual todos nós vivemos, temos aspirações e agimos, sentindo-nos ora satisfeitos e ora contrariados.

Os pensamentos, as representações têm sentido têm origem nessa vivência pré-reflexiva, ou “antepredicativa”, que é anterior a toda a elaboração de conceitos e de juízos; até as mais abstratas e sofisticadas formulações científicas partem dessa vivência. A ciência não começa quando articula

<sup>25</sup> HUSSERL, *Ideas relativas a uma fenomenologia pura y una filosofia fenomenológica*, p. 73.

<sup>26</sup> A atitude natural pode ser entendida como sendo uma percepção imediata, ingênua, sem necessidade de intervenção do raciocínio lógico, um tipo de saber espontâneo, ou senso comum. Esse tipo de conhecimento pode levar a explicações espontâneas que, na maioria das vezes, para Husserl, são enganadoras.

uma teoria, resultante de suas investigações; ela tem início com a intenção do cientista ao desejar esclarecer um problema que surgiu em sua vivência cotidiana. Ao buscar a compreensão dos múltiplos mundos construídos de acordo com as formas de perceber das pessoas, a Fenomenologia nos afasta da visão de uma realidade única e independente do ser humano.

### 3.1.2 O Conceito de Intencionalidade

O termo “intencionalidade” tem uma longa tradição filosófica. Em Husserl, a intencionalidade é usada para derrubar um princípio básico da ciência clássica: o de que a consciência abriga imagens dos objetos externos que afetam os sentidos, nela se depositando como uma espécie de conteúdo em um movimento de fora para dentro. É como se os objetos que se encontram no mundo exterior penetrassem passivamente na consciência; na verdade, para Husserl, a consciência é ativa, doadora de sentido às coisas, onde toda a consciência tende para o mundo vivido, enquanto vivido, toda consciência é consciência de alguma coisa atribuindo-lhes significados. Quando se percebe, imagina, pensa ou recorda, se percebe, imagina, pensa ou recorda *alguma coisa*. Husserl, afirma que “a intencionalidade é aquilo que caracteriza a consciência do sentido” (2006, p.190).

O que importa é descrever o que efetivamente se dá à consciência, o que nela se manifesta e nos limites em que se manifesta. E o que se manifesta e aparece é o *fenômeno*. Através desse princípio, Husserl pensava fundamentar a Fenomenologia como ciência rigorosa, como ciência voltada para as coisas, como ciência que está voltada ao compreender (ver) como são as coisas. Trata-se precisamente um “ir às coisas”, às coisas em sua materialidade, a fim de encontrar pontos sólidos e dados indubitáveis. Assim, afirmar que “toda consciência é consciência de alguma coisa” é dizer que ela se relaciona diretamente ao mundo, que não está fechada em si mesma, mas abre-se imediatamente ao “exterior”. Portanto, a consciência nos lança diretamente no mundo, no “meio da multidão”. O termo “intencionalidade” procede do verbo latino *intendo, tendi, tentum, ere* que significa “tender em uma direção, estender, tender para, abrir, tornar atento, aumentar, sustentar, dar intensidade, afirmar com força”<sup>27</sup>

A intencionalidade, nesse sentido, representará a descoberta de uma determinada “atividade” da consciência. Husserl começou a vislumbrar essa atividade da consciência bem cedo, nos seus *Estudos Psicológicos* de 1894, nos quais opõe a intuição à representação. No sentido que os dois termos assumem nesse momento, “*Intuir*” alguma coisa é simplesmente ver essa coisa, como

<sup>27</sup> GAFFIOT, F. Dictionnaire Latin-Français. Paris: Hachette, 1934.

perceber da janela a árvore ali no jardim. Ao contrário, existe “representação” quando eu vejo uma coisa, mas através desta, *viso* uma outra coisa. Assim, eu vejo a bandeira, que é apenas um pedaço de pano pintado e, através dela, eu *viso* outra coisa, *viso* um determinado país. É nesse domínio do “representar” que Husserl descobrirá a presença de determinada “atividade” da consciência. Portanto, para o autor, a “intencionalidade” será um fenômeno da ordem da “representação”. A intencionalidade será equivalente ao fenômeno da “expressão”. Existe intencionalidade sempre que, através de um dado, visualiza-se algo não dado, sempre que determinada presença “exprime” uma ausência. Por isso, será preferível falar no plural: serão várias as “intencionalidades” em Husserl, situadas em distintos planos da experiência e descobertas em diferentes níveis da análise.

O primeiro modelo de intencionalidade concebido por Husserl para elucidar a vida perceptiva será a “intencionalidade de ato”. Ao apresentar a Fenomenologia como uma “descrição” reflexiva de nossa consciência, essa primeira noção de intencionalidade já atesta que o filósofo implanta um evidente constructo teórico.

É ainda em seus *Estudos Psicológicos* de 1894, que Husserl delimita o conceito de intencionalidade em duas outras perspectivas: a *intencionalidade do horizonte interno* e a *intencionalidade do horizonte externo*. Segundo o autor, quando o sujeito percebe um cubo, por exemplo, é um de seus aspectos que lhe é dado, ou seja, o sujeito vê diretamente tais ou tais lados do cubo, segundo tal ângulo e iluminação; não têm consciência de perceber apenas dois retângulos, mas sim este sólido de seis lados faces que é o cubo. O sujeito tem consciência do aspecto que lhe é efetivamente dado, mas têm consciência também dos aspectos que não lhes são dados. É apenas uma parte do objeto que é apresentada, mas através desta parte se visa o todo. Isto significa que o aspecto dado *reenvia* aos aspectos não dados. É se é assim, existe aqui uma outra figura da intencionalidade. Husserl a chamará de “*intencionalidade do horizonte interno*”. E fará questão de enfatizar que todo objeto tem seu horizonte interno de determinações, que são visadas pela consciência. Husserl dará enorme importância a essa intencionalidade que se situa no plano dos “fenômenos” e costura entre si os aspectos de cada objeto, fazendo com que cada um deles reenvie aos demais. Sem essa intencionalidade, nem mesmo se teria consciência de algo assim como um objeto. Se o aspecto dado não reenviasse aos aspectos não dados, se cada aspecto não exprimisse os demais, não se teria um “mundo da experiência”.

Ao lado dessa nova intencionalidade haverá ainda uma outra, a “*intencionalidade do horizonte externo*” dos objetos. Quando se percebe um cubo, por exemplo, se percebe como figura sobre o fundo. Mais ainda, se o indivíduo o percebe, o perceberá sobre a mesa, mesa que está na sala, sala de um prédio, situado numa cidade. O objeto percebido reenvia ao seu entorno, ele o exprime e, no limite, é o “mundo” que se expõe na menor de suas percepções. Se esse “mundo”

nunca pode se transformar, efetivamente, em objeto de experiência, resta que de alguma maneira ele se exhibe ou se exprime neste seu pequeno fragmento que é o objeto da percepção atual. A intencionalidade do horizonte externo será vista como arqueologicamente anterior à intencionalidade do horizonte interno. É no solo de uma consciência global do “mundo” que se recorta a consciência de cada objeto singular. É nesse plano dos “horizontes” que Husserl situará a originalidade da análise intencional. Se na análise “real” se decompõe um todo em suas partes constituintes, na análise intencional explicitam-se os horizontes do percebido, em tudo aquilo que existe de “potencial” no atualmente já dado.

### 3.1.3 Característica Básica do Existir no Enfoque Fenomenológico: O Ser-No-Mundo

Conforme Heidegger (2005), o ser humano, através dos tempos, tem-se esforçado sobremaneira, com o intuito de elaborar a ciência, que pode ser definida como um conjunto de proposições verdadeiras conectadas por relações fundamentais. Entretanto, a investigação científica não é o único modo possível de ser e nem o mais imediato, pois, ao ser humano é essencialmente inerente o ser-no-mundo. Encontra-se, em cada momento da vida, na experiência cotidiana, uma familiaridade imediata e pré-reflexiva que não provém daquilo que a ciência nos ensina. É a partir e dentro dessa vivência diária que se desenvolvem todas as atividades, inclusive as científicas, que determinam os objetivos e ideais dos sujeitos. A experiência cotidiana imediata é o cenário dentro do qual decorre a vida; ser-no-mundo é a sua estrutura fundamental.

É nos acontecimentos da vida diária que se evidencia o quanto estamos implicados no mundo. Como exemplo, pode-se perceber a aflição que se sente quando simplesmente escorrega-se e cai-se ao chão; ficamos desapontados e confusos, porque, ao perder o chão no qual nos apoiamos, sentimos, por instantes, como se perdêssemos o próprio mundo e, simultaneamente, a nós mesmos. Isto pode acontecer, também, quando, seguindo por uma estrada pouco conhecida, fica-se de repente, sem saber onde nos encontramos. Para saber quem se é, precisa-se, de certo modo, saber onde se está, pois a identidade de cada um de nós está implicada nos acontecimentos que vivencia no mundo.

Preciso do “mundo” para saber onde estou... e quem sou. O próprio Heidegger afirma:

[...] o conceito de mundo não é apenas um manual [ou estrutura]... mas também presença, os outros em sua co-presença. Esse ente liberado no mundo circundante, no entanto, de acordo com seu sentido mais próprio de ser, é um ser-em um mesmo mundo, em que é co-presente, encontrando-se com os outros”. HEIDEGGER (2005, p. 175)

Isto significa que o mundo não é apenas um conjunto de objetos ou pessoas, existindo por si mesmos, pois cada um deles se torna um determinado objeto ou pessoa em virtude de ter um significado para quem o percebe. Neste sentido, ser e mundo, sujeito e objeto, não são dois absolutos essencialmente independentes, mas são comparáveis a dois pólos, necessariamente ligados em relação recíproca de cognoscibilidade. Ser-no-mundo é uma estrutura originária e sempre total, não podendo ser decomposta em elementos isolados; contudo, essa estrutura primordial pode ser percebida e descrita em seus vários momentos constitutivos, mantendo a sua unidade. Esse é o modo pelo qual é possível considerar os vários aspectos do mundo e as diferentes maneiras do ser humano existir no mundo.

### 3.1.4 Aspectos do “Ser-no-Mundo”: Circundante, Humano e Próprio

Para Forghieri (2004), o “mundo” é o conjunto de relações significativas dentro do qual a pessoa existe; embora seja vivenciado como uma totalidade se apresenta ao ser humano sob três aspectos simultâneos, porém, diferentes: o circundante, o humano e o próprio.<sup>28</sup>

O “*mundo circundante*” se estabelece por via do relacionamento da pessoa com o que se costuma denominar de ambiente. Abarca tudo aquilo que se encontra concretamente presente nas situações vividas pela pessoa, em seu contato com o mundo; abrange as coisas, as plantas e os animais, as instituições, as leis da natureza e seus ciclos, como o dia e a noite, as estações do ano, o calor e o frio, o tempo, etc. O mundo circundante abrange os condicionamentos aos quais se está sujeito por se viver concretamente num ambiente determinado. No entanto, embora em sua vida sofra limitações e necessite adaptar-se a seu ambiente, o ser humano possui também a capacidade de transcendê-lo por meio da consciência das situações que vivencia. Ele não está em seu mundo circundante como um objeto dentro de uma caixa ou um animal preso numa jaula; não está, simplesmente, restrito a um ambiente. Mora ou habita no e o mundo, que para ele se abre com muitas possibilidades, não apenas por poder se locomover de um lado para outro, mas também em virtude da consciência que possui das situações que já vivenciou, está vivenciando e ainda poderá vivenciar. Há, portanto, uma relação, um movimento dialético entre o ser humano e o mundo circundante.

O “*mundo humano*” é aquele que diz respeito ao encontro e convivência da pessoa com os seus semelhantes. A relação do ser humano com outros seres humanos é fundamental em sua

---

<sup>28</sup> Neste sentido, é importante ressaltar que os termos aqui adotados são propostos por Heidegger e que originalmente referem-se à ideia de “ocupação” (HEIDEGGER, 2005, p. 127).

existência; desde o nascimento ele encontra-se em situações que incluem a presença de alguém. O existir é originariamente *ser-com-o-outro*, embora o compartilhar humano nem sempre seja vivenciado de fato. Os seres humanos têm a capacidade de compreender-se mútua e imediatamente, por serem fundamentalmente semelhantes entre si, embora a concretude do existir de cada um apresente possibilidades distintas de perceber e compreender as situações. Como Heidegger nos explica:

[...] “Os ‘outros’ não significa todo o resto dos demais além de mim, do qual o eu se isolaria. Os outros, ao contrário, são aqueles dos quais, na maior parte das vezes, ninguém se diferencia propriamente, entre os quais também se está”. (HEIDEGGER, 2005, p. 169)

Diferentemente do relacionamento com o “mundo circundante”, no qual o ser humano costuma adaptar-se à materialidade do ambiente, no encontro com o seu semelhante ocorre uma relação de reciprocidade, na qual ambos influenciam-se mutuamente. Só posso saber quem eu sou como ser humano e ser profissional, convivendo com meus semelhantes. Podem acontecer, e acontecem, situações em que um indivíduo procure dominar o outro, utilizando-se dele para atender às suas necessidades. Uma pessoa pode, também, deixar-se submeter à outra, ou às normas e regras de seu grupo social, simplesmente para não assumir a responsabilidade de suas próprias decisões. Nestes casos, ocorreriam entre elas, relacionamentos semelhantes àquelas que caracterizam o “mundo circundante”, que não lhes propiciariam a atualização de suas potencialidades peculiarmente humanas.

O “*mundo próprio*” se estabelece na relação do indivíduo consigo, ou, em outras palavras, no seu ser-si-mesmo, na consciência de si e no autoconhecimento. São as situações que o ser humano vivencia, relacionando-se com o mundo circundante e com as pessoas, que lhe possibilitam a gradualmente atualizar as suas potencialidades, oferecendo-lhes as condições necessárias para ir descobrindo e reconhecendo quem é. Por outro lado, à medida que vou descobrindo quem sou, este autoconhecimento ou consciência-de-mim, também vai propiciando uma perspectiva, ou um modo peculiar de visualizar as situações que vivencio no mundo. No *mundo próprio*, o ser humano percebe-se, ao mesmo tempo, como sujeito e objeto; dá-se conta de si mesmo como um “existente” no mundo, colocando-se tanto na situação concreta do momento e, também, vislumbrando a variedade de suas possibilidades. Deste modo, a consciência de si e o autoconhecimento implicam a autotranscendência, isto é, a capacidade do ser humano de transcender a situação imediata, ou, em outras palavras, a capacidade de ultrapassar o momento concretamente presente, o aqui e agora, o

espaço e o tempo. Pela autotranscendência, a sujeito traz o passado e o futuro para o instante atual de sua existência e se reconhece como sujeito responsável por suas decisões e seus atos.

É essa capacidade que constitui a base da liberdade humana, pois ao mesmo tempo permite ao ser humano tanto voltar-se ao passado como lançar-se para o futuro para refletir e avaliar seus próprios recursos e as potencialidades que possui para enfrentar, não apenas a situação imediata, mas para ir muito além dela. O sujeito dispõe em sua existência de uma ampla gama de possibilidades para escolher suas relações com o mundo; o ser-si-mesmo é esta possibilidade de escolher suas relações com o mundo; o ser-si-mesmo é esta possibilidade de se perceber, abrindo caminho entre essas inúmeras e variadas possibilidades. Portanto, o “mundo próprio” caracteriza-se pela significação que as experiências têm para o indivíduo, e pelo conhecimento de si e do mundo.

### 3.1.5 Os Conceitos de Temporalidade e Espacialidade

O fundamento básico da existência humana, na perspectiva fenomenológica, consiste na temporalidade e na espacialidade, pois estas constituem o sentido originário do existir. Temporalizar e espacializar implicam em experienciar o tempo, sendo esta a vivência que mais próxima se encontra do nosso próprio *existir*.<sup>29</sup> Para a Fenomenologia, existir e transcender possuem basicamente o mesmo significado: o de lançar-se para fora, ultrapassar a situação imediata, que também quer dizer temporalizar. A existência humana se constitui em estar continuamente saindo de si mesma, transcendendo a situação imediata, em direção a algo que ainda poderá ser para completar-se, ou totalizar-se.

Na perspectiva existencial, vivencia-se o tempo como uma totalidade constituída por um presente perene, abarcador tanto do já acontecido como do que se espera venha a acontecer. Experienciar o existir, surge, portanto, como a perspectiva de um fluxo contínuo, decorrendo numa “velocidade” e intensidade que se alteram de acordo com a maneira de experienciar as situações. Além de vivenciar-se certa intensidade em nosso existir, vivencia-se, simultaneamente, uma “extensibilidade”, ou seja, a visão de temporalizar estende-se, tanto em relação ao passado como em direção ao futuro, com amplitudes ou restrições. Então, é possível vivenciar o existir tendo como fundo um passado com poucas ou muitas experiências significativas e um futuro com poucas ou muitas possibilidades de prosseguir a construção da sua existência.

---

25. A palavra “existir” deriva do latim “existere”, sendo formada pela preposição “ex”, cujo significado é “fora de” e “sistere”, que quer dizer “colocar, pôr”. Esses termos correspondem aos termos gregos “ek” e “stasis”, dando origem à palavra “extasis”, que expressa o fato de “sair de si mesmo” ou “transcender”.

A aplicabilidade do conceito de temporalidade é importante, principalmente quando se analisa a perspectiva do ser professor. Forghieri (2004) propõe que na dimensão da temporalidade emergem duas categorias intimamente interligadas e paradoxais entre si: *a maneira preocupada de existir e a maneira sintonizada do existir*. A primeira maneira do existir constitui-se como um sentimento global de preocupação, que varia desde uma vaga sensação de inquietude, por ter-se que cuidar de algo, até uma profunda sensação de angústia. Tal maneira está presente em nossa vida cotidiana pessoal e profissional, intensificando-se em algumas ocasiões, como por exemplo, quando se sofre pressões em decorrência das múltiplas exigências de desempenhos e funções profissionais ou quando é preciso assumir decisões importantes. Todas as manifestações do modo preocupado de existir fundamentam-se, primordialmente, no próprio ser-no-mundo do indivíduo. O desejar, o recluir, o afligir-se são fundamentados *no cuidado, ou preocupação por algo*, inerente ao existir no mundo. (FORGHIERI, 2004, p. 36)

Paradoxalmente, embora preocupação e angústia sejam considerações básicas como parte da existência, consegue-se vivenciar momentos de sintonia e tranquilidade, quando o indivíduo encontra-se envolvido em algo (causa, projeto) ou com alguém. A manifestação mais profunda da maneira sintonizada do existir no mundo se constitui como a “relação Eu-Tu”. Esta pode surgir em decorrência da dinâmica do trabalho, nos encontros presenciais e à distância com os semelhantes, nos diálogos, nas leituras, quando se consegue completar satisfatoriamente um empreendimento difícil, ou, mesmo, quando se vivencia o “dar conta” de pequenas coisas nas quais se está muito envolvido. Espacializar significa o modo como se vivencia o espaço na existência. O ser humano procura racionalmente objetivar a espacialidade, localizando e denominando os lugares e as coisas que se encontram no mundo, considerando que ocupam espaço correspondente à sua dimensão e volume, com alguma distância entre si. No campo das relações interpessoais, isto também ocorre. Somos seres humanos situados física e historicamente num determinado local, lugar e num dado momento; somos e falamos desde determinado lugar, residimos em um endereço, situamo-nos nos os lugares onde trabalhamos, usufruímos do lazer. Elaboramos “mapeamentos” que nos possibilitam localizarmo-nos, fornecendo uma ideia da extensão do mundo onde vivemos. Assim, o ser humano além de se encontrar concretamente num determinado lugar, tem também a compreensão de seu próprio existir no mundo, relativo tanto ao local e às circunstâncias atuais como a outras circunstâncias vividas anteriormente assim como àquelas que desejaria ou receia vir a experimentar. Isso significa que o espacializar é passível de “expansividade”, de ultrapassagem dos limites do próprio ambiente concreto que circunda o ser humano. Essa expansividade pode ser mais ampla ou mais restrita, de acordo com a compreensão e o modo do existir no mundo.

Considerando que o objetivo central deste estudo consiste na busca por respostas às perguntas subsumidas na seção anterior, será tratado no próximo capítulo o estabelecimento de relações entre os conceitos e perspectivas de construção de identidades individuais e coletivas, tomando-se como referência básica, as contribuições de Alberto Melucci e Paul Ricoeur, dois autores que discutem processos de construção de identidades individuais e coletivas dentro de uma perspectiva existencial-fenomenológica. Esses autores assumem uma linha de pensamento reflexivo, calcada na perspectiva narrativa e dialética de um processo de construção de identidades, no qual o indivíduo é sujeito e também objeto da sua própria história; são ressaltados conceitos como: continuidades *versus* descontinuidades, a mesmice *versus* alteridade, ritmos internos *versus* ritmos externos, assim como a importância das vivências através das experiências cotidianas, as tensões entre a permanência no tempo e a visão de mudanças ao longo da vida, dentre outros conceitos.

#### **4. AS CONTRIBUIÇÕES DE ALBERTO MELUCCI <sup>30</sup> E O CONCEITO DE IDENTIDADE INDIVIDUAL E COLETIVA**

O processo de individuação necessita aceder ao tempo interno, àquelas dimensões corpóreas e afetivas que nos permitem ver, sentir, pensar e comunicar. Precisa construir conscientemente o campo da nossa experiência, jogando sempre novos jogos. Entretanto, sem a abertura de si mesmo para o outro, sem o envolvimento com os desafios de uma sociedade planetária grávida de potencialidades e de riscos, o percurso interior corre o risco de tornar-se fuga ilusória ou prisão muda (MELUCCI, 2004, 15-16)

Melucci explora sob o ponto de vista fenomenológico as questões dos sentidos e significados que subjazem às experiências cotidianas e sua interconexão com as relações interpessoais, entendendo que as transformações sociais e estruturais da modernidade incidem diretamente nos aspectos pessoais da experiência humana e vice-versa. Transformações sociais e a subjetividade do indivíduo se interligam de forma indissociável na obra do autor.

Para o autor, falar do conceito de identidade significa falar da identidade tanto no que se refere a um indivíduo, como também da identidade de um grupo específico. Porém, em ambos os casos, o conceito refere-se a três características: “[...] continuidade do sujeito, independentemente das variações no tempo e das adaptações ao ambiente; delimitação desse sujeito em relação aos outros; e capacidade de reconhecer-se e ser reconhecido” (2004, p.44). Logo, é difícil falar em

---

<sup>30</sup> Sociólogo e Psicólogo, professor na Universidade de Milão, Itália, tem contribuído, de forma diferenciada através de sua produção científica, para a compreensão dos processos de construção de identidades individuais e coletivas que se verificam na sociedade contemporânea. Falecido em 2001, é considerado um dos mais importantes pensadores sociais do final do século XX.

identidade sem fazer referência às suas raízes sociais e relacionais. As pesquisas no campo psicológico e sociológico confirmam que o processo de desenvolvimento da identidade individual ocorre dentro de uma relação circular com um sistema de delimitações. Os aportes da Psicologia Clínica e do Interacionismo na Sociologia sobre as estruturas elementares constitutivas da identidade, confirmaram o papel das interações primárias e a importância de reconhecer-se e de ser reconhecido nas experiências mais precoces da vida infantil. Com base nessas contribuições, as ciências sociais contemporâneas defendem a ideia de que o indivíduo e sistema constituem-se reciprocamente e que o sujeito só consegue tomar consciência de si mesmo na relação-delimitação perante um ambiente externo (MELUCCI 2004, p. 44-45).

Conforme o mesmo autor (id. ib., 45-46), a identidade define, portanto, a capacidade de falar e de agir, diferenciando-nos dos outros e permanecendo nós mesmos. Contudo, a autoidentificação deve gozar de um reconhecimento intersubjetivo para poder alicerçar nossa identidade. A possibilidade de distinguir-se dos outros deve ser reconhecida por esses “outros”. Logo, essa unidade pessoal que é produzida e mantida pela autoidentificação, encontra apoio no grupo ao qual pertence o indivíduo, na possibilidade de situar-se dentro de um sistema de relações. Cada um deve acreditar que sua distinção será, em toda a oportunidade, reconhecida pelos outros e que existirá reciprocidade no reconhecimento intersubjetivo (“Eu sou para Ti o Tu que Tu és para Mim”). Portanto, é impossível separar rigidamente os aspectos individuais e os aspectos relacionais e sociais (coletivos) da identidade. Na história individual, a identidade apresenta-se como um processo de aprendizagem que leva à autonomia do sujeito. As muitas vivências permitem o amadurecimento de uma capacidade para resolver os problemas propostos pelo ambiente e uma independência nas relações.

A interiorização do universo simbólico da cultura e a capacidade de interpretar culturalmente as necessidades substituem a dependência “natural” ao ambiente: num primeiro momento, como integração nesse universo simbólico e, depois, como processo de individuação que nos permite uma independência suficiente do sistema, tornando-nos capazes de produzir, de modo autônomo, aquilo que antes se necessitava receber dos outros. Por isso, a identidade é, em primeiro lugar, uma capacidade autônoma de produção e de reconhecimento do eu: situação paradoxal, porque se trata, para cada um, de perceber-se semelhante aos outros (portanto, de reconhecer-se e ser reconhecido) e de afirmar a própria diferença como indivíduo. O paradoxo da identidade é que a diferença, para ser afirmada e vivida como tal, supõe determinada semelhança e certa reciprocidade. Portanto, para o autor, é no processo da ação do indivíduo que a identidade coletiva se estrutura. Os indivíduos interagem, influenciam-se negociam no interior desses sistemas e produzem quadros cognitivos e motivacionais necessários para a ação. A motivação para participar

não deve ser concebida como uma variável apenas individual, mesmo quando referida aos indivíduos. Evidentemente, ela tem a ver com as características individuais e psicológicas e de personalidade, mas se constitui e se consolida na interação. “[...] Sobre a motivação, influi, de maneira determinante, a estrutura dos incentivos aos quais é atribuído e reconhecido valor próprio, a partir das redes de relações que ligam os indivíduos” (MELUCCI, 2001, p. 67).

Ainda sobre ação coletiva, o autor afirma tratar-se de um sistema de ação multipolar que envolve atores múltiplos e implica um sistema de oportunidades e de vínculos que dá forma às suas relações; organiza-se em três eixos, interdependentes e em permanente tensão: os fins da ação (sentido da ação para o ator), meios (possibilidades e limites da ação) e ambiente (campo em que se realiza a ação). Através da interação, da negociação e da oposição entre essas três ordens de orientação, os atores, ainda segundo Melucci, formam um *nós*, sendo capazes de definir-se e de definir a sua relação com o ambiente, os outros atores, os recursos disponíveis, as possibilidades e os obstáculos. Pode-se afirmar, então, que a identidade coletiva: “[...] é uma definição construída e negociada através das relações sociais entre os atores. Implica a presença de quadros cognitivos, de densas interações e também das dimensões afetivas e emocionais” (MELUCCI, 2001, p. 158).

A identidade, portanto, não é mais do que o resultado simultaneamente estável e provisório, individual e coletivo, subjetivo e objetivo, biográfico e estrutural, dos diversos processos de socialização que, em conjunto, constroem os indivíduos e definem instituições. Também no âmbito coletivo pode-se falar de identidade como aquilo que assegura ao grupo, ou à sociedade à qual pertencem, continuidade e conservação. A identidade estabelece, no tempo, quais são os limites de um grupo em relação a seu ambiente natural e social, regulando a inclusão do indivíduo em determinado grupo, definindo os requisitos, os critérios para que se reconheça e seja reconhecido como membro. O conteúdo dessa identidade e sua duração no tempo variam segundo o tipo de sociedade ou grupo ao qual se pertence. Visualiza-se hoje a identidade como produto de uma ação consciente e resultado da auto-reflexão, mais do que um dado ou uma herança. Somos nós que construímos nossa consistência e reconhecemo-nos dentro dos limites impostos pelo ambiente e pelas relações sociais. A identidade tende a coincidir com processos conscientes de individuação e é vivida mais como ação do que situação. A própria palavra “identidade”, para Melucci, é inadequada para expressar essa mudança, e seria melhor falar de *identização*<sup>31</sup> para expressar o caráter processual, auto-reflexivo e construído da definição de nós mesmos. O autor afirma:

---

<sup>31</sup> Em outros livros e artigos, Melucci retoma o conceito de identidade, mas mantém o significado de *identização* e reafirma a ideia de um processo contínuo de construção individual e coletiva por meio de passagens sucessivas, identificações que se renovam e se transformam.

Não podemos, portanto, conceber a nossa identidade como uma “coisa”, como unidade monolítica de um sujeito, pois é um sistema de representações. Respeitando os diferentes graus de complexidade poderemos falar de muitas identidades que nos pertencem: a pessoal, a familiar, a social, e assim por diante; o que muda é o sistema de relações ao qual nos referimos e diante do qual ocorre nosso reconhecimento. (2004, p. 47-48)

Melucci (1997) explicita que são, sobretudo, as situações críticas que revelam a nossa identidade e as suas debilidades. Conflitos decorrentes de expectativas contraditórias, de perda do pertencimento tradicional, do ingresso a um novo sistema de normas, podem comprometer a identidade. Porém, é possível enfrentá-los reestruturando a ação, segundo novas orientações, ou segmentando as esferas de vida para manter certa consistência, ao menos no interior de cada segmento. O conceito de identidade é evidentemente um elemento-chave da realidade subjetiva, portanto, acha-se em relação dialética com a sociedade. A identidade é formada por processos sociais e, uma vez cristalizada, é mantida, modificada ou mesmo remodelada pelas relações sociais. Os processos sociais implicados na formação e conservação da identidade são determinados pela estrutura social. Inversamente, as identidades produzidas pela interação do organismo, da consciência individual e da estrutura social reagem sobre a estrutura social dada, mantendo-a, modificando-a ou mesmo remodelando-a.

Em um mundo repleto de mudanças, as identidades estão em movimento, em uma dinâmica de desestruturação e reestruturação. A reflexão sobre os problemas da construção da identidade individual na sociedade complexa sugere a própria dificuldade de constituição da identidade coletiva. O ritmo de mudanças nos dias atuais sofre uma aceleração extraordinária. A multiplicação das nossas participações sociais e a quantidade excessiva de possibilidades e de mensagens ampliam desmedidamente o campo da nossa experiência. Ao mesmo tempo, enfraquecem as referências tradicionais que fornecem a possibilidade para a nossa identificação enquanto profissional (status quo, funções pré-estabelecidas e bem definidas, etc.) Torna-se difícil afirmar com segurança “eu sou X ou eu sou Y”. Temos que responder continuamente às seguintes perguntas: “Quem sou eu, enquanto profissional? Ainda somos aquilo que éramos? Poderemos ser ainda os mesmos diante das exigências do amanhã?

Olhamos o passado e o futuro através de lentes distintas, à medida que nos transferimos pelas regiões da experiência. Não temos mais a ‘casa’ e precisamos reconstruí-la continuamente, como os três porquinhos da história, ou devemos carregá-la nas costas, como caracóis na era da velocidade”. (MELUCCI, 2004, p. 61).

## 4.1 Os Desafios do Cotidiano

Melucci destaca que a discussão sobre processos de significações e identidades resgata os processos de significações que subjazem à existência através das experiências cotidianas:

A cada dia, todos os dias, esboçamos gestos rotineiros, movemo-nos ao ritmo de motivações externas ou pessoais, cultivamos memórias e projetamos o futuro. Assim como nós, todos os demais. As experiências cotidianas parecem minúsculos fragmentos isolados da vida, tão distantes dos vistosos eventos coletivos e das grandes mutações que perpassam a nossa cultura. Contudo, é nessa fina malha de tempos, espaços, gestos e relações que acontece quase tudo o que é importante para a vida social. É onde assume sentido tudo aquilo que fazemos e onde brotam as energias para todos os eventos, até os mais grandiosos. (2004, p.13)

As experiências cotidianas, tempos e os espaços sociais que ocupamos nas relações com os outros marcam o *para quê* e o *para quem* de nossas ações e de nossos dizeres; delineiam o que se pode dizer (e não dizer) desses lugares e sugerem modos de dizer e de fazer. Em um mesmo indivíduo, no caso do líder religioso, se articulam dialeticamente dois lugares sociais, distintos e complementares entre si – o mesmo e o outro. Na dinâmica interativa somos também o(s) nosso(s) outro(s). Papeis sociais e significados se articulam e contrapõem, harmonizam-se e rejeitam-se, configurando-se de modos distintos e semelhantes como sujeitos sociais. Portanto, a experiência torna-se um processo de construção e reconstrução, um produto gerado mais por relações e representações do que por leis naturais ou casualidades. A vida cotidiana carrega a marca de uma tensão irresolvida. De um lado, o impulso dinâmico para criar o espaço e os conteúdos da experiência; do outro, a necessidade de considerar os limites naturais intrínsecos da experiência. Um antigo símbolo taoísta, um círculo de jade com um furo central, expressa a relação entre plenitude e vazio, bem como representa perfeitamente essa tensão entre o limite e a possibilidade. O furo aberto, o vazio, introduz no existir o espaço de uma pergunta que lhe transcende, mas que, ao mesmo tempo, fica circunscrito pelos limites que a matéria impõe. (MELUCCI, 2004, p.14)

O autor afirma que afirma que o ritmo acelerado da mudança, a multiplicidades de papeis que desempenhamos, o excesso de possibilidades e de mensagens ampliam nossa experiência cognitiva e afetiva, numa medida sem paralelo com qualquer cultura precedente da humanidade. Faltam os pontos de referência que permitiam aos indivíduos e grupos, no passado, construir a continuidade de suas existências. Cada vez mais remota torna-se a possibilidade de responder com

segurança à pergunta “quem sou eu?”; nossa presença<sup>32</sup> necessita de pontos de apoio, e nossa própria história pessoal às vezes vacila. A busca de uma morada para o eu transforma-se numa vivência obrigatória, e o indivíduo deve construir e reconstruir a própria casa diante das prementes mutações dos eventos e das relações.

Ao elaborar este estudo, procura-se seguir os rastros dessa busca na experiência individual e nos fenômenos coletivos contemporâneos, buscando desvendar suas potencialidades e dilemas. Um mundo que vive a complexidade e a diferença não pode fugir da incerteza e exige que os indivíduos saibam moldar-se às necessidades sem alterar a própria essência. Isso explicaria também o porquê da experiência com relação ao *tempo* é tão diversificada. Enquanto o ocidente sempre concebeu o tempo como uma categoria relacionada com o presente, passado e futuro, muitas culturas tribais, por exemplo, não fazem distinção entre eventos *internos e externos*, relacionando a variedade dos tempos à diversidade dos eventos; dessa forma, existem tempos distintos para as diversas experiências<sup>33</sup>.

Retornando a Melucci, salientamos que este destaca três figuras que representam simbolicamente a dimensão do tempo (as metáforas do tempo) que costumam aparecer na história das culturas, mas que também falam dos diversos modos de vivências exercidas no nosso cotidiano: o círculo, a flecha e o ponto. Com relação ao círculo, o tempo é percebido e vivido como um retornar cíclico de todas as coisas, segundo a lei imposta por um evento primário e atemporal, que se repete nos fenômenos visíveis e então governa seu regular aparecimento e desaparecimento: é o tempo que se origina no mito, como, por exemplo, a história da fundação da tribo; ou o tempo sacro. Portanto, as coisas repetem-se e nada é definitivamente adquirido ou perdido, em analogia com os grandes ciclos da natureza, nos quais essa imagem busca explicitamente inspiração. A evocação da natureza está presente em culturas bem distintas entre si, tanto espacial como temporalmente – daquela chinesa à dos índios da América ou na Idade Média europeia – e, reflete a posição privilegiada que todas as culturas tradicionais dispensaram aos ritmos profundos da natureza.

A época moderna, ou seja, o Ocidente da racionalidade técnica, tem imposto a figura da *flecha e do ponto*. Segundo Melucci, esta surge no horizonte histórico como herança judaico-cristã. O cristianismo mantém a imagem cíclica do tempo e introduz também uma ideia diferente: a gênese e

---

<sup>32</sup> Presença: no texto indica a percepção consciente do momento que está sendo vivido.

<sup>33</sup> Os índios hopis, segundo Melucci, distinguem entre um tempo que está, o dos objetos, e um tempo que está por manifestar-se, o tempo das experiências subjetivas, dos sentimentos e das emoções. O tempo apresenta-se como uma multiplicidade de eventos, cada qual caracterizado por sua própria dimensão temporal, e é necessária muita habilidade para distinguir entre essa variedade, em que as coisas não ocorrem todas no mesmo plano.

o fim do mundo assinalam os limites de um percurso linear. A história do mundo é a história da queda e da salvação. A história da salvação, que se desenrola sobre uma *linha do tempo* cujo sentido mais profundo está no fim do caminho. A figura do círculo é substituída pela flecha, e o tempo, assim, segue um rumo, tem uma finalidade objetiva e fechada que é também o seu fim, ou seja, o *ponto* final que dá sentido a todo o percurso precedente e ilumina as passagens intermediárias. Experimentamos, portanto, um tempo cada vez mais fragmentado, e a figura do ponto representa perfeitamente a percepção de uma sequência descontínua, mista, heterogênea, uma sucessão de momentos temporais muitas vezes desconexos entre si. No entanto, para o autor, não há como descartar também o nosso vínculo com a perspectiva circular do tempo, pois, paradoxalmente, vivemos ainda outros entrelaçamentos entre as dimensões do tempo. Por exemplo, o futuro, o porvir, prepara-se dentro das condições e dos vínculos que o nosso passado constituiu-se. “[...] Portanto, o futuro está contido no passado e dele brota, pelo menos no que tange ao fato de que não podemos apagar o que fomos e nunca poderemos ter todas as possibilidades a nosso dispor” (MELUCCI, 2004, p.23).

Nesse contexto, julga o autor, a figura ideal que melhor representa a dimensão individual do tempo e seus ritmos (internos e externos), é a figura do *espiral*. A figura do espiral aparece em culturas e em tempos bem distintos, dos impérios mesopotâmicos à alquimia medieval. O espiral fala da possibilidade de unir o ciclo e a flecha na rotação ao redor de um ponto: o movimento circular e o impulso para frente são agregados pela necessidade de ancorar-se no centro. O espiral é uma figura fascinante, porque, segundo Melucci, é um desafio aos dilemas do tempo, uma tentativa de dar forma ao desejo mais profundo, que nos anima cada vez que se encontra a pluralidade de dimensões e de movimentos que constituem a experiência temporal: no movimento circular que avança no espaço se expressa o sonho, demasiado humano, de que fluir também possa ser um conserva-se, conclui o autor:

[...] A linha, mais externa e próxima ao tempo do relógio, alia-se, assim, a experiência do círculo que assinala de modo evidente nossa relação interior com o nosso corpo e com a nossa história pessoal. Quando falamos de nossa vida, não podemos fugir ao círculo que conecta memória e projeto. (MELUCCI, 2004, p. 24)

Refletindo sobre a dimensão do tempo interligado aos desafios do cotidiano discutida nos trabalhos de Melucci (1989, 1997, 2001, 2004), refere-se à tensão entre imutabilidade e dinamicidade ou a ideia de tensão entre permanência e mudança: permanência como continuidade no tempo, integrando passado, presente e futuro; mudança como construção histórica, implicando

ao longo da vida, reajustes e adequações aos diferentes contextos. Para o autor, a permanência de um sujeito no tempo garante sua continuidade ao integrar passado, presente e futuro, articulando-o em uma biografia individual que lhe permite diferenciar-se dos demais. Portanto, a identidade é o conjunto de representações do eu pela qual o sujeito comprova que é sempre igual a si mesmo e diferente dos outros.

Nessa direção, a permanência desempenha um papel estruturador, dá coerência aos acontecimentos da vida do indivíduo e à sua biografia e estabelece uma ponte entre a experiência pessoal e individual.

## 5. A PERSPECTIVA DE PAUL RICOEUR<sup>34</sup> E CONCEITO DE IDENTIDADE INDIVIDUAL E COLETIVA: MESMICE, IPSEIDADE E ALTERIDADE

Paul Ricoeur, na obra *Do Texto à Ação*, situa sua trajetória filosófica em três níveis: a) como filosofia reflexiva; b) como fiel à influência da Fenomenologia de Husserl; c) como hermenêutica dessa Fenomenologia. Reafirmando a influência da fenomenologia husserliana, declara que a sua filosofia pretende ser uma variante desta. Para Ricoeur, a grande descoberta da Fenomenologia é o conceito de *intencionalidade*: que consiste na supremacia da consciência *de algo* sobre a consciência de si. O filósofo também opta pelo exercício da reflexão aplicada à objetividade do vivido, do pensado e esforça-se, ao mesmo tempo, por edificar uma hermenêutica restauradora do sentido. Seu projeto traduz uma preocupação epistemológica em unificar e não dissociar a compreensão e a explicação, focalizando-se numa relação dialética entre a construção da identidade pessoal e a perspectiva da identidade narrativa.

Ao desenvolver um processo reflexivo sobre identidade individual e pessoal, Ricoeur (1991, p.140-142) afirma que o si-mesmo como um outro é uma reflexão em torno da dialética entre 'ipseidade' e 'mesmice' e 'ipseidade' e 'alteridade'. Assumir a perspectiva de Ricoeur significa que as concepções de *ipseidade*, *mesmice* e *alteridade* passam a ser fundamentais na formulação do conceito de identidade individual e coletiva na busca pela compreensão sobre o significado do ser professor hoje.

A identidade é composta da identidade *idem* e da identidade *ipse*. Com relação a identidade *idem* (do latim *idem*: mesmo) é a mesmice do eu, o ser idêntico a si mesmo, o eu constante através do tempo. O termo inglês mencionado pelo autor para a mesmice é *sameness* e o termo em alemão é

---

<sup>34</sup> Paul Ricoeur nasceu na cidade de Valence, França, em 1913, formando-se nas tradições existencialista e fenomenológica. Ele desenvolve a sua reflexão no campo da teologia, filosofia, além da crítica literária francesa. Em 1948, Ricoeur obteve o posto de professor em Estrasburgo e a partir de 1957 foi professor na Universidade de Paris X.

*Gleichheit*. Ricoeur (1991, p.140-142). Fundamentada na permanência de uma substância imutável, de um substrato, de uma estrutura que o tempo não afeta, a mesmice liga-se à permanência do tempo e é um conceito de relação e um conceito de relação de relações. Ricoeur distingue quatro formas de mesmice: a) a *identidade numérica*, onde duas ocorrências não formam duas coisas diferentes, mas “uma única e mesma coisa”. Identidade aqui significa unicidade: o contrário é pluralidade (não uma, mas duas ou várias). A esse primeiro componente de noção de identidade ‘conhecer é reconhecer a mesma coisa duas vezes ou *n* vezes; b) a *identidade qualitativa*, onde ocorre uma semelhança extrema. Um exemplo dessa mesmice é o fato de pessoas que vestem a mesma roupa, ou roupas semelhantes; c) a *continuidade ininterrupta*, onde a pessoa é a mesma desde o nascimento até a morte, o carvalho que será sempre carvalho e de um animal que será sempre animal, por exemplo; e d) a estrutura invariável ou a permanência no tempo de um objeto. Como exemplo, temos o código genético de um indivíduo biológico que estaria permanente presente no tempo cronológico.

Referindo-se à identidade *ipse* (do latim *ipse*: o mesmo pessoalmente, mesmo em pessoa), Ricoeur afirma ser ela compreendida como um processo de construção de identidade reflexiva e narrativa, estruturada dialeticamente pela sua interação com o outro (*alteridade* - do latim *alter*: o outro). Ao contrário da *mesmice*, a *ipseidade* é dinâmica, sujeita a mudanças. Segundo Ricoeur, a questão da *permanência no tempo* liga-se exclusivamente à identidade-*idem*. No entanto, a perspectiva da mesmidade não se torna um ameaça em si, pois a sua perspectiva contribui fortemente para a consolidação de uma organização que permanece invariante ao longo da vida. Toda a problemática da identidade individual e pessoal, “[...] gira em torno dessa busca de um invariante relacional, dando-lhe significado forte de permanência no tempo” (RICOEUR, 1991, p.143).

### 5.1 A Noção de Caráter, Traços e Signos Distintivos

A predominância da identidade-*idem* não dificulta processos de mudanças na vida. Pois a permanência do tempo, para o autor, dispõe-se de dois modelos de permanência no tempo: o *caráter* e a *palavra considerada*. Ricoeur (1991, p.140-142). Como *caráter* considera-se os valores assumidos ao longo de cada trajetória pessoal e profissional, como a docência, por exemplo. A *palavra* resulta em um processo de construção de sentidos, representações e significados alicerçados e interligados aos valores assumidos; portanto, *caráter* e *palavra considerada* são fatores interligados, numa relação de permanência no tempo resultando que a permanência do caráter exprime a problemática do *idem* e do *ipse*, segundo Ricoeur. O *caráter* designa-se também

como um “traço”, “marca” ou um “signo”, compreendido como um “conjunto de disposições duráveis com que reconhecemos uma pessoa”. (RICOEUR, 1991, p.140-146). Tais elementos permitem descrever uma pessoa, pois acumulam a identidade numérica, qualitativa, a continuidade ininterrupta e a permanência no tempo. O caráter na identidade da mesmidade não oferece em si surpresas, não surpreende as outras pessoas com algo inesperado, inacreditável. O caráter é a sedimentação que confere a espécie de permanência no tempo que Ricoeur interpreta como o recobrimento do *ipse* e do *idem*. A noção de caráter une-se à noção de hábito e é o que proporciona a visualização histórica ao caráter, conforme o autor. Cada hábito adquirido e tornado disposição durável constitui um traço, isto é, um signo distintivo com o *que* reconhecemos uma pessoa, identificamo-la novamente como a mesma, não sendo o caráter outra coisa que o conjunto desses signos distintivos; como já comentado anteriormente, é o que nos distingue das outras pessoas, inclusive daquelas que convivem por longos anos, como é o caso de uma família ou das pessoas que trabalham juntas.

No caso dos líderes religiosos, por exemplo, podemos perceber algumas particularidades próprias, específicas de cada um deles ao construir o seu próprio processo de “liderança”; mas também é possível perceber alguns traços em comum na ação de ser líder mesmo que eles atuem em instituições diferentes; por exemplo: aconselhar, pregar, dirigir reuniões, visitar membros, formas de vestir-se, de comunicar-se, de celebrar cultos e de relacionar-se com os membros. Portanto, a noção de hábito liga-se ao conjunto das “[...] identificações adquiridas pelas quais o *outro* entra na composição do mesmo” (RICOEUR, 1991, p. 147).

Conclui-se que a identidade de um líder, de uma certa comunidade religiosa, por exemplo, é constituída dessas *identificações-com* valores, normas, ideais, modelos, heróis, nos quais, a comunidade se reconhece. O reconhecer-se *no* contribui para o reconhecer-se *com*. A identificação com figuras religiosas manifesta claramente essa alteridade assumida; mas esta já é latente na identificação com os valores que faz com que se ponha uma “causa” acima de sua própria vida; constituindo-se assim num elemento de lealdade, de simetria, incorporando-se aos valores assumidos ao longo da sua trajetória pessoal e profissional, ou seja, o caráter assumido pelo indivíduo transformar-se em fidelidade, portanto, à manutenção de si. Aqui, portanto, os polos de identidade se compõem.

Ricoeur (1991) estabelece a distinção entre a *identidade de si* e a *identidade do mesmo*. Essa distinção corresponde ao conceito de *palavra mantida* e da *palavra dada* respectivamente. Um modelo de permanência no tempo, diferente daquele do caráter, é o da *palavra mantida* na fidelidade à *palavra dada*. Enquanto a dimensão do caráter de *identificações com* estabelece uma

permanência do tempo relacionado ao *com*, aqui se estabelece uma relação do *quem*. Afirma o autor:

A palavra mantida afirma uma manutenção de si que não se deixa inscrever, como o caráter, na dimensão de alguma coisa em geral, mas unicamente naquela do quem. Uma coisa é a perseverança do caráter; uma outra, é a perseverança da fidelidade à palavra dada”. (RICOEUR 1991, p. 148-149)

Na *palavra mantida* estabelece-se uma permanência no tempo, no decurso do qual o indivíduo conserva suas ações e relações; o indivíduo se compromete com os outros indivíduos, com um ideal e mesmo com as questões profissionais. No entanto, esse processo não é exclusivamente fechado estaticamente em si-mesmo, mas é dinâmico. A permanência no tempo estabelece uma relação de reciprocidade, como explica Ricoeur: “A manutenção de si é para a pessoa a maneira de se comporta tal que o outro possa contar com ela. Porque alguém conta comigo, eu sou responsável por minhas ações diante do outro” (1991, p.195).

A revelação da presença da alteridade na relação da *palavra dada* é muito clara no pensamento do autor: a *palavra dada* está diretamente interligada à dialética da relação entre ipseidade e alteridade. É, nesse sentido, uma constância de ser, de comportar-se e de relacionar-se com o outro e não somente e unicamente consigo mesmo. Isto significa que para o autor, o [...] “opor-se à mesmice do caráter à manutenção de si mesmo na promessa abre um intervalo de sentido.” (RICOEUR, 1991, p. 150). Esse intervalo de sentido abre um espaço, um “meio” de interligação, entre um sentido de ser, entre a mesmice e a ipseidade. Esse espaço é ocupado pela noção de identidade narrativa. O indivíduo narra a sua história, a sua realidade, as suas idéias, as suas *identificações-com*, as características do seu caráter. É através dessa narrativa que o próprio indivíduo se dá a conhecer e se conhece melhor.

## 5.2 A Concepção Narrativa de Identidade Individual e Coletiva

O passo importante em direção a uma concepção narrativa de identidade individual do líder religioso é dado quando se passa da ação do personagem, ou seja, do fazer ao narrar, do ser o agente da ação à situação de ser personagem da ação. Tomada na perspectiva da identidade do ser líder religioso, seria a passagem do desenvolvimento de atividades religiosas à narrativa sobre a

sua ação, tornando-se ele o personagem da sua própria ação. Assim, a identidade narrativamente compreendida pode ser chamada de identidade do personagem, pois, ao narrar sua história, o indivíduo torna-se, ao mesmo tempo, sujeito e objeto, autor e ator. A pessoa fala de si e ao olhar desde si, ela se vê, se compreende, toma consciência de si. Da correlação entre ação e personagem na narrativa, resulta uma dialética interna ao personagem, e se constitui o intervalo de sentido. É nesse intervalo de sentido que se constitui o espaço de significação e ressignificação da identidade do ser líder religioso, onde se confrontam dialeticamente a mesmice e a ipseidade, onde se reconstitui a dinâmica do movimento.

A dialética entre a ipseidade e a alteridade tem uma dimensão fundamental, pois impede a permanência do solipsismo<sup>35</sup> e evita o perigo de uma relação da mesmice e da ipseidade somente consigo próprio. Essa dialética provoca o movimento da relação com outros indivíduos e possibilita ao indivíduo ver-se “do lado de fora”. A dialética entre a ipseidade e a alteridade não se constitui como oposição, mas como desencadeadora de um movimento dinâmico. A identidade narrativa mantém unidas as duas pontas do elo: a permanência do caráter no tempo e da manutenção de si. A tarefa da identidade narrativa consiste, então, em pôr em equilíbrio os traços imutáveis que esta deve à ancoragem da história de uma vida em um caráter e os que tendem a dissociar a identidade do si da mesmice do caráter. Ricoeur afirma que “[...] tornando narrável o caráter, a narrativa restitui-lhe o movimento, abolido nas disposições adquiridas, nas identificações-com sedimentadas” (RICOEUR, 1991, p. 196).

Detendo-nos no processo de construção da identidade do ser um líder religioso e da sua prática pastoral, admite-se que a identidade narrativa exerce um papel muito importante; ela possibilita ao líder religioso a compreensão da passagem da ação pastoral à caracterização do “ser líder” no plano individual e coletivo. Permite assim visualizar a oportunidade do intervalo de sentido como a visualização do espaço entre a permanência do caráter no tempo e a dinâmica da transformação, da mudança. Ela permite também perceber e fortalecer a manutenção de si através da consciência da *palavra dada*.

Dito isto, nos próximos capítulos serão tratados reflexões acerca do objeto de estudo do fenômeno em vista: descrição e compreensão de questões acerca do significado do ser líder por parte de representantes que exercem funções de liderança em igrejas pentecostais e neopentecostais, como os chamados ditos ‘pastores’, onde são treinados, formados e ungidos na própria comunidade local.

---

<sup>35</sup> O indivíduo que vive para si mesmo de forma egoísta, solitário.

## 6. O OBJETO DE ESTUDO ACERCA DO FENÔMENO: O MUNDO DA VIDA DOS LÍDERES RELIGIOSOS PENTECOSTAIS E NEOPENTECOSTAIS (PENTECOSTALISMO AUTÔNOMO)

Após a exposição das diferentes abordagens acerca da liderança e do aporte da Fenomenologia para compreender o significado e o processo de construção de identidades individuais e coletivas do ser líder religioso, nesse capítulo abordar-se-á os aspectos histórico-conceituais do pentecostalismo e neopentecostalismo e suas implicações frente ao mundo da vida dos líderes religiosos a partir de reflexões acerca da prática (práxis) pastoral.

Na visão dos autores Alves e Adam (2017), diante da complexidade em definir os diferentes conceitos e entendimentos acerca do pentecostalismo como movimento e organização social religiosa na sociedade brasileira, os mesmos afirmam que é possível utilizar a classificação proposta por Paul Freston intitulada de *Três Ondas: A primeira onda*, também conhecida como pentecostalismo clássico, começou no início do século XX, em 1910, através de duas igrejas principais: a Congregação Cristã de 1910 e a Assembleia de Deus de 1911. *A segunda onda* do pentecostalismo começou no início da década de 1950 (a Igreja do Evangelho Quadrangular é a mais conhecida entre as igrejas desse período). *A terceira onda* inicia-se a partir do final da década de 1970, o que hoje é conhecido como os neopentecostais, sendo a Igreja Universal a mais conhecida desse movimento.

Cunha (2019), a ação pentecostal no país é historicamente marcada por presença mais voltada à população empobrecida e às periferias das cidades. Essa prática tornou possível maior enraizamento nas culturas populares, com lugar garantido para a emoção e expressões corporal e musical, ainda que marcada por um puritanismo de restrições morais e culturais. Isso deu aos grupos pentecostais condições de consolidação nos espaços religiosos e crescimento numérico mais expressivo.

Com relação aos neopentecostais, os mesmos também são conhecidos como pentecostais autônomos, como afirma Bittencourt:

Por apresentarem peculiaridades doutrinárias e práticas religiosas singulares, bem como por não reivindicarem vínculos históricos explícitos, chamamos esse conjunto de 'Pentecostalismo Autônomo'.

A Igreja Universal do Reino de Deus é a representante mais conhecida desse grupo devido a sua constante presença na mídia. Algumas outras representantes endossam o grupo: Brasil para Cristo, Deus é Amor, Casa da Bênção, Nova Vida, Cristo Vive, Renascer em Cristo, Sara Nossa Terra, dentre outras (BITTENCOURT, 2003, p. 122)

Para Bittencourt (2003), o pentecostalismo desde cedo despontou pela força do seu lado espontâneo de ser movimento, de manter estruturas flexíveis, de sua capacidade de adaptação à cultura popular, de seu fervor religioso e de seu messianismo enfático. Ainda segundo os autores, o pentecostalismo foi considerado como um dos fenômenos religiosos mais importantes do século XX:

Considerado como um dos mais importantes fenômenos religiosos do Século XX, o pentecostalismo desperta uma forma de imobilismo entre aqueles que o tomam por uma ameaça a todas as formas institucionalizadas de cristianismo. Não faltam também aqueles que se deslumbram perante as inegáveis qualidades do movimento pentecostal e, por isso mesmo, adotam uma postura mimética buscando reproduzir pragmaticamente suas fórmulas homiléticas, doutrinárias e litúrgicas mais exitosas (BITTENCOURT, 2003, p. 116)

Enquanto o pentecostalismo clássico é caracterizado por uma estrutura fortemente congregacional, desde o ponto de vista eclesiológico, o neopentecostalismo também chamado de *pentecostalismo autônomo* “é uma igreja episcopal, uma igreja de necessidades, uma igreja de mercado, uma igreja-supermercado” (DREHER, 2007, p. 244).

Ainda na concepção de Dreher (2007), a Igreja Universal do Reino de Deus (IURD), como exemplo de igreja neopentecostal, tem uma estrutura centralizadora em torno de seu fundador e primeiro bispo, que por estatuto exerce uma gestão autocrática e vitalícia e de caráter unilateral nos seus discursos. Conforme o autor, o crescimento da IURD acabou estimulando a necessidade de criar outros bispos, mas a estrutura continua sendo centralizadora, onde esses bispos enquanto líderes das congregações locais, devem prestar contas à IURD e não a congregação local em si.

Bittencourt (2003, p.184 -187), afirma que o Pentecostalismo Autônomo, “inclui uma gama de formas religiosas nas quais um dos traços comuns é o empenho na elaboração de sínteses entre conteúdos de religiões milenares”, onde segundo o autor, é possível encontrar nesses traços comuns, “as religiões orientais, os esoterismos e a religiosidade popular em suas mais diversas manifestações”.

O autor ainda diz que outro traço comum dos novos movimentos religiosos, incluindo-se o neopentecostalismo, “é a experiência mística, o que corrobora a antiga tese de que a religiosidade predominante no Brasil, desde sempre, é de natureza gnóstico-iniciático-espírita” (BITTENCOURT, 2003, p. 185).

Nesse sentido, ainda na visão do autor, nessa busca generalizada estariam embutidas tanto a rejeição quanto a compensação ao modelo secularista dominante, adotando-se um *individualismo radical* (um líder voltado para si mesmo), uma vez que fora de si nada seria seguro e nem objetivo.

Para Bittencourt (2003), seria a hipertrofia da subjetividade, em detrimento da objetividade, conduzindo o processo a um divórcio entre as esferas privada e pública, com forte desprestígio desta última, isto é, rompendo fortemente as noções de representatividade e de participação política. O autor ainda afirma que tal modalidade de individualismo pode também produzir uma identidade fragmentada e uma percepção social desprovida de qualquer historicidade, ou seja, pragmaticamente situada no presente (BITTENCOURT, 2003, p. 187). Diante desse quadro, o valor da experiência religiosa é exacerbado, convertendo-se no critério supremo e determinante da espiritualidade. Dessa maneira, irracionalidade, espontaneidade e emocionalismo se associam numa só dinâmica religiosa, afirma o autor.

Outro traço marcante, segundo o autor, é a busca profunda e transcendente do “eu interior”, mesclada com a busca do divino que, com frequência, tornam-se indistintas. Tal busca consiste no seguimento de trajetórias místicas muito bem ornamentadas com símbolos religiosos que convergem para um encontro com a profundidade psíquica. Nessas atividades místicas, o princípio mais fundamental é aquele que conduz à unidade do eu com uma totalidade cósmica, de modo que cada um se “insira e se dissolva” na totalidade divina, na maioria dos casos, idêntica a natureza (BITTENCOURT 2003, P. 189)

Num esforço de síntese, o mesmo autor ainda declara que podem ser detectados no Pentecostalismo Autônomo alguns elementos constantes e constitutivos dessa religiosidade como: “a divinização da pessoa humana (do líder religioso, por exemplo); a unidade entre o micro e o macrocosmo, ênfase mágico-extática” (BITTENCOURT 2003, P. 191)

Outro traço marcante do pentecostalismo autônomo é a pregação da Teologia da Prosperidade.

Cunha (2019), diz que grupos cristãos estadunidenses adequaram seu discurso à nova ordem mundial e criaram a Teologia da Prosperidade. Para a autora, uma parcela de pentecostais brasileiros passou a pregar que as bênçãos de Deus, na forma de prosperidade material (posse de finanças, saúde e felicidade na família), são concedidas aos fiéis que se empenham nas práticas de devoção aliadas às ofertas em dinheiro às igrejas. A elas também é destinada a prosperidade, por meio de amplo número de fiéis, ocupação geográfica, aquisição de patrimônio e influência no espaço público. Os estudiosos da religião dizem que se trata de uma relação de troca com Deus, bem própria do clima social estabelecido pelo mercado neoliberal.

Bittencourt (2003) concorda com Cunha (2019), quando o mesmo afirma que as denominações e movimentos que integram o Pentecostalismo Autônomo, oferecem uma proposta religiosa formulada em três vertentes interdependentes: cura, exorcismo e prosperidade. Além disso, apostam numa oferta incessante de bens simbólicos e não investem na formação de

comunidade. Em vez de comunidade, o Pentecostalismo Autônomo investe no coletivismo, bem ao modo da cultura de consumo do mercado total.

Cunha (2019), complementando as reflexões postas, afirma que como essa noção de prosperidade também tem a dimensão da saúde plena, as propostas de cura se amplificaram, bem como se intensificaram as práticas de exorcismo contra os males (demônios) que impedem a felicidade. Isso representou um reprocessamento de elementos da matriz religiosa brasileira com a farta (re)utilização de símbolos e representações do catolicismo e de religiões de terreiros.

Outro aspecto a ser destacado é a exorbitância de títulos e adjetivos como parte integrante do discurso do Pentecostalismo Autônomo, pontua Bittencourt. Trata-se de uma das ferramentas utilizadas para a aludida inversão da realidade, pois transforma em “príncipes” e “princesas” aqueles que carecem de dignificação. Corroborando também a autoridade e o poder das lideranças, que são geralmente alcunhadas de “anjos”, “apóstolos”, “bispos”, “mensageiros de Deus” e congêneres. Essa simbólica de poder religioso instiga nos adeptos do Pentecostalismo Autônomo uma suposta superioridade espiritual que justifica quaisquer formas de autodefesa, assim como o ataque indiscriminado contra todos os possíveis adversários ou concorrentes (BITTENCOURT, 2003, p. 202).

Bittencourt (2003, p.204) ainda afirma que “a busca do poder é a tônica da espiritualidade dos pentecostalismos, onde essa busca se faz presente no discurso religioso-doutrinário como uma ideia-força que distingue os pentecostais dos demais evangélicos”.

Na visão de Cunha (2019), cura, exorcismo e prosperidade tornaram-se marcas de uma nova forma de pentecostalismo, que deixava de enfatizar a necessidade de restrições de cunho moral e cultural para que se alcançassem as bênçãos divinas. A autora complementa ainda suas reflexões afirmando que o crescimento pentecostal passou a exercer influência decisiva sobre o modo de ser de demais igrejas cristãs. A influência se concretizou de maneira especial no reforço aos grupos chamados “avivalistas” ou “de renovação carismática”, que têm similaridade de propostas e posturas com o pentecostalismo e que, em busca de crescimento numérico, passaram a conquistar espaços importantes na prática religiosa das Igrejas chamadas históricas, incluindo a Católica.

A relação entre determinados seguimentos do pentecostalismo com a visão de uma igreja a serviço da mídia também é pontuado como sendo uma das características centrais desse movimento. Cunha (2019), diz no seu artigo que na virada para o século 21, pastores e líderes neopentecostais tornaram-se empresários de mídia e detentores do que se poderia chamar “verdadeiros impérios” no campo da comunicação, buscando competir até mesmo com empresas não religiosas historicamente consolidadas (os casos da Universal do Reino de Deus, Renascer em Cristo e Internacional da Graça de Deus). Chegou ao ponto de alguns desses grupos religiosos já

nascem midiáticos, isto é, a interação com as mídias passaram a fazer parte de sua própria razão de ser.

Ainda sobre os processos midiáticos no pentecostalismo, Bittencourt (2003, p. 208) diz que “tais investimentos ocorrem desde programas radiofônicos de âmbito regional, até a aquisição e manutenção de redes nacionais de TV, passando pelas FMs e canais por assinatura”.

Cunha (2019), é taxativa afirmando que tudo isso leva ao mercado da religião cristã, onde os cristãos tornaram-se um segmento de mercado com produtos e serviços especialmente desenhados para atender às suas necessidades religiosas, sejam de consumo de bens, sejam de lazer e entretenimento. Passou a ser possível encontrar produtos os mais variados, como roupas, cosméticos, doces, viagens, filmes e jogos com marcas formadas por slogans de apelo religioso, versículos bíblicos ou, simplesmente, o nome de Jesus.

A concepção do “chamamento divino” como resultado de uma experiência “místico-sobrenatural” obtida no contato com o Sagrado para assumir o exercício e função pastoral na igreja, é uma marca do pentecostalismo/neopentecostalismo, onde será mais aprofundado na próxima seção, a partir das ideias de Rudolf Otto e Robert Clinton.

### **6.1 A Teologia do Chamado Divino no Contexto do Pentecostalismo e Neopentecostalismo, a Partir das Ideias de Rudolf Otto**

No contexto Pentecostal e Neopentecostal a caracterização da *experiência mística* atribuída à ação do Espírito Santo na vida do indivíduo e da comunidade, torna-se um fator determinante enquanto movimento teológico, doutrinal e institucional. Essa ação do Espírito Santo leva os fiéis a falarem línguas estranhas como sinal de sua presença, atribui dons especiais ao seu povo como os dons de profecia e cura pela oração, assim como também a vocação e o chamado divino sacerdotal seletivo (para alguns), atribuindo-lhes empoderamento, unção divina e capacitação para o exercício da função de liderança pastoral (ser líder religioso).

Essas manifestações do sagrado e experiências místicas acerca do *chamado divino*, são percebidas e captadas a partir da realidade de cada pessoa em potencial, tornando-se assim interessante na medida em que visualiza-se e estabelece relações com as ideias de Rudolf Otto no seu livro “O Sagrado”.

Rudolf Otto, afirma que o entendimento acerca de experiências e manifestações religiosas - como um chamado divino, por exemplo - devem ser compreendidas como reflexos da numinosa sensação e autopercepção por parte de certos indivíduos. Para o autor, a visão do “Numinoso” (do latim *omen* – *ominoso*, de *numen* ‘*numinoso*’), é o reconhecimento do *Sagrado*, o *Elemento Vivo*, como “presença marcante”. Otto diz também: “Ele (Numinoso) também apresenta uma designação

própria, que é o hebraico *qadôsh*, ao qual correspondem o grego *hágios* e o latino *sanctus*, e com maior precisão ainda *sacer*". (OTTO, 2011, p. 38).

O autor ainda afirma que detectar e reconhecer algo como o "Sagrado" (*heilig*), não é necessariamente reconhecer um conceito moralista de ser "*perfeitamente bom*", mas que esse reconhecimento está intimamente interligado às diferentes compreensões e entendimentos acerca do próprio Numinoso e suas implicações frente à experiência religiosa como categoria de interpretação e valoração e de sentimentos internos (*Gefühl des Numinosen*), psíquicos e de percepções da divindade (OTTO, 2011, p. 37-38).

Para o autor, citando Schleiermacher, o conceito de "sentimento de dependência", é algo que trata de um sentimento confesso de dependência que, além de ser muito mais do que todos os sentimentos naturais de dependência, é ao mesmo tempo algo qualitativamente diferente. Otto afirma que, ao procurar um nome para isso, depara-se com o *sentimento da criatura* – o sentimento da criatura que afunda e desvanece em sua nulidade perante o que está acima de toda a criatura (OTTO, 2011, p. 41).

Nesse sentido, a configuração de um possível chamado divino pentecostal/neopentecostal é o próprio reconhecimento do Numinoso (Sagrado), onde este se manifesta a partir das sensações e experiências místicas autoperceptivas, ou seja, uma sensação sobre a minha própria condição peculiar frente ao processo de chamado e de construção da liderança pastoral, por exemplo. Segundo Otto citando Schleiermacher, diante de uma relação de sentimentos de dependência, na busca por uma causa fora de mim, é que se chega ao divino. O autor diz ainda que "o sentimento de criatura na verdade é apenas um efeito colateral, subjetivo, é por assim dizer a sombra do outro elemento de sentimento que se deve em primeiro lugar e diretamente a um "*objeto fora de mim*" (OTTO, 2011, p. 42)

Otto reflete que se for encarado o aspecto mais básico e profundo em cada sentimento e experiência mística e forte de espiritualidade, pode temporariamente excitar e invadir como um poder sobrenatural, ou se o mesmo for acompanhado com empatia e sintonia em outros lugares, nos fortes surtos de espiritualidade e suas manifestações no estado de espírito, no caráter solene e na atmosfera de ritos e cultos, naquilo que rondas igrejas, templos, prédios e monumentos religiosos, emergirá a sensação do *mysterium tremendum* (mistério arrepiante) como, por exemplo, ser um líder religioso chamado pelo sentimento de dependência do Numinoso, do Sagrado. Para o autor, essa sensação pode ser uma suave maré a invadir o ânimo, num estado de espírito a pairar em profunda devoção meditativa. Pode passar para um estado da alma a fluir continuamente até se desvanecer, deixando a alma novamente no profano. Mas também pode eclodir do fundo da alma em surtos e convulsões. Pode induzir estranhas excitações, inebriamento, delírio, êxtase. Tem suas

formas selvagens e demoníacas. Pode decair para o horror e estremeção como que diante de uma assombração. Tem suas manifestações e estágios preliminares selvagens e bárbaros. Assim como também tem sua evolução para o refinado, purificado e transfigurado. Pode vir a ser o estremeção e emudecimento da criatura a se humilhar perante o que está contido no inefável *mistério* acima de toda criatura (OTTO, 2011, p. 44-45).

Outra conceito importante apresentada pelo autor em vista, dentro ainda da dimensão do *mysterium tremendum* e que, de certa forma, torna-se fundamental no processo de compreensão da experiência mística do chamado do Sagrado para ser um líder religioso no contexto pastoral é a visão do resgate do *tremenda majestas* (do latim: majestade). *Majestas* significa a sensação de afundar-se, ser anulado, ser pó, cinza, nada, e que segundo Otto (2011, p. 52) “constitui a matéria-prima numinosa para o sentimento de “humildade religiosa”.

Esse sentimento de humildade religiosa colocado por Otto, gera no indivíduo um total sentimento de dependência, de nulidade frente ao Sagrado. Isso faz-nos refletir o processo de nulidade por parte do líder no contexto da liderança pastoral pentecostal/neopentecostal. É comum o líder religioso apresentar sentimentos de impotência, sentimentos de solidão e sentimentos de esvaziamento diante de si mesmo (autoperceptivos).

Para Otto, esse sentimento de dependência gera sentimentos de “sentir-se condicionado” ao Sagrado. Nesse sentido, inferindo sobre o sentimento do líder religioso, este se submete total e plenamente ao sacerdócio de forma condicionante e esvaziante (que se esvazia em si mesmo). *Majestas* e “ser pó e cinza” levam, por um lado, à aniquilação do si mesmo e, por outro, à realidade exclusiva e total do transcendente, como em certas formas da *mística*. Nessas formas de mística encontra-se como um dos seus principais traços, por um lado, uma típica depreciação de si mesmo, muito semelhante à autodepreciação do Abraão Bíblico, que é a depreciação de si mesmo, do eu e da “criatura” como tal, como do não perfeitamente real, essencial, ou mesmo do totalmente nulo (OTTO, 2011, p. 52).

Otto (2011, p. 55), apresenta também diante da extensão e perspectiva do *Mysterium Tremendum*, a referência sobre o conceito de “energia do numinoso”. Para o autor a dimensão do sagrado (Numinoso), é regido pelos sentidos e pelas experiências do indivíduo, diante de uma potencialidade de energia de vida que é viva e que não é somente presente em uma religião específica como dado racional, mas sobretudo emerge da “expressão viva do simbólico, na sua vivacidade, paixão, natureza emotiva, vontade, força, excitação, atividade, gana”. Tais características assim apontadas pelo autor, estão bem presentes no processo de construção de identidades individuais e coletivas acerca do ser um líder religioso em contextos pentecostais/neopentecostais.

Essas características também aparecem tipicamente nas gradações que vão dos sentimentos e influências do demoníaco até a noção do Deus Vivo. “Trata-se daquele aspecto do nume que, ao ser experimentado, aciona a psique da pessoa. Nela se desperta o zelo [Eifer], onde esta é tomada de assombrosa tensão e dinamismo, no empenho contra o mundo e a carne” (OTTO, 2011, p. 55).

Rudolf Otto afirma que, esse aspecto do assombroso e do fascinante do numinoso, ora convergindo e ora divergindo entre si, é por um lado aquele aspecto distanciador, por outro lado, ele também parece algo atraente, cativante, fascinante, em curiosa harmonia de contraste com o elemento distanciador do *tremendum*. Otto, citando Lutero reflete que: “É como quando reverenciamos como temor um santuário, sem que por isso fujamos dele, mas desejamos nos aproximar dele. O que me apavora me atrai”. E o autor conclui: “O que o demoníaco-divino tem de assombroso e terrível para a nossa psique, ele tem de sedutor e encantador” (2011, p.68).

## 6.2 Chamado Institucional versus Chamado Espiritual

Na seção anterior, o foco discutido voltou-se acerca da *natureza* do chamado divino como resultado da experiência “místico-sobrenatural” do líder religioso obtido no contato com o Sagrado para assumir o exercício e função pastoral na igreja. Conceitos importantes propostos por Rudolf Otto como: Numinoso (O Sagrado), *mysterium tremendum* (mistério arrepiante), Majestas, Energia do Numinoso, Sentimento de Dependência e Sentimento de Criatura, explicitam o processo de compreensão da experiência individualizante (autoperceptivas) do líder religioso acerca do seu chamado específico e sobrenatural na relação qualitativa com o Sagrado.

Nesta seção, um outro ponto de tensão e de polêmicas nos meios pentecostais e neopentecostais, é o processo de institucionalização desse chamado. O chamado divino desloca-se de uma experiência existencial, autoperceptual e interpretativa do líder religioso a partir de um sentimento de dependência com o Sagrado na qualidade de uma relação místico-sobrenatural, como coloca Rudolf Otto, para uma relação de chamado institucional ou também conhecido como o chamado divino de “pastoral de manutenção” (BARRO, 2013, p. 19).

O chamado Institucional veicula-se pelo chamado à pastoral de manutenção, do ordenamento do instituído, pela manutenção do *status quo* denominacional-institucional existente, dando ênfase assim aos aspectos eclesiais doutrinários, competitivos e mercadológicos da fé, procurando assim “apelar” pelo chamado e consagração do líder religioso que concentre a sua força e foco na manutenção administrativa pastoral, mecanicismo-eclesiológico, crescimento numérico e lucrativo. Diante desse tipo de chamado institucional, o ser um líder religioso é compreendido

como um processo que ocorre de *cima para baixo*, geralmente proposto e conduzido por outros representantes do próprio sistema eclesiástico dominante (diretoria, presidente, presbíteros, diáconos, anciãos, etc.). O chamado institucional considera que líderes religiosos tem sido tradicionalmente constituído como resultado de pessoas que se destacam e que são “talentosas” dentro da igreja, com traços dignos de sucesso, que influenciam seguidores a fazerem o que é necessário para a realização de metas estratégicas de marketing na igreja. Acredita-se que esta visão reflita, como alguns intelectuais chamam, conforme Drucker (1996), como sendo o “paradigma industrial da liderança”. O chamado institucional em geral cria um ministério de manutenção, onde se projeta na figura do líder religioso o papel do verdadeiro *Super-homem*, o *Grande Líder* ou o *Salvador da Pátria*.

Para Barro (2013, p.20), “esse é o risco da pastoral institucional: desenvolver um ministério de manutenção autoconsumido, ou seja, quando se fala de um ministério de manutenção refere-se aqui ao institucionalismo”.

Segundo o autor, é compreensível que toda e qualquer igreja necessita de organização para que o organismo funcione adequadamente. Porém quando essa organização eclesiástica enquanto instituição vira institucionalismo (tomada de decisões de cima para baixo), o foco passa a ser outro: a preservação do que se tem ou do que se conquistou ao longo dos anos (BARRO, 2013).

Segundo Peterson apud Alves e Adam (2017), o trabalho de grande parte da liderança da igreja local não é pastoral e nem teológico. A dimensão pastoral desta liderança encontra-se muito desgastada pelas influências tecnológicas e administrativas. Para os autores, a dimensão teológica da liderança da igreja foi marginalizada pelas preocupações terapêuticas e de marketing. Muito desses líderes religiosos, a mente racionalista e a atitude funcionalista prevalece nas igrejas, a ponto de a teologia pastoral propriamente dita, mal é reconhecida. O racionalismo tecnicista e o funcionalismo adaptativo, ambos com características redutivas, deixaram a teologia pastoral magra e anêmica.

Eugene Peterson em seu livro “Um Pastor Segundo o coração de Deus” afirma o seguinte:

Os pastores estão abandonando seus postos, desviando-se para a direita e esquerda, com frequência alarmante. Isso não quer dizer que estejam deixando a igreja e sendo contratados por alguma empresa. As congregações ainda pagam seus salários, o nome deles ainda consta no boletim dominical e continuam a subir ao púlpito domingo a domingo. O que estão abandonando é o POSTO, O CHAMADO. Prostituíram-se após outros deuses. Aquilo que fazem e alegam ser ministério pastoral não tem a menor relação com as atividades de pastores que fizeram nos últimos vinte séculos (PETERSON, 2000, p. 01)

Barro (2013), estabelece um quadro comparativo com características de um chamado institucional (Ministério de Manutenção) e o chamado espiritual de Ministério de Missão:

<b>Manutenção</b>	<b>Missão</b>
Voltado para o passado	A luz do passado age no presente e futuro
Ministério ao redor do templo	Ministério como fruto da missão
Pregação Tradicional	Pregação contemporânea
Liturgia como fruto da denominação	Liturgia como fruto da missão
Cada Cristão um membro	Cada Cristão um missionário
Motivação para dizimar: pagar as despesas da igreja	Motivação para dizimar: sustento da obra missionária
Liderança institucional e burocrática	Liderança missional e relacional
Pastor: o presidente	Pastor: o servo
Igreja como evento	Igreja como movimento
Tradicionalismo	Tradição
Formar membros para a igreja	Formar discípulos para Jesus
Incentiva a fidelidade aos tradicionalismos	Enfatiza a criatividade ministerial
Voltada para a dentro (Ad intra)	Voltada para o mundo (Ad extra)
Processos hierárquicos	Processos complementares (cada um complementa o outro)
Regida pelos códigos e leis institucionais	Regida pelo amor ao próximo
Pastorcêntrica – sacerdócio de um ministro	Povo de Deus – Todos são ministros
De cima para baixo	De baixo para cima

Fonte: BARRO (2013, p. 19)

O chamado institucional para uma pastoral de manutenção *desconfigura, distorce*, o chamado espiritual (místico, de serviço, diacônica e de missões), como coloca Barro (2013) no seu quadro comparativo.

A ênfase no chamado institucional acaba gerando assim uma construção identitária de liderança religiosa com base em critérios externos (pré-estabelecidos pela sociedade de consumo e de competitividade), onde muitos líderes acabam visualizando a prática (práxis) pastoral como um lugar e espaço de busca de poder e influência autoritária, diretiva e de controle dentro da igreja, de status social e de glamour, sendo essas características um forte combustível para criação de líderes religiosos carismáticos e narcisistas (pessoas portadoras de sentimentos de grandeza, onipotência, brilhantismo, exibicionistas).

Por outro lado, diferentes líderes religiosos, de diferentes igrejas e denominações, vem sofrendo muitas pressões para assumir esse tipo de chamado institucionalizado no seu contexto

eclesiológico. Esse tipo de pressão vem proporcionando certos sentimentos de angústia para os líderes religiosos que resistem como: estresse emocional, decepções, cansaço físico, doenças psicossomáticas e autoimunes, sentimentos de desistência, dúvidas quanto ao chamado em si, sentimentos de culpa, abandono da atividade pastoral e até suicídios.

### **6.3 Teoria do Desenvolvimento da Liderança e o Chamado Divino, Segundo Robert Clinton (2000)**

Do ponto de vista fenomenológico, liderança é um fenômeno existencial, vivencial, de construções de sentidos e significados, portanto, centrado no mundo da vida do líder. Esse fenômeno existencial envolve a dimensão do todo do líder, ou seja, a sua pessoa ou o seu mundo próprio, o mundo circundante (o mundo o que o cerca, o ambiente), e o mundo humano (os relacionamentos e o convívio interpessoal).

A dimensão da relação com o Numinoso e conseqüentemente do seu chamado como líder, também faz parte desse processo pleno e integral, tornando-se necessário aqui encontrar um respaldo teórico acerca do processo de construção de identidades individuais e coletivas (comunitárias) que preserve assim a natureza da relação e da particularidade do chamado a partir da experiência místico-espiritual do líder com o Sagrado e também com a sua concepção de chamado para uma *liderança de serviço* na sociedade e comunidade em que está inserido. A Teoria do Desenvolvimento da Liderança proposta por Robert Clinton no seu livro “Etapas na Vida de Um Líder”, caminha nesse sentido. Clinton (2000), através de suas pesquisas, analisou centenas de biografias baseados em três tipos de líderes: históricos, bíblicos e contemporâneos.

Essa teoria propõe, portanto, uma visualização de uma *“linha do tempo”*, onde a concepção desse desenvolvimento de liderança e chamado divino vão se desenhando ao longo da vida do líder, ora a partir de um processo de compreensão própria, individual e de autoconhecimento como reconhecimento de dons e talentos, ora a partir de um processo de amadurecimento de si e criação de um projeto de vida como parte de seu entendimento missional e de serviço, obtido de forma transcendente e por etapas na relação com o Sagrado ao longo de sua trajetória de vida. Portanto, a visão e a importância do passado, presente e futuro do líder estão intimamente interligadas nesse processo de desenvolvimento contínuo, à luz da compreensão da experiência singular (autoperceptivas) do líder acerca do seu chamado específico e sobrenatural na relação qualitativa com o Sagrado.

Clinton, afirma que líderes precisam de um mapa de estradas para indicar-lhes aonde o Sagrado os levará à medida que desenvolve seus dons e talentos. O “mapa” é um conjunto de ideias bem integradas que os ajudam a: “organizar o que vemos acontecendo na vida dos líderes; prever o

que pode acontecer no desenvolvimento futuro; compreender eventos do passado para aprender coisas novas deles” (2000, p.22).

Segundo Clinton (2000), o estudo da linha do tempo é composta de cinco fases de desenvolvimento:

▶ Fase I: Fundamentações Soberanas
▶ Fase II: Crescimento Interior
▶ Fase III: Amadurecimento do Ministério (ou Projeto de Vida)
▶ Fase IV: Maturidade da Vida
▶ Fase V: Convergência

Fonte: CLINTON (2000, p. 29)

## Fase I

Na fase I, Clinton (2000) afirma que o Sagrado, em sua providência, prepara elementos fundamentais para a vida do futuro líder. Características da personalidade, boas e más experiências autoperceptivas e o contexto da época serão trabalhados dentro da dimensão do *mysterium tremendum*. Ainda conforme o autor, os blocos de dimensões e estruturas internas e psíquicas e de processos de construção de sentidos e significados já estão todos no ser, mesmo que essa estrutura que está sendo construída ainda não possam ser totalmente discernidas em sua plenitude. Os alicerces genéticos também já estão inseridos no indivíduo e serão lapidados no decorrer da vida.

Nessa fase, o Sagrado busca o resgate e entendimento do “*mundo próprio*” do futuro líder. O mundo próprio, conforme visualizou-se anteriormente a partir das ideias de Forghieri (2004), se estabelece na relação do indivíduo consigo, ou, em outras palavras, no seu ser-si-mesmo, na consciência de si e no autoconhecimento. São as situações que o ser humano vivencia, relacionando-se com o mundo circundante e com as pessoas, que lhe possibilitam a gradualmente atualizar as suas potencialidades, oferecendo-lhes as condições necessárias para ir descobrindo e reconhecendo quem é. Por outro lado, à medida que vou descobrindo quem sou, este

autoconhecimento ou consciência-de-mim, também vai propiciando uma perspectiva, ou um modo peculiar de visualizar as situações que vivencio no mundo.

## Fase II

Segundo Clinton (2000), nessa fase o Sagrado trabalha o coração do líder. Todas as experiências vividas são importantes para clarificar, fortalecer, trazer à luz certos entendimentos e visões no coração do futuro líder. Experiências com grupos religiosos, escolas, vida comunitária, estudos, ONGs, trabalhos voluntários, contatos com pessoas (professores, mentores, líderes religiosos, etc), são elementos que o Numinoso usa para refinar o coração do líder.

A fase II, estabelecendo-se um paralelo a partir das ideias de Otto (2011) e Clinton (2000), nesta fase o futuro líder depara-se com a visão do *tremenda majestas* (Do latim: Majestade). *Majestas* significa a sensação de afundar-se, ser anulado, ser pó, cinza, nada, onde segundo Otto (2011), constitui-se aí a matéria-prima numinosa para a lapidação interna do líder e a manifestação e consolidação de um sentimento de humildade. Esse sentimento de humildade colocado por Rudolf Otto, gera no indivíduo um total sentimento de dependência, de nulidade frente ao Sagrado.

## Fase III

A fase III – Amadurecimento do Ministério (Projeto de Vida), é o início do trabalho do líder como um projeto de vida (pastoral, ministerial, missionário, educacional, etc.). O líder nessa fase demonstra muito entusiasmo, vontade e força e busca mudanças.

Conforme Clinton (2000), na fase III, há o amadurecimento do projeto de vida. O novo líder começa a servir a outras pessoas. O líder começa a experimentar o uso dos seus dons e talentos. O projeto de vida é o enfoque do novo líder neste estágio. É o que Heidegger (2005) coloca como sendo o “*mundo humano*”, onde se diz respeito ao encontro e convivência da pessoa do líder, a partir do seu projeto de vida à luz do Sagrado, com os seus semelhantes. A relação do ser humano com outros seres humanos é fundamental em sua existência e projeto de vida. Nesse sentido, só posso saber quem eu sou como ser humano e ser profissional, convivendo com meus semelhantes.

Ainda segundo Clinton (2000), o Numinoso está desenvolvendo o líder de duas maneiras durante esse tempo: 1) Pelo projeto de vida em si, o líder pode identificar seus dons, talentos e habilidades e usá-los cada vez mais com eficiência. 2) O líder também adquirirá uma compreensão melhor da sua comunidade, ao experienciar os muitos tipos de relacionamentos que a comunidade oferece.

Para Clinton (2000, p.31), durante as fases I, II e III, o Sagrado está trabalhando principalmente “no líder (não por meio dele ainda)”.

#### **Fase IV**

Na altura da fase IV – Maturidade de Vida, o líder identificou e está usando seus dons espirituais em um projeto de vida que o satisfaz. O líder identifica e usa seu conjunto de dons e poder. Começam a surgir os resultados do seu projeto de vida. Ele adquire um senso de responsabilidade e prioridade concernente ao melhor uso de seus dons e compreende que aprender o que não fazer é tão importante quanto o aprender o que fazer. Produtividade com responsabilidade social e de serviço é o resultado. Isolamento, crises e conflitos assumem um novo significado. O Sagrado age por meio do líder usando seus dons, talentos, habilidades para influenciar outros. Portanto, nesse período os dons e talentos interligam-se, alinham-se, com as prioridades e prerrogativas referentes ao projeto de vida do líder.

Na concepção de Otto (2011), articulando-o com a reflexão do IV estágio do desenvolvimento, aqui é onde emergirá a sensação do *mysterium tremendum* (mistério arrepiante) como, por exemplo, ser um líder religioso chamado pelo sentimento de dependência do Numinoso, do Sagrado. Como viu-se anteriormente, essa sensação pode ser uma suave maré invadindo o ânimo do líder, num estado de espírito a pairar em profunda devoção meditativa, mas também pode passar para um estado da alma a fluir continuamente até se desvanecer, deixando a alma novamente no profano e também pode eclodir do fundo da alma em surtos e convulsões. Pode induzir estranhas excitações, inebriamento, delírio, êxtase, tendo suas formas selvagens e demoníacas. Aqui é o momento onde o líder será fortemente testado entre o estabelecimento e a continuidade para a próxima fase desse projeto de vida provindo da relação e do sentimento de confiança e dependência diante do Numinoso (Sagrado), ou se fixará perceptualmente e narcisisticamente (amor excessivo por si mesmo ou sua imagem) frente ao poder.

Segundo Clinton (2000, p.49): “nessa fase desenvolve-se a compreensão experimental do Sagrado no líder. A comunhão com o Sagrado torna-se fundamental, tornando-se assim mais importante do que o sucesso ministerial do líder”. Não é prioridade aqui o sucesso pessoal, o poder e o glamour do líder. O foco é a complexa compreensão dos processos de interdependência diante do Sagrado e o si mesmo com o outro do líder. A chave do desenvolvimento e a continuidade para outros estágios é a resposta positiva às experiências que o Sagrado prepara. Essa resposta aprofundará ou não a comunhão com o Numinoso.

**Fase V**

Período em que ocorre um processo que Clinton (2000), chama de PERÍODO DE CONVERGÊNCIA diante do CHAMADO e PROJETO DE VIDA.

O líder é levado pelo Sagrado a desempenhar uma função e papel que combina seu conjunto de dons, suas experiências, seu temperamento ao exercício prático do projeto de vida assumido. O período de convergência libera o líder de projetos para os quais ele não tem dons, habilidades e talentos. São poucos os líderes que experimentam a convergência diante das dificuldades que foram apontadas na fase IV e também porque, muitas vezes, determinados líderes são promovidos para funções que dificultam o uso do seu conjunto de dons e talentos. Além disso, poucos líderes ministram a partir a partir do que são. Sua autoridade geralmente vem de um cargo. (CLINTON, 2000, p. 32)

Acerca desse período e fase de convergência, pode-se inferir com base no pensamento de Otto (2011), onde o autor faz referência sobre o conceito de “Energia do Numinoso”. A dimensão do Sagrado (Numinoso), é regido pelos sentidos e pelas experiências do indivíduo, diante de uma potencialidade de energia de vida que é viva e que emerge dessa expressão viva do simbólico, na sua vivacidade, paixão, natureza emotiva, vontade, força, excitação, atividade, gana. O líder que converge é o líder que ilumina, que esclarece, que traz luz e energia frente ao seu chamado.

Para Clinton (2000, p. 50), “a convergência se manifesta à medida que o líder responde com coerência à atuação do Sagrado em sua vida”.

## **7. UMA ANÁLISE FENOMENOLÓGICO-EXISTENCIAL ACERCA DO SIGNIFICADO DO SER LÍDER RELIGIOSO EM COMUNIDADES PENTECOSTAIS E NEOPENTECOSTAIS NO VALE DOS SINOS RS**

No período de Agosto de 2019, como parte dos meus estudos de pós-doutoramento realizado na Faculdades EST (Escola Superior de Teologia) em São Leopoldo-RS, realizou-se um estudo qualitativo que teve como objetivo central descrever e compreender questões acerca do significado do ser líder religioso, por parte de representantes que exercem funções de lideranças em igrejas pentecostais e neopentecostais no Vale dos Sinos - RS (Novo Hamburgo, São Leopoldo e Sapiranga).

As reflexões em relação ao estudo proposto giraram em torno da interpretação (procedimento hermenêutico-fenomenológico) das informações apreendidas sobre os dados que foram analisados. Nesse sentido, as opções orientadas por um quadro de referência teórica compreensivo, com todas as implicações que isso traz para a análise das informações coletadas, assim como para a forma de comunicar os resultados da pesquisa. Esse procedimento hermenêutico-fenomenológico implicou em construir e aprofundar a fundamentação teórica a partir das vivências com os sujeitos da pesquisa.

Tentando-se reduzir toda a complexidade da Fenomenologia, pode-se resumir o método fenomenológico nos seguintes tópicos: 1) uma metodologia baseada numa atitude e postura de vida; 2) análise dos fenômenos como se dão à consciências dos sujeitos; 3) uma análise descritiva das vivências desses sujeitos; 4) o conhecimento que tem como base as essências/categorizações (significações, intencionalidades) e 5) fundamento de todas as ciências, pois busca a razão de ser do fenômeno.

No esforço de chegar às essências e conseguir explicitar cada vez melhor as camadas de sentido mais originárias, como colocam Martins e Bicudo (1983), a pesquisa fenomenológica enfrenta um paradoxo. Para atingir novos níveis de compreensão, é preciso ter uma compreensão global inicial de determinada camada. Assim, ao mesmo tempo em que o pesquisador foge de pressupostos em sua investigação dos fenômenos, necessita de uma ideia geral em relação ao que olhar e a como olhar o fenômeno. O círculo hermenêutico propicia o desvelamento gradual e progressivo de novas camadas veladas, conduzindo a uma compreensão cada vez mais profunda do fenômeno. Como assinala Bicudo (2000), ao conduzir uma pesquisa de abordagem fenomenológica, o pesquisador não busca única e exclusivamente um método, mas sim uma *clareza teórica* para aquilo que quer compreender.

Em sua especificidade metodológica distinguem-se três momentos da investigação fenomenológica-hermenêutica. O primeiro consiste num olhar atento para o fenômeno, procurando percebê-lo em sua totalidade. Nesse momento procura-se vislumbrar alguma luz lançada pelo ser a partir da sua presença, sobre o que ainda se apresenta velado. O segundo momento consiste em descrever o fenômeno sob investigação, sem deixar-se levar pelas crenças e preconceitos. É um esforço de captar o fenômeno puro, tal qual se manifesta ao sujeito sem a interferência de pressupostos, teorias ou crenças. E descrevê-lo à luz da redução fenomenológica. Finalmente o último momento, consiste em um mergulho nos aspectos essenciais do fenômeno. Tudo isso, ocorre e se repete em ciclos ou círculos, que cada vez lançam mais luz sobre o fenômeno, desvelando

gradualmente, o que se encontra velado e ampliando o campo de atuação do ser. O movimento da compreensão é circular (MORAES, 1991, p. 40).

Para Forghieri (2004), o método fenomenológico em geral consiste nos seguintes passos:

1º Passo – Retomar as obras cujas enunciações foram elaboradas previamente e delas fazer cuidadosa revisão a fim de selecionar aquelas que se julgue pertinentes para um levantamento de características básicas do problema investigado.

2º Passo – Procurar articular os enunciados acima referidos e explicitá-los de acordo com o texto de seus autores e o modo como o pesquisador vai compreendendo, revendo-os e, paralelamente, relacionando-os às suas próprias vivências e à de outras pessoas, tentando verificar os aspectos invariáveis desta e as suas variações na concretude (espaço e tempo) do existir humano.

3º Passo – Com subsídios obtidos na etapa anterior e através da identificação de aspectos invariáveis, vai se chegando ao levantamento de características básicas do problema investigado, enunciando e retornando às etapas anteriores, sempre que se percebe ser isto necessário, até chegar a uma enunciação final.

No primeiro passo, há uma preponderância de estudos e reflexões; nos dois seguintes ocorre um processo inter-relacionado de envolvimento, vivência e intuição ou de distanciamento, reflexão e enunciação de ideias, com predomínio ora de uma, ora de outra dessas maneiras de atuar. Para a autora, embora apresentados separadamente cada um dos passos para facilitar a sua descrição, é importante ressaltar que esses vão ocorrendo de forma inter-relacionada, em um processo de avanços e retrocessos cujo objetivo é alcançar o melhor esclarecimento possível, tanto das enunciações dos autores nas quais se fundamenta o enfoque, como as do próprio pesquisador.

O pesquisador qualitativo-fenomenólogo busca retomar a experiência vivida com os sujeitos nos movimentos de uma síntese de identificação, já que também viveu a intencionalidade dos objetos de sua pesquisa. Suas interpretações têm, imediatamente, fundamento nas percepções do todo que se dá em sua pesquisa de campo, permitindo-lhe, assim, delimitar os *núcleos de significado* que darão propriedade a esse todo.

Delimitar esses núcleos, porém, não significa *escolher* situações ao acaso, mas considerá-los a partir das manifestações dos sujeitos, que oferecem nuances do sentido do todo. O núcleo de significado não tem existência natural e só se caracteriza nos movimentos de interpretação do pesquisador como polo de convergência de falas, gestos, fisionomias, compreensões intersubjetivadas, entre outros atos de expressão. O núcleo (e seus significados) é o que move o

sentido, constitui o todo e é subjacente à experiência dos sujeitos pesquisados, segundo a compreensão do pesquisador que se empreende de sua interrogação (BICUDO, 2000, p. 143).

Ao tomar os dados para a análise, o pesquisador vê emergir essa *unidade nuclear*, na qual os significados atribuídos pelos sujeitos, no momento original da experiência vivida, expressam o todo percebido num foco peculiar que o pesquisador está considerando.

Os dados para análise, considerados numa abordagem fenomenológica, são as descrições dos sujeitos, aquilo que nos permite compreender inteligivelmente o seu pensar. Essa compreensão é pretendida para que se possa desocultar as ideias articuladas nos discursos expressos, que não devem ser tomados como fatos interpostos entre o pesquisador e seus sujeitos; de outra forma, na ocasião das análises eles são tomados como ligações originais das situações vividas e constituídas pelos sujeitos envolvidos.

Para tanto, é necessária uma leitura cuidadosa dos dados que permita ao pesquisador extrair os aspectos que o impressionam, dentro de seu campo perceptivo iluminado por sua interrogação e que despontam como evidências da experiência vivida. Esses aspectos, das situações vividas pelos sujeitos e percebidas pelo pesquisador, vêm a se constituir nas *unidades significativas* para as suas análises (BICUDO, 2000, p. 145).

Segundo a autora, uma *unidade de significado assim* constituída, é uma convergência de atos intervenientes, remetendo uns aos outros, não sendo cabível tomá-los numa linearização. Sua delimitação pelo pesquisador não é um resumo de dados, mas apenas propriedade desse pesquisador enquanto a percepção dessa unidade atende à sua perspectiva, ancorada nele próprio quando personifica a história de sua interrogação e no diálogo que estabelece com seus pares, outros pesquisadores de grupo de pesquisa e autores de textos relevantes para o tema pesquisado. Tal delimitação pode não ter a mesma conotação para outro pesquisador: ela não se dirige a uma categoria universalizável, apenas explicita uma compreensão assumida na perspectiva do olhar do pesquisador, que não é única, visto que pertence ao horizonte<sup>36</sup> de possibilidades abertos à compreensão. Do mesmo modo, no conjunto das descrições dos dados, nenhum objeto se apresenta isolado, mas sempre pertinente a um horizonte existencial da pesquisa, onde o pesquisador estava presente quando da realização de suas atividades, percebendo as situações vividas e o ambiente em que elas se deram ( BICUDO, 2000, p. 145).

Segundo GIORGI (1978), esta análise presta-se especialmente para o tratamento de dados qualitativos obtidos através de entrevistas, as quais, de antemão, devem ser gravadas e transcritas literalmente.

---

<sup>36</sup> Horizonte é usado aqui como a espacialidade que se prolonga até onde a compreensão do olhar alcança, e que estende à medida que a compreensão abrange “coisas”, apropriando-se mais do mundo .

Na perspectiva apontada pelos autores aqui referidos, ao proceder ao tratamento dos dados coletados durante a pesquisa, percebe-se que o sentido do *todo* se impôs nas descrições das ações dos sujeitos, levando-nos a considerá-las em um conjunto de significados articulados. Esses conjuntos conduziram à determinação das *Unidades de Significados*, concebidas e utilizadas como uma possibilidade metodológica no quadro de referências teóricas da pesquisa qualitativa.

Em função do método fenomenológico, para a análise das informações individuais e coletivas, optou-se basicamente pela *entrevista fenomenológica*, que consistiu em entrevistas dialógicas, semi-estruturadas, gravadas e transcritas, composta por questões norteadoras explícitas e implícitas sobre o problema de investigação, a entrevista deixou os depoentes com total liberdade de expressar as suas vivências.

O fato de gravá-las garantiu a fidedignidade de seu conteúdo. Adotando o pressuposto de Carvalho, de que a entrevista fenomenológica se dá “sob a forma de existência situada no encontro” (1987, p. 7).

As entrevistas são agendadas com antecedência, estabelecendo-se local e hora e atendem ao seguinte roteiro:

ENTREVISTA SEMI-ESTRUTURADA
1. Dados de Identificação: <b>Nome*</b> , <b>Formação</b> , <b>Tempo de Atuação na Instituição Enquanto Líder Religioso</b> .
<p><b>2. Pergunta norteadora da entrevista (explícita)</b></p> <p>O que significa ser um líder religioso na sua trajetória de vida e no contexto de sua denominação?  Objetivo: Compreender as vivências e experiências dos sujeitos a partir das representações e significados quanto ao ser líder religioso no contexto pastoral;</p>
<p><b>3. Questões Norteadoras Implícitas:</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Qual é o papel do líder religioso hoje;</li> <li>• Quais foram os aspectos facilitadores e/ou limitadores na sua formação de liderança e possíveis mudanças ocorridas ao longo do seu percurso enquanto líder religioso;</li> <li>• Como ocorreu o seu processo de escolha em ser um líder religioso.</li> </ul>

\* Na análise dos dados, os entrevistados serão identificados pelas iniciais dos seus respectivos nomes e sobrenomes.

**Objetivo: Compreender as relações entre o ser líder religioso e suas possíveis implicações nos processos educativos e pastorais, bem como visualizar o processo de construção de identidades individuais e coletivas do ser líder religioso.**

**4. Outros tópicos que possam surgir no decorrer do processo e que devam ser compartilhados pela sua implicação com a pesquisa**  
**5. Avaliação da entrevista**

Os passos para a análise das informações das entrevistas, obedecem ao método proposto por GIORGI<sup>37</sup> (1985), COMIOTTO<sup>38</sup> (1992):

**Coletas de Informações Verbais:** É a coleta de dados propriamente dita, através de entrevistas gravadas e transcritas.

**A Busca do Sentido do Todo:** Ouvir várias vezes a descrição da experiência narrada pelo entrevistado. Ler e reler o texto até se captar o sentido do fenômeno como um todo e poder expressá-lo.

**A Discriminação das Unidades de Significado:** Essa fragmentação tem como objetivo a impregnação do pesquisador pelo fenômeno, visando a captação das essências do mesmo. A divisão do texto em unidades de significados é realizada utilizando-se como critérios de divisão das unidades, uma perspectiva psicopedagógica. A unidade de significado é numerada em ordem crescente e discriminada no próprio texto com um travessão (/) ou separada do texto com um ou dois toques do teclado “enter” quando se percebe uma mudança no sentido da situação descrita pelo sujeito pesquisado. Nesta etapa a linguagem do sujeito é mantida sem qualquer alteração.

**A Transformação das Unidades de Significado em Linguagem do Pesquisador:** Esse movimento intenta constituir o objeto da pesquisa, mantendo-o ligado ao foco pesquisado. Nessa

<sup>37</sup> Amedeo Giorgi foi professor visitante, por períodos curtos, na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) em 1985 e 1986, e na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUCSP) em 1988. Ainda em 1988, participou de um Simpósio sobre “Variações no tratamento analítico de depoimentos na pesquisa qualitativa” na Reunião Anual da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (Giorgi, 1989). A vinda de Giorgi para o Brasil foi importante na consolidação do núcleo de estudos em Psicologia Fenomenológica do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da UFRGS. Em 1970, Giorgi escreveu seu mais importante livro *Psicologia como ciência humana: uma abordagem de base fenomenológica*, traduzido para o português em 1978 por Riva S. Schwartzman.

<sup>38</sup> Profa. Dra. Miriam S. Comiotto. A professora Comiotto lecionou no Programa de Pós-Graduação em Educação da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS), durante muitos anos, na linha de pesquisa “Desenvolvimento Humano e Educação”, com foco na Fenomenologia.

etapa são feitas as transformações da linguagem diária do sujeito em linguagem científica, mantendo-se sempre a ênfase no fenômeno que está sendo pesquisado: é o processo de reflexão intuitiva. Portanto, essa etapa é basicamente interpretativa, originando uma leitura de cunho científico, hermenêutico e fenomenológico. Isso é feito através de um processo de reflexão imaginativa, embora com certa distância entre a especificidade da situação concreta e as dimensões mais gerais do ser líder religioso, evocadas pela análise. O objetivo do método, porém é atingir a essência através das expressões concretas narradas pelos sujeitos envolvidos, ou seja, suas histórias de vidas como ser líder religioso neopentecostal. Essas transformações são necessárias porque o sujeito expressa realidades múltiplas, muitas vezes de maneira obscura e, conseqüentemente, para compreender os significados é preciso elucidar os aspectos de seu discurso com profundidade.

**Síntese das Unidades de Significado:** Constitui-se em uma descrição harmoniosa e consistente das entrevistas, para evidenciar, ou seja, mostrar a essência do fenômeno vivido pelos sujeitos. Unidades de significados serão sintetizadas de forma a valorizar a essência do fenômeno. Sintetizar é integrar os “insights” contidos nas unidades de significados transformadas em uma descrição consistente com uma estrutura do ser professor. Nessa síntese todas as unidades de significado devem ser levadas em consideração.

**O Encontro das Dimensões Fenomenológicas:** São elementos significativos em que se deixa aflorar a essência do fenômeno dos participantes a partir do foco da investigação que se pretende abordar. Esses aspectos emergem a partir da própria redução fenomenológica, abstraindo tudo aquilo que faz parte do fenômeno até chegar a sua essência. Através das dimensões, as categorias se revelam.

## 7.1 Os Sujeitos Depoentes

O grupo de 12 depoentes envolvidos nesta pesquisa incluiu pastores(as) de diferentes igrejas como: Anunciando a Cristo, Encontros de Fé, Videira, Ministério Águias de Deus, Catch The Fire, Ministério Apostólico Rosa de Saron, Ministério Obra Missionária SOS, Igreja Evangélica Caminho de Vida, Igreja Metodista Wesleyana, Igreja Cristã Família Renovada. As escolhas desses líderes religiosos ocorreram por meio de contatos pessoais, previamente mantidos via whatsapp e telefonemas e também por indicação de amigos residentes na região conhecedores de alguns desses líderes. Foi feito assim um contato inicial apresentando a minha inserção na pesquisa e no pós-doutoramento e um resumo do projeto. Após a manifestação desses líderes religiosos na

aceitação pela participação na pesquisa, agendou-se assim um encontro com dia, local e hora para a execução da entrevista. A maioria das entrevistas ocorreu nas dependências das igrejas. Só um deles optou em realizar a entrevista na sua própria residência. Nas entrevistas foram entregues duas vias do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), contendo todas as informações acerca do projeto, privacidade e sigilo das informações prestadas. Uma das vias do TCLE foi assinada e devolvida para o pesquisador, comprovando-se assim a anuência e concordância dos depoentes na participação da pesquisa. Vale salientar aqui que o projeto de pesquisa foi aprovado pelo Comitê de Ética e Pesquisa da instituição. Essas entrevistas ocorreram no período de Setembro/2019 a Março/2020.

Como critérios de seleção para a configuração da amostra foram considerados: 1) Um tempo mínimo de cinco anos de experiência como líder religioso; 2) Abranger diferentes líderes religiosos, buscando assim visualizar elementos comuns de convergências e/ou divergências a partir das vivências e experiências desses líderes inseridos em diferentes dinâmicas e comunidades pentecostais/neopentecostais da região do Vale dos Sinos - RS (Novo Hamburgo, São Leopoldo e Sapiranga); 3) As escolhas desses líderes, deu-se por adesão, a partir de contatos prévios estabelecidos como foi dito anteriormente.

Os nomes dos participantes foram identificados por pseudônimos visando à preservação da identificação dos depoentes, conforme o quadro a seguir:

<b>Pseudônimo</b>	<b>Tempo de Ministério</b>	<b>Idade</b>	<b>Sexo</b>	<b>Formação</b>
RRNS	20 Anos	54 anos	M	Sem formação universitária
DFH	10 Anos	47 anos	M	História
AO	22 Anos	56 anos	M	Analista de Sistema
LPP	24 Anos	60 anos	M	Teologia, incompleto
AL	20 Anos	47 anos	M	Administração de Empresas e Mestrado em Teologia PUC/RS
FGH	Mais de 20 Anos	62 anos	M	Administração de Empresas

7.2	As	EIAM	34 Anos	53 anos	M	Bacharel em Teologia pela Universidade Luterana do Brasil
		APS	26 Anos	54 anos	M	Sem formação
		AS	Mais de 20 anos	67 anos	M	Não divulgado
		LJRV	Mais de 20 anos	57 anos	M	Graduado em História
		FPV	Mais de 20 anos	53 anos	F	Não divulgado
		IMMS	5 anos	52 anos	F	Não divulgado

### Compreensões Alcançadas

A observância dos detalhes da técnica de análise ocorreu gradualmente, a partir da sequência de passos proposto por Giorgi (1985) e Comiotto (1992). Este procedimento hermenêutico formalizou-se, como já referido, em um conjunto de opções técnicas e metodológicas que foram sendo assumidos dentro de um processo cíclico, dinâmico e interativo na busca e pré-análise das informações obtidas durante a construção desse estudo. Isto significa que o exame do material coletado ocorreu em dois momentos principais ainda que superpostos e integrados:

- 1) A análise de cada material individualmente, voltado à percepção das essências do fenômeno sobre a compreensão do significado do ser líder religioso hoje.
- 2) A análise integrada dos materiais coletados. Nesse segundo momento o objetivo foi o de articular as categorias que se destacavam e perpassavam os diferentes materiais visualizados tomados em seu conjunto. Esse procedimento é conhecido pela busca dos processos invariantes, ou também conhecidos como “Categorias Abertas<sup>39</sup>”, que são constructos ou estruturas, que apresentam grandes convergências de Unidades de Significados já analisadas e interpretadas.

Concluída a análise de cada um dos aspectos das informações obtidas, investiu-se na busca pela integração dessas informações como um todo. Assim, o segundo momento da análise consistiu na contrastação e comparação de informações reunidas a partir da análise anterior, com vistas à busca pela síntese das essências do fenômeno que está se investigando.

<sup>39</sup> Esses procedimentos foram sendo construídos paulatinamente a partir da década de 80, com o prof. Joel Martins e pessoas que com ele participavam de seminários, debates e grupos de orientação de pesquisa, envolvidos com fenomenologia e com a investigação rigorosa que essa visão epistemológica e de realidade permitem.

Na verdade, os dois momentos de cunho hermenêutico foram bastante inter-relacionados. Ao mesmo tempo em que se conduzia a análise individual das informações, foi-se percebendo e registrando aspectos em comum, vivências e experiências que se sobressaíam no seu conjunto.

O exame conjunto desses dois momentos apontou para a percepção das categorias a seguir citadas e suas respectivas dimensões fenomenológicas:

01 - O Líder Religioso: Em Busca de Si Mesmo e a Teologia do Chamado, Trabalho Secular e o Ser-Líder Religioso (Neo) e Pentecostal.

02 - Fenomenologia da Liderança Religiosa: Práxis Pastoral, Formação e o Papel da Comunidade.

Dimensão Fenomenológica	Unidades de Significados (UniSig)
O Líder Religioso: Em Busca de Si Mesmo e a Teologia do Chamado, Trabalho Secular e o Ser-Líder Religioso (Neo) e Pentecostal.	01, 02, 03, 04, 30, 174, 169, 176, 177, 170, 133, 144, 134, 135, 118, 31, 141, 142, 109, 110, 111, 113, 114, 115, 93, 98, 81, 34, 46, 47, 128, 171, 62, 63, 131, 51, 55, 56, 57, 60, 54, 121, 154, 179

A reunião dessas significações permitiu o movimento para um nível maior de articulações possíveis, ao buscar as convergências dessas unidades de significados.

Visualizar-se-á a seguir as análises das categorias e dimensões fenomenológicas numa perspectiva mais ampla, destacando-se as unidades de significados numa perspectiva individual e coletiva de modo mais esclarecedor, discutindo-as na sequência indicada.

### 7.2.1 O Líder Religioso: Em Busca de Si Mesmo e a Teologia do Chamado, Trabalho Secular e o Ser-Líder Religioso (Neo) e Pentecostal

Com base nessa dimensão, emergiu aqui diante dos depoimentos prestados, uma discussão teológica acerca do Chamado Divino (Sagrado) e suas implicações frente ao trabalho secular e o ser um líder religioso.

**Chamado Específico, Cuidado** – Numa primeira análise como parte desta dimensão, percebe-se na fala do entrevistado, a relação de dependência e importância entre ser pastor e o chamado específico, obtido de forma místico-sobrenatural e experiencial diante do Sagrado como reflexos da numinosa sensação e autopercepção por parte do líder religioso.

Na visão do depoente, o chamado específico é determinado para cuidar das “ovelhas”, conforme o mesmo afirma:

Isso para mim é algo muito importante e indispensável para ti ser um pastor, primeiro entender que as ovelhas não são tuas, mas que tu ganhas um chamado específico para cuidá-las para o Senhor (RRNS, UniSig01)

**Direcionamento** - Para RRNS, o chamado específico para ser um líder religioso pastoral e cristocêntrico, consiste em “direcionar, conduzir as ovelhas (membros da igreja), ao Sumo Pastor que é Cristo” (RRNS, UniSig02).

**Chamado** - Para o entrevistado, o chamado deve ser entendido como um “ganho” e esse processo de compreensão ocorre *internamente* (no coração) e de forma bastante clara, conforme ele afirma: “[...] mas o principal para mim é entender que tu *ganhou* um chamado de Deus, entender isso de forma bastante clara no teu coração” (RRNS, UniSig03).

**Chamado desde o ventre** – RRNS, diz que o seu chamado como um “ganho” místico-espiritual, já estaria presente e potencialmente no próprio ato de gestação (desde o ventre materno), analisando assim a sua retrospectiva de vida. O mesmo reconhece que desde a sua infância já era considerado um filho diferenciado, a partir dos relatos dos seus pais, diante de uma família de nove irmãos:

Com relação ao chamado, na verdade hoje com 54 anos e fazendo assim uma retrospectiva do meu histórico, eu vejo assim que realmente houve um chamado, aquele chamado desde o ventre, entende? Porque eu sou de uma família de nove irmãos e é incrível, mas até pelos relatos da mãe e do pai, eu realmente *sai* diferente, né? Eu *sai* diferente dos outros irmãos, até porque hoje dos nove irmãos só eu detenho esse ofício de ministério pastoral. (RRNS, UniSig04)

**O Pastorado Como Chamado Bíblico e Divino para Cuidar de Pessoas** – DFH, afirma categoricamente que para ele “o pastorado é um chamado bíblico, um chamado divino para cuidar das pessoas” (UniSig30).

**Chamado de Deus e Preparo versus Status de líder** – A prerrogativa e a natureza do chamado pelo Sagrado não deve ser caracterizada por buscas e influências externas como obtenção de títulos e status, reflete LJRV. Para o depoente, o chamado é interno, perceptual e deve haver um preparo formativo desse líder religioso:

Torna-se necessário haver um preparo dessa pessoa, não é simplesmente a pessoa se intitular um pastor, se intitular um líder em virtude de status, que ele vai ter como uma liderança, mas é necessário algo mais interno, um chamado... é uma prerrogativa de Deus naquela pessoa (LJRV, UniSig174)

**Diferenças entre ser um líder religioso cristão e um líder espiritual cristão** – O depoente AS faz uma diferenciação para si entre ser um líder religioso cristão e um líder espiritual cristão: O mesmo diz:

Quando eu me identifiquei como líder espiritual cristão, a diferença de um líder religioso é que religião tem uma forma, tem um padrão, ele é repetitivo. O líder espiritual cristão ele é guiado pelo Espírito Santo, porque cada situação exige uma solução diferente, uma posição, uma revelação, uma compreensão diferente porque cada ser humano é único (AS, UniSig169).

Para AS, a definição conceitual de um líder religioso cristão e de um líder espiritual cristão assemelha-se as definições e diferenças entre o chamado institucional e o chamado espiritual. O líder religioso cristão está a serviço da instituição religiosa seguindo uma forma padronizada e repetitiva, concentrando a sua força e foco na manutenção administrativa pastoral, mecanicismo-ecclesiológico, crescimento numérico e lucrativo.

Na perspectiva conceitual do líder espiritual cristão, o mesmo é chamado e guiado pela ação e caracterização da *experiência mística* atribuída à ação do Espírito Santo na vida do indivíduo e da comunidade.

**Diferenças entre o pastor como líder e o pastor como Filho de Deus (a)** – AS, complementa ainda o seu relato afirmando que há dois conceitos complementares aos conceitos anteriores colocados: o pastor como líder e o pastor como filho de Deus, como ser humano. Um conceito mais voltado ao chamado geral de todos os cristãos como filho do Sagrado e o outro chamado de natureza mais pontual e específica. Segundo o pastor como filho de Deus, Ele diz:

[...] Então, *todos são chamados* ao arrependimento. Todas as pessoas deveriam ouvir o evangelho, conhecer o evangelho e fazer a sua decisão, sua escolha (AS, UniSig176)

**Diferenças entre o pastor como líder e o pastor como Filho de Deus (b)**- Na perspectiva de AS, o pastor como líder se diferencia na medida em que focaliza o seu chamado no cuidado, na organização e no viver uma verdade trazida pelo evangelho:

O pastor ele é pra *cuidar* do rebanho, é pra *organizar* os filhos de Deus numa sociedade, num grupo, que é chamado de igreja e a igreja significa os que foram chamados para fora, para fora do sistema mundano, de mentira, de pecado, de adultério, de roubo, enfim, ele foi chamado para viver uma verdade trazida pelo evangelho (AS, UniSig177)

**A orientação do líder espiritual deve ser centrada nas Escrituras Sagradas e na entrega total** – O depoente AS conclui suas reflexões, afirmando que ele como líder espiritual, tem que trazer o entendimento para si e é através do seu autoconhecimento (perceptivos), da sua comunhão com o Sagrado e de ouvi-lo e de conhecer os princípios das escrituras bíblicas: “é que eu vou poder dar uma orientação bastante segura e essa tarefa exige uma entrega total” (AS, UniSig170).

**O Chamado do Líder como expressão do cuidado e do prover direção** – O entrevistado APS também resgata a dimensão do cuidado (cuidar de vidas), direção e do provimento - através do ensino, oração e orientação espiritual. Ele afirma que:

A gente é um líder que tem uma expressão de *cuidador*, de cuidar de vidas, de famílias, rebanho, de dirigir, de prover direção nas vidas das pessoas através do *ensino* da palavra, através da *oração*, através da *orientação espiritual* e de prover cuidado e proteção sobre vidas acima de tudo que são confiadas a nós, através do chamado (APS, UniSig133).

**O Chamado para cuidar e o direito de decidir é das pessoas e não do líder** – O entrevistado APS, reforça a visão do chamado do líder religioso como um processo para cuidar de vidas, mas também faz ressalvas sobre os processos de tomadas de decisões. Cabe às pessoas envolvidas, o poder de acatar ou não as orientações espirituais.

Nós somos *chamados para cuidar* e Deus é quem nos confia a elas e nós não temos o direito de decidir sobre a decisão da vida delas, nós podemos orientá-las, direcioná-las, mas elas (pessoas) é que tomam a decisão. (APS, UniSig144)

**A função de liderança não é decidir pelas pessoas** – O depoente EIAM também concorda com entrevistado APS, ao afirmar que não faz parte da natureza do chamado e responsabilidade do

líder religioso decidir pelas pessoas. Ao contrário, o líder religioso deve acompanhar a pessoa de forma equilibrada, como afirma:

Não é nossa função *decidir pelas pessoas*. Nossa função é estar juntos e acompanhar a pessoa numa decisão que seja equilibrada e que contemple todas as características necessárias, porque às vezes um jovem ele vai muito pelos sentimentos e emoções (EIAM, UniSig113)

**O que não deve ser o papel do líder** – O entrevistado EIAM complementa suas reflexões, afirmando ainda que esse modelo de “decidir pelas pessoas” no contexto pastoral, cria-se assim um modelo de dependência emocional pelo líder religioso:

Tu crias pessoas que são *dependentes até emocionalmente de ti*, dependentes de todas as formas, de decisões que as pessoas precisam tomar na vida, enquanto que hoje eu tenho convicção que o papel do pastor, do líder não é esse, não é dizer para as pessoas o que elas tem que fazer. (EIAM, UniSig110)

**Liderança, Conversão e Chamado** – Na visão do depoente APS acerca do chamado divino, o mesmo afirma que existem proximidades e diferenças entre o chamado em si e o processo de “conversão” do líder. Entende-se por conversão, o exato momento em que o líder decide estabelecer uma relação plena e integral de dependência com o Sagrado e com o *sentimento da criatura* – o sentimento da criatura que afunda e desvanece em sua nulidade perante o que está acima de toda a criatura, como coloca Otto (2011).

Eu entendo que conversão e chamado são pontos diferentes, mas que às vezes pode coincidir. Na própria conversão em si, Deus já vai inserir uma consciência do chamado, isso pode ocorrer (APS, UniSig134)

**Processo de liderança a partir do chamado** – Nesse sentido, o depoente APS articula que o seu processo e construção de liderança e a conscientização do chamado pelo Sagrado, surgiu no momento de sua própria conversão: “Bem, comigo na verdade a consciência do chamado ela veio que quase que instantaneamente após a decisão, a conversão em si”, conclui (APS, UniSig135).

**O tempo é fundamental para a confirmação do Chamado** - EIAM coloca como ponto de reflexão no seu depoimento, a questão e importância da comunidade em dar um certo tempo formativo para que o futuro líder perceba com clareza a dimensão do chamado ou não na sua trajetória de vida, conforme ele fala:

Se Deus te chamou vamos ter um tempo aqui. Vamos te botar numa escola, vamos te botar num seminário, vamos te botar num curso. Tu vai lá tu vai ficar seis meses, tu vai ficar um ano, se realmente é isso que tu quer, tu percebes (EIAM, UniSig118)

**O Chamado ao Pastorado** – Para o entrevistado DFH, refletindo sobre a natureza do chamado ao pastorado, ele diz que esse chamado consiste em “guiar as pessoas no caminho eterno, educando-as para uma vida saudável, mas principalmente comprometendo-as com os ideais, com os princípios do cristianismo” (DFH, UniSig31). Assim para o depoente, o chamado ao pastorado vai além de uma visão eminentemente eclesial. O chamado ao pastorado deve ser centrada no ensino e na conscientização de uma vida saudável e plena dentro dos princípios do cristianismo.

**Consagração e Chamado ao Pastorado** – O entrevistado APS, narrando sobre a sua experiência de consagração e chamado ao pastorado, diz que a vida e dinâmica pastoral não era uma prerrogativa na sua vida. O mesmo afirma que já atuava na sua igreja em outra área. Segundo ele, já havia em si um certo entendimento acerca de um possível chamado, mas não de natureza pastoral, conforme narra:

Em 1995, eu fui consagrado ao pastorado que era algo que eu não queria na verdade, na época eu estava atuando como evangelista, evangelizando pessoas. Eu já tinha evidencia de um chamado, mas não entendia que era pastoral (APS, UniSig141)

**Confirmação do Pastorado** – APS também afirma que o chamado e consagração ao pastorado partiu por influências de outros líderes religiosos da sua comunidade. Segundo ele o processo poderia ter sido melhor planejado:

Alguns pastores se reuniram e entenderam que eu deveria ser consagrado ao ministério pastoral e que eu deveria continuar conduzindo o ministério. Tudo isso ocorreu dentro de uma convicção, mas eu entendo que muitas coisas eu poderia ter planejado melhor (APS, UniSig142)

**O Chamado, trabalho secular, Reino de Deus e a não separação entre o profano e o sagrado** – O depoente DFH afirma entender que o seu chamado perante o Sagrado não faz distinções entre as suas atividades pastorais na igreja e o seu trabalho como professor na escola da sua cidade, pois para ele:

O chamado de Deus é para servir as pessoas, para cuidar delas e guiá-las, hoje eu trabalho como professor no meu trabalho – maior parte do tempo, secretaria da educação, professor, sou funcionário público concursado, então eu me dedico aqui no espaço da igreja à noite, finais de semana, são as atividades aqui (DFH, UniSig46)

Para o depoente, a sua compreensão quanto ao Reino de Deus ela é ampla, e o mesmo entende que tudo o que ele faz é para servir a Deus, então o seu trabalho lá no serviço público também é servir a Deus, sendo assim o seu trabalho profissional no serviço público como docente é uma extensão do seu chamado para servir, cuidar e guiar pessoas. Para DFH não existe separação entre o profano e o sagrado, pois, a partir do momento em que o Reino de Deus está nele, tudo o que o mesmo faça está dentro do Reino.

**Chamado e atividade secular nas escolas** – O depoente DFH descreve na sua entrevista que ele estava fazendo a faculdade de história e ali um dia, o mesmo sentiu uma experiência de despertamento no seu coração, que ele deveria se envolver com escolas. Assim ele diz:

Então eu me prontifiquei em algumas escolas a ministrar palestras gratuitamente sobre a páscoa, sobre temas religiosos que passavam no calendário escolar e eu como historiador poderia contribuir na parte da história e também trazer um significado religioso, explicar o que aquilo significava (DFH, UniSig51)

**Trabalho Secular** – Sobre o horizonte do seu chamado e trabalho secular, DFH pontua:

Hoje eu não consigo me sentir em paz em simplesmente deixar o meu trabalho secular, por dois aspectos: primeiro porque a congregação, pela nossa situação financeira, não tem condições de me manter de tempo integral e depois, mesmo que tivesse, eu não sei se eu devo fazer isso porque eu sinto o que eu faço naquele espaço tem sentido, é significativo. São várias coisas que se conectam na minha visão e não tem nenhuma contradição entre elas. (DFH, UniSig47)

**Atividade Secular** – Sobre o exercício de uma atividade secular como também parte de um chamado divino, o entrevistado EIAM reflete que essa ideia no início da sua liderança como pastor era algo inconcebível, pois ele, largou tudo para ser um líder religioso e o mesmo pensava que se ele voltasse a ter uma atividade secular o mesmo estaria retrocedendo:

Isso foi uma mentalidade minha de 20, 25 anos atrás quando eu tinha muito mais necessidade, mas na minha cabeça isso era inconcebível, se eu fizesse isso eu estaria traindo a Deus, estaria traindo o meu chamado, Deus me chamou ele vai me manter, foi uma experiência muito difícil. Eu doei meus móveis, entreguei apartamento e vim morar, dormir no chão com 11 meses de casado, lugar muito pequeno com um monte de gente morando juntos e isso foi por muitos anos. (EIAM, UniSig128)

**Desafio e experiência frente ao chamado de Deus e a entrega total a Ele** – O depoente AS, sobre a questão do chamado e a dependência e entrega total ao Sagrado, o mesmo afirma que ele era um empresário bem sucedido quando Deus chamou-o para o pastorado. Segundo ele a sua empresa de manutenção elétrico-mecânica chegou a ter em média setenta empregados, diante disso ele diz:

Deus me chamou para ir para o Uruguai e eu estive por oito anos no Uruguai, eu larguei tudo, tudo, tudo, tudo mesmo, eu estava construindo uma casa muito grande para mim, abri mão de tudo e fui pra morar numa região talvez a mais pobre da fronteira que é o Chuí e lá eu estive por oito anos dando toda a minha vida e longe da minha filha que tinha ido para o exterior, do meu filho que ficou aqui, então ser líder é isso, é uma entrega muito grande, eu diria assim (AS, UniSig171).

**Trabalho secular e o chamado de Deus** – A experiência do depoente AO sobre o trabalho secular e o chamado divino, o mesmo diz que trabalhou por muitos anos na maior empresa de software da América latina e segundo a melhor do mundo. Quando Deus chamou-o para ser um líder religioso, o mesmo disse que orou e sentiu no coração que Deus queria que ele continuasse trabalhando. Ele completa o seu testemunho dizendo:

Se você vê na Bíblia, Paulo ele não era por conta da obra, ele fazia tendas, tendas mesmo... ele fabricava, então você vê quando Moisés sai eles também trabalhavam, então pra liderança é importante porque eu estou lá no mundo, tenho conhecimento, eu sei do que o mundo tá falando, né? (AO, UniSig62)

**Prosperidade, trabalho secular, chamado** – Para o entrevistado AO, a relação entre o seu trabalho secular e o chamado não o tem atrapalhado, ao contrário, ele tem prosperado para abençoar os outros, conforme afirma:

Porque primeiro eu tenho uma visão de prosperar para abençoar outros, então Deus me abençoou, eu sou agraciado eu vou dar graças pra outros, e de algum modo um dia Deus me chamou pra trabalhar por conta e eu abri uma consultoria onde eu atendo clientes do Brasil todo, então porque Deus me deu essa visão? (AO, UniSig63)

**Reprodução de um modelo de liderança centralizador** – Quanto ao ser um líder religioso no contexto pentecostal, o entrevistado EIAM diz que muito da sua percepção de liderança religiosa como pastor hoje, por muitos anos, interligou-se ao modelo de liderança que tinha o seu pastor quando ele era adolescente, ou seja uma liderança muito centralizadora. Conforme EIAM, muito de suas falhas e erros cometidos no início do seu ministério ocorreu porque ele acabou reproduzindo o modelo centralizador de seu antigo pastor:

Imagina um adolescente de 15 anos de idade e não se tinha todo acesso à informação como se tem hoje. Então tu dependia muito da palavra do líder, do pastor, do presbítero local. Depois, amadurecendo, crescendo, indo estudar e tal eu percebi que muitas falhas na minha vida ministerial lá no início é porque eu repliquei aquilo... eu aprendi daquela forma e então eu comecei a fazer daquela forma também (EIAM, UniSig109)

**Liderança e o processo de manipulação dos sentimentos** – Ainda conforme o depoente EIAM, esse modelo de ser um líder religioso centralizador acaba inculcando, em muitos líderes novos, um processo de imitação e de manipulação de emoções, sentimentos, circunstâncias, que levam para uma determinada direção que às vezes não são boas (EIAM, UniSig111).

O depoente afirma que fez parte de uma geração que muitos líderes religiosos decidiam inclusive com quem o jovem deveria casar ou não casar e eu vi casamentos darem errados porque foram mal orientados por lideranças religiosas centralizadoras (EIAM, UniSig114)

**O papel e o chamado do líder como um mentor** – Na percepção e experiência do depoente EIAM, o mesmo diz: “Eu vejo o papel do pastor, do líder como um mentor. Qualquer líder em qualquer área ele vai ser um mentor de discípulos” (EIAM, UniSig115).

**Ser um pastor pentecostal: Ajudar pessoas e ser um auxiliador** – O depoente FGH sintetiza o seu pensamento e ideia acerca do seu entendimento sobre o que de fato significa ser um pastor pentecostal:

Se fosse sintetizar sobre o que eu entendo sobre ser um pastor pentecostal realmente é ajudar as pessoas a irem ao encontro de uma dependência de Deus através da Pessoa de Jesus Cristo, onde ocorre esse relacionamento íntimo, de tal maneira que a gente participa apenas como um auxiliador nesse processo sem a gente ter a pretensão de ser dono da pessoa, sem querer manipulá-la, mas fazer com que ela tenha uma dependência direta (FGH, UniSig93)

**Liderança e Autoconhecimento** – O depoente narra também a importância do autoconhecimento no seu processo de ser um líder religioso: “Hoje eu tenho um autoconhecimento muito maior do que eu tinha tempos atrás e é bom conhecer o teu jeito de ser, o teu temperamento, conhecer como as pessoas reagem” (FGH, UniSig98).

**O ser líder religioso na percepção do pastor é ser um profeta do Sagrado** – Para o depoente AL, o mesmo diz que o significado do ser um líder religioso consiste:

Na percepção do pastor, na essência, na sua origem, ela tem essa ideia de ser “Boca de Deus”, ou seja, ser aquele que poderia falar por Deus na terra, através da Palavra, seja através da pregação, seja através de um conselho (AL, UniSig81).

**Diferenciando pastor de pregador** – DFH na sua visão, faz uma diferenciação entre o pastor e o pregador:

Eu diferencio um pastor de apenas alguém que é um pregador, porque nós temos no meio pentecostal pessoas que pregam muito bem e que conseguem trazer a mensagem cristã, mensagem evangélica de forma muito eloquente nas suas pregações, na plataforma, no púlpito, porém nem sempre essa pessoa se constitui de fato em um pastor. (DFH, UniSig34)

**Desafios do ser um líder religioso: solidão, triunfalismos e o processo de humanização da liderança** – Diante dos desafios frente ao chamado para ser um líder religioso, os percalços são inúmeros, na visão do depoente DFH. Segundo a sua narrativa na entrevista, a vida de um pastor é uma vida um pouco solitária, principalmente por causa dessa visão que se criou de forma triunfalista. “Se o pastor prega que o cristão não tem problemas, se o pastor prega que o cristão não vai ter problemas, se o pastor prega que “é só vitória”, se ele prega isso como ele vai demonstrar as suas fraquezas?”, Analisa DFH.

O depoente ainda afirma: “Se ele é o líder como ele vai demonstrar que ele é humano, que ele é fraco, que ele respira, que ele pode ter um conflito com a esposa, que ele pode ter um filho com problemas, que ele pode até ter crises do seu chamado, como ele vai demonstrar isso?”

Ele não vai num psicólogo e nem conta para o outro, porque às vezes há uma disputa, essa questão de suicídios de pastores na minha visão está atrelada a isso, essa dificuldade da igreja assumir que o pastor também é humano, que ele pode errar, que ele tem dificuldades, ele precisa de ajuda, que não é só vitória, que as vezes tem lutas e dificuldades, tem derrotas pontuais... (DFH, UniSig54)

**O mito do endeusamento do líder** – Segundo o entrevistado EIAM, a visão do líder religioso triunfalista e do seu endeusamento, cria nos membros uma visão de que esse líder religioso não pode ser confrontado:

Então como eu era jovem eu tinha um receio de confrontar uma liderança. Havia uma expressão que se usava muito: “ai daquele que tocar no

Dimensões Fenomenológicas	Unidades de Significados (UniSig)
---------------------------	-----------------------------------

ungido do senhor!”, então a gente tinha receio disso, de não tocar no ungido de Deus e não confrontar esse ungido, mesmo que o ungido estivesse errado (EIAM, UniSig121)

**O mito do Super-homem e o individualismo do líder** – O depoente APS complementa as falas dos seus colegas, onde o mesmo afirma que por trás do mito do super-homem, existe o medo e a insegurança do líder religioso:

Eu acho muito importante, acho necessário, tenho que ser sincero que hoje não é fácil... o estigma de que o pastor é um super-homem que ele não precisa e de fato tem o outro lado... “Deus é comigo, Deus me chamou..., não preciso confiar a minha vida a ninguém” e às vezes está por trás disso o medo, a insegurança que precisa ser vencido (APS, UniSig154)

**Ninguém faz nada sozinho** – O entrevistado LJRJV cita na entrevista que o papel do pastor consiste em pastorear, mas cada um tem o seu chamado o seu ministério, afirmando que “ninguém faz nada sozinho”:

Formação, Busca pelo Conhecimento	09, 117, 146, 85, 149, 150, 29, 36, 37
Práxis Pastoral, Papel da Comunidade	08, 50, 53, 99, 83, 122, 123, 84, 152, 75, 89, 90, 91, 159, 182, 38, 39

Porque ninguém faz nada sozinho, nós somos um corpo. O que acontece muitas vezes é que a estrutura do corpo não está bem ajustada e aí sobrecarrega alguém. E muitas vezes sobrecarrega a liderança que está à frente no caso, o pastoral (LJRV, UniSig179)

Logo a seguir, apresentação do segundo quadro com as suas respectivas dimensões e unidades de significados emergidas no processo de análise das entrevistas Fenomenológicas: **Liderança Religiosa: Práxis Pastoral, Formação e o Papel da Comunidade.**

### 7.2.2 Formação, Busca Pelo Conhecimento

Em relação a esta categoria de análise, a perspectiva da formação e da busca pelo conhecimento revelou-se importante no exercício da prática pastoral, como revelam as falas dos depoentes. O líder religioso precisa de uma formação adequada na sua área de conhecimento.

**Importância da formação teológica e curso superior na formação pastoral** – O depoimento de RRNS declara que o mesmo não fez nenhum curso superior teológico, mas que ele de forma alguma anula ou rejeita essa possibilidade:

Hoje penso claramente que é extremamente necessário, importante, você passar por um seminário e ter realmente uma formação pra ter um conhecimento bíblico real e original, verdadeiro, inclusive hoje eu tenho o meu filho que já está na igreja e fazendo faculdade aqui na ULBRA de Canoas, porque eu acho extremamente e importante ter um curso superior. (RRNS, UniSig09)

**Busque uma Formação Primeiro** – EIAM afirma que sua orientação para aqueles que querem ser um líder religioso é buscar uma formação inicial antes de ingressar no ministério

pastoral. Ele afirma que muitos líderes buscam a prática pastoral primeiro e depois a formação, o que ele acha extremamente negativo, ele diz:

“Eu orientaria: ‘Não faça isso!’, não tome essa atitude, busque uma formação primeiro, porque eu fui buscar uma formação depois”. EIAM continua suas reflexões:

“Primeiro eu fui naquela onda, vamos lá, Jesus tá vindo, Jesus tá voltando, precisamos evangelizar o mundo... Eu abri mão de um sustento, de um salário...” (EIAM, UniSig117a).

EIAM afirma que ele foi muito resiliente e que hoje teve que ressignificar muitas decisões impensadas, mas que essa atitude e postura de resiliência, não acontecem na maioria dos casos, acerca de outros líderes religiosos conhecidos que não tem formação formal em cursos superiores, como o mesmo declara:

Claro, pra minha formação, no estágio que eu estou hoje e olhando pra trás, não me destruiu, me fortaleceu, só que eu vi isso destruir muitas vidas, vários colegas meu perderam o casamento, perderam seus filhos, perderam para o secularismo, tiveram problemas emocionais, depressivos muito fortes, porque a carência, não somente de questões financeiras, mas de suporte, de liderança que a gente não tinha (EIAM, UniSig117b)

**Estudos formais** – APS afirma que é muito relevante os estudos formais na área de educação. Segundo o depoente, o mesmo não pensava assim no início da sua trajetória como líder religioso: “Eu acho muito relevante a importância dos estudos, da educação. Eu não pensava assim. Lá no início, eu recebi um conceito teológico, mesmo não estudando teologia em um instituto formal” (APS, UniSig146).

**Formação em Administração e Mestrado em Teologia** – O entrevistado AL também corrobora com os colegas pastores, sobre a importância dos seus estudos formativos obtidos em cursos superiores:

Eu sou formado em administração e foi um curso muito importante e depois eu senti essa necessidade de me aprofundar um pouco mais na teologia, onde fiz o mestrado, por questão de sentir um pouco debilitado (AL, UniSig85)

**A importância da leitura como fonte de prazer** – Conforme o entrevistado APS, a leitura é uma fonte de atualização e de formação pessoal do líder religioso e deve ser realizada por prazer e não por obrigação:

Como eu antes de minha conversão eu tinha minha vasta biblioteca e desenvolvi o conceito de ler e tenho a leitura como algo de grande prazer não só para obter o conhecimento, a informação, mas por prazer... então eu faço por vários motivos a leitura, para mim, me faz bem (APS, UniSig149)

**Leitura, desenvolvimento e autodidatismo** – APS declara também que se tornou o que muitos chamam de *autodidata*. E nessa questão de ler e obter a informação e manuseá-la, isso o ajudou muito. “E isso foi um fator diferenciador e continua sendo. Eu tive que aprender depois com o tempo a selecionar e garimpar aquilo que eu estou lendo” (APS, UniSig150).

**A importância da busca pelo conhecimento** – Conforme RRNS, a busca pelo conhecimento formal em curso superior foi importante e fundamental para desconstruir seus próprios erros:

Eu não questiono porque eu me converti numa igreja pentecostal e hoje eu tenho que desconstruir muitas coisas, eu tenho que me arrepender de coisas que eu mesmo falei, afirmei e hoje eu vejo que estava errado e pelo quê, como eu vejo que estava errado? Pelo conhecimento (RRNS, UniSig29).

**Formação ampla, cursos internos e reciclagens** – A formação ampla que ocorre no contexto de cada igreja pentecostal a partir de processos informais por meio de cursos internos e seletivos, na visão de DFH, é um mecanismo importante de reciclagem para os líderes religiosos como um todo na sua comunidade. DFH diz:

Hoje o nosso ministério tem investido, inclusive exigido, que os pastores façam os cursos internos. Esse ano mesmo está acontecendo um curso que é um ano inteiro. Todos os pastores que foram formados nos últimos dois anos tão passando por uma reciclagem para pode nivelar a questão da visão ministerial, as práticas, até mesmo dos nossos formatos de culto, das liturgias (DFH, UniSig36)

**Cursos teológicos e o envolvimento na comunidade** – Para DFH, com relação aos cursos teológicos formais no contexto de igrejas pentecostais, não são tão prioritários e significativos em termos formativos. A importância recai no envolvimento e responsabilidade do líder com a estrutura eclesial.

Como eu vejo na maioria das igrejas pentecostais, os cursos teológicos formais não são tão significativos quanto o fato de estar envolvido com a estrutura eclesial, então por exemplo, se a pessoa (líder) tem uma formação enorme, mas se ela não está envolvida com a comunidade não tem sentido para essa pessoa ser reconhecida como um pastor, mas isso não quer dizer que tendo ela esses cursos seja impedida. (DFH, UniSig37)

### 7.2.3 Práxis Pastoral e o Papel da Comunidade

Evidenciou-se nessa dimensão, a importância atribuída à comunidade religiosa no desempenho do seu papel no contexto pentecostal/neopentecostal. Esse papel comunitário pode ser de consagração, fortalecimento e acolhimento do líder religioso e de seu chamado, como também podendo ser um lugar e espaço de sedução para o líder religioso e/ou de serviço institucionalizado veiculado pelo chamado à pastoral de manutenção.

**Indicação e acolhimento ao pastorado pela comunidade** – Segundo o depoente RRNS, a sua inserção e chamado ao pastorado partiu de pessoas próximas e acolhedoras na comunidade em que o mesmo frequentava. Conforme o seu relato, RRNS assumiu o projeto de ser um líder religioso não por iniciativa própria, não por profecia, não por revelação, não por sonhos e nem por estudos, mas sim em função de pessoas que o acolheram e disseram que o reconheciam como um pastor:

‘Nós te enxergamos como um pastor, nós reconhecemos o teu pastorado!’  
Então, eu não tive uma profecia, uma revelação, um sonho e também eu não me formei, eu não fui a uma faculdade, eu não fiz pra me formar pastor... isso foi um negócio muito incrível pra mim, né? Foram pessoas da comunidade que me acolheram ( RRNS, UniSig08)

**Liderança e participação na Comunidade de Fé** – Para DFH, a busca pelo Sagrado e sua participação na comunidade de fé, foram os indicativos para que as pessoas vissem nele um potencial para ser um líder religioso:

E então comecei a buscá-lo, a participar da comunidade de fé da igreja e as pessoas que estavam comigo sempre percebiam que eu tinha um certa liderança para algumas coisas DFH, UniSig50)

**Consagração ao pastorado e o reconhecimento da comunidade** – O relato de DFH sobre a sua consagração ao pastorado não era algo que ele queria, almejava. Foi a comunidade que viu nele uma identidade pautado no compromisso e ação pastoral com a igreja:

Quando o pastor veio e disse: 'Bah, DFH nós queremos te consagrar pastor!' Eu disse pra ele: 'Pastor, pra mim se eu for consagrado ou não, não vai muita fazer diferença, no sentido do meu trabalho, não vou fazer mais ou menos por isso, to servindo a Deus no que Ele me pede, no que vocês me confiaram'. Daí o pastor falou: 'Não, não... Mas nós cremos, a comunidade te respeita, te honra como um pastor, te enxergam como um pastor, você cuida dos filhos dele, você cuida das pessoas, você é um pastor, você só não tem o título ainda'!!! (DFH, UniSig53)

**Reconhecimento da comunidade** - O depoimento de FGH, torna-se interessante na medida em que o mesmo afirma que nem talento ele tinha para ser pastor, mas foi "empurrado" pela comunidade:

Na verdade eu fui meio "empurrado", se depender de mim, até hoje eu não tenho talento para ser pastor, mas com relação ao reconhecimento eu creio que é muito importante ter esse respaldo, eu vejo que há esse respaldo, esse reconhecimento em relação a mim e acho que isso é muito importante (FGH, UniSig99).

**A Igreja/Comunidade busca um diretor de empresa:** O entrevistado AL diz claramente que hoje a voz da comunidade religiosa pentecostal é para buscar perfis de líderes que tenham potencial para serem gestores:

O Pastor é um diretor de empresa, um gestor - ao mesmo tempo eu vejo a percepção da igreja, me parece, nos dias de hoje, que ela busca um diretor de uma empresa, de um gestor, que tenha desempenho de alta produtividade e que consiga suprir todas as suas necessidades (AL, UniSig83).

**Liderança, chamado e o papel da comunidade** - EIAM inicialmente, não queria ser pastor ou missionário. Para ele os critérios para visualizar e entender o chamado diante do Sagrado é: Ouvir a voz de Deus, ter uma confirmação por parte da tua liderança e ter uma confirmação por parte da tua COMUNIDADE:

Eu te confesso que eu não queria ser pastor ou missionário, porque eu sabia que missionário sofria. Antes de ser pastor eu tive um tempo de missão, por isso que eu mudei bastante de cidade. Estudando sobre essa questão e ouvir a voz de Deus eu acho que isso é uma questão importante: você ouvir Deus e você ter uma confirmação por parte da tua liderança e ter uma confirmação por parte da tua comunidade. (EIAM, UniSig122)

**Tensões entre o ser pastor e o ser administrador** – O entrevistado EIAM também coloca os pontos de tensões que existem entre a perspectiva e conceito de ‘ser pastor’ e ‘ser um administrador’ no contexto das igrejas pentecostais/neopentecostais. Para ele, esses dilemas são um dos grandes problemas nas igrejas neopentecostais hoje, conforme ele narra:

Normalmente nas igrejas chamadas de “pentecostais”, pastor da igreja local ele também é o administrador, o sistema de governo ele é um pouco diferente das igrejas mais históricas onde existe uma diretoria e eu até acredito que isso seja talvez um dos grandes problemas das igrejas neopentecostais hoje (EIAM, UniSig123)

**Ponto de tensão na comunidade: lidar com pessoas versus lidar com coisas** – O depoente Al concorda com o colega EIAM, no que se refere ao ponto de tensão nas igrejas pentecostais entre o ser pastor e ser administrador na comunidade, ou nas palavras de Al: o saber ‘lidar com pessoas’ ou ‘com coisas’:

Eu acho que esse é um dos pontos de fator de estresse para os pastores que é quase impossível... é muita pressão... , não é uma demanda a ser suprida e ser abraçada, não é responsabilidade do pastor... o pastor precisa ser um gestor de pessoas, não necessariamente gestor de coisas ou de projetos administrativos (AL, UniSig84)

**O chamado e o desafio de ser um Super-homem na comunidade** – O entrevistado APS afirma que se torna cada vez mais difícil lidar com a comunidade diante das exigências e pressões que acontecem no seu cotidiano:

É um desafio para qualquer líder lidar com a questão da sua pessoa e a forma que como a sua pessoa lida com o chamado. E como ele se relaciona com a comunidade, com as pessoas. Porque isso o torna às vezes o que pra muitos não param para pensar, mas é quase que um *super-homem!* (APS, UniSig152).

**Trabalho pastoral pesado** – O depoente LLP, complementa o entrevistado APS: “Realmente o trabalho pastoral ele é muito pesado” (LLP, UniSig75).

**Comunidade versus Orfandade** – Segundo AL, mesmo diante de uma comunidade que pressiona constantemente e que exige do líder religioso “o ser um super-homem”, o depoente Al diz que esse mesmo líder, em muitas situações, acaba vivendo uma “crise de orfandade”:

Eu acho hoje que o principal problema, enfim eu vou dar uma palavra, mas ele é um conceito, seria “orfandade”. O que eu quero dizer com isso? Dentro do conceito de orfandade, que é o que a gente trabalha, nós vivemos uma cultura órfã, qual que é o conceito? Cara, sou eu e eu por minha conta e se eu não fizer ninguém faz por mim (AL, UniSig89)

**Comunidade versus Competição** - O depoente AL continua a sua narrativa, afirmando que, diante das pressões e exigências de uma comunidade que ‘cobra’ do seu líder religioso ‘ser um super-homem’ e que gera no líder uma ‘crise de orfandade’, isso tudo cria no espírito do líder um sentimento de busca por competição e reconhecimento:

E eu acho que esse é o grande problema hoje dentro da igreja porque eu vivo uma *competição* por amor, quer queira ou não, eu estou nesse processo e isso me pesa e quando eu não atinjo o objetivo, quando não tenho a performance que eu acredito que deveria ter, que eu acredito que as pessoas gostariam que eu tivesse e que de uma certa forma também acredito que Deus esperaria que eu tivesse, mas eu digo: ‘não, não dá! não consigo! não tenho forças pra vencer tudo isso!’ A questão da *competição* é muito forte, mas é cultural, né? Nós vivemos numa *competição* (AL, UniSig90)

**A Comunidade é quem Reconhece o Chamado de Deus** - Todavia para o depoente AL, mesmo diante de tantos problemas de liderança que a comunidade religiosa cria e sustenta para o seu líder, AL acredita que é essa comunidade que reconhece e consagra o chamado do líder religioso. Segundo AL, foi assim que aconteceu com ele e, como muitos dos seus colegas, também não pensavam em ser um ‘pastor’:

Então o pastorado ele aconteceu ao natural, não foi uma coisa que eu disse: ‘Rapaz eu vou ser pastor!’ Não foi uma coisa que eu digo: ‘Cara, gostei dessa profissão!’ A comunidade é que o reconhece. Eu até acho que ele não consegue lá se não tiver essa relação com a comunidade. Obviamente é Deus quem dá o chamado, mas é a comunidade que o reconhece (AL, UniSig91).

**Trabalho em equipe na comunidade** – Para APS, a melhor estratégia para fugir das exigências de um pastor ‘super-homem’ é o trabalho em equipe. Uma equipe que caminha e compartilha juntos, promovendo um ambiente na igreja que seja mais corpo do que organização:

Hoje eu estou trabalhando para desenvolver uma equipe que a gente caminha junto, que a gente tenha mais liberdade de compartilhar e na cidade a gente caminhar mais juntos, estamos pensando no conselho em fortalecer mais a unidade, a gente ter mais transparência, eu acho que a gente precisa criar ambientes onde a gente seja mais igreja de Cristo, Corpo... (APS, UniSig159)

**Diferentes Igrejas e comunidades, diferentes lideranças** – Conforme IMMS, a mesma diz:

Porque cada igreja Deus chama com uma particularidade para tratar de algo muitas vezes que não é aquilo que o outro pastor tá tão habilitado a fazer. Então mesmo sendo igreja, mesmo tratando de tudo aquilo que é demanda que vem, sempre há algo particular numa determinada igreja e na outra (IMMS, UniSig182)

**Pressão neopentecostal e a teologia da prosperidade** – Na perspectiva de DFH, em conformidade com a sua narrativa, ele diz que hoje nas comunidades pentecostais, existe uma pressão muito grande para que tanto a comunidade, como o líder religioso, adotem como pressupostos teológicos, a visão da doutrina da teologia da prosperidade, afirma o depoente:

Há um pressão muito grande no meio pentecostal, junto ao mundo evangélico, sobre a questão neopentecostal, principalmente com a teologia da prosperidade. (DFH, UniSig38)

**Teologia da Prosperidade e populismo gospel** – DFH conclui assim a sua narrativa afirmando que a Teologia da Prosperidade é uma forma de populismo gospel que está se infiltrando nas comunidades pentecostais:

Nós entendemos que essa teologia é uma forma de populismo gospel, você fala o que as pessoas querem ouvir, uma ideia simples de ganhar adeptos custe o que custar, mas que ela não tem base bíblica, ela não se ampara nas escrituras. (DFH, UniSig39)

#### 7.2.4 O Processo Hermenêutico e a Busca Pela Compreensão de Uma Fenomenologia Identitária do Ser Líder Religioso

As sucessivas reduções fenomenológicas a que foram submetidos os depoimentos dos sujeitos, tornaram possíveis às discussões dos achados à luz de um processo interpretativo e hermenêutico, entendido como uma *Fenomenologia da Liderança Religiosa*.

Essa Fenomenologia identitária do ser líder religioso revela, em última análise, a relação processual, dialética e espiritual entre o ser líder como pessoa humana, o outro e o Sagrado. O significado sobre o ser líder religioso, na plena consciência de sua individuação, é um encontrar-se consigo mesmo na direção do outro e do Sagrado.

Conforme Forghieri (2004), a ótica fenomenológica descreve as características básicas do indivíduo como um líder sempre em função de suas relações com a sociedade, articulando-se assim em um mundo circundante, um mundo humano e um mundo próprio. Trata-se de uma totalidade que constitui a estrutura básica de todas as significações pessoais e que dá a direcionalidade para a práxis pastoral (intencionalidade).

Essa Fenomenologia identitária do ser líder religioso caminha em dois sentidos e significados: 1) por um lado a visão do chamado do líder religioso para viver à custa de um pragmatismo de puro ativismo religioso e múltiplas funções, que cresce a cada dia no viés da teologia da prosperidade (síndrome do super-homem), reforçando assim um chamado de pastoral de manutenção institucional, como Barro (2013) coloca. 2) Por outro lado, é vivenciar a busca constante por um chamado de serviço, diacônico e de cuidado de pessoas na relação plena com o Numinoso (Sagrado), vivenciando o então *Mysterium Tremendum*, como coloca Otto (2011).

Esta busca está acoplada à maneira como o líder religioso se percebe e se vincula a uma rede de convivência, sustentabilidade e de comunicação entre si. Esta 'rede comunitária' se constitui a partir da percepção do mundo próprio dos líderes religiosos (o si mesmo) e se desloca para o mundo compartilhado com os outros (o ser – com), como foi observado na fundamentação teórica a partir das ideias de Alberto Melucci e Paul Ricoeur.

Nesse sentido, essa rede comunitária como igreja, tanto pode ratificar o chamado na condição de serviço diaconal e do aperfeiçoamento dos líderes e de todos os membros no contexto de sociedade (chamados de dentro para fora), como ela também pode atender a um chamado de sedução (glamour, sucesso pessoal, riqueza, poder, e amor excessivo por si mesmo) por parte dos líderes religiosos e da própria comunidade em si.

Esse processo é dialético e envolve uma linha muito tênue entre essas duas possibilidades.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Torna-se urgente nos dias atuais a busca por um maior aprofundamento teórico acerca dos fenômenos da liderança religiosa com base em estudos e pesquisas de cunho qualitativo fenomenológico, explorando assim o mundo da vida de líderes religiosos de diferentes confessionalidades cristãs ou não. O mundo da vida dos líderes religiosos no contexto evangelical é um mundo complexo, permeado de conflitos internos e externos, indefinições de papéis, ativismos, inquietações, frustrações, incertezas, ambivalências e até suicídios.

Estudos comparativos no sentido de visualizar sobre o que se passa no mundo da vida desses líderes religiosos, explorando assim as compreensões, os sentidos e significados e as vivências de diferentes líderes religiosos, são muito bem-vindos.

Também se torna necessário um maior desenvolvimento e aprofundamento de pesquisas e estudos sobre uma Teologia do Chamado.

São poucas as literaturas existentes na área que tratam especificamente sobre o Chamado de Deus (Sagrado). A maioria delas retrata o chamado como um manual de regras e ferramentas doutrinárias e administrativas sobre o exercício e função pastoral nas igrejas. Os sentimentos, percepções, desafios e vivências dos líderes religiosos quase sempre não aparecem.

No campo da educação, torna-se relevante também um maior investimento em pesquisas sobre o resgate da dimensão do sagrado, liderança e o respeito à diversidade religiosa presente na Base Nacional Comum Curricular (BNCC). A perspectiva da promoção e do resgate presente na BNCC acerca do sagrado, reconhecimento de líderes religiosos de diferentes matrizes e das múltiplas manifestações religiosas, que são percebidas e captadas a partir da realidade de cada educando, torna-se interessante como fonte de pesquisa e objeto de estudo.

Fica então aqui a deixa e o desafio nessa empreitada!

## REFERÊNCIAS

- ALVES, Eduardo Leandro; ADAM, Júlio César. **Desafios da prática pastoral na contemporaneidade, possibilidades de uma comunidade pentecostal**. Revista REFLEXUS - Ano XI, n. 18, 2017.
- AMORIM, Maria Cristina Sanches; PEREZ, Regina Helena Martins. **Poder e Liderança: as contribuições de Maquiavel, Gramsci, Hayek e Foucault**. Revista de Ciências da Administração • v. 12, n. 26, p. 189-220, jan/abril 2010.
- ALABY, José Assan. Líderes Devem Ser Filósofos? *In*: MARINHO, Robson M. OLIVEIRA, Jayr F. (Org.) **Liderança: Uma Questão de Competência**. São Paulo: Saraiva, 2006.
- ALMEIDA, Bíblia de Estudo. **Evangelhos**. Barueri SP: Sociedade Bíblica do Brasil, 1999.
- AZEVEDO E SOUZA, V.B. **A Tomada de Decisão e a Liderança no Processo Ensino-Aprendizagem: Uma Abordagem Crítica**. Porto Alegre: Programa de Pós-Graduação em Educação da PUC-RS, (Fascículo 1), 1986.
- BALES, R. F. **The equilibrium problem in small groups**. New York: T. Parsons R.F, 1953.
- BARCELLOS, F. **A Psicologia Aplicada à Administração de Empresa**. São Paulo: Tecnoprint S.A., 1984.
- BARRO, Jorge H. **Pastores Livres: Libertando os Pastores dos Cativoiros Ministeriais**. Londrina: Editora Descoberta, 2013.
- BICUDO, Maria A. Viggiani. **Fenomenologia, Confrontos e Avanços**. São Paulo: Cortez, 2000.
- BITTENCOURT, Filho, José. **Matriz Religiosa Brasileira: Religiosidade e Mudança Social**. Petrópolis, RJ: Editora Koinonia, 2003.
- BOTELHO, E. F. **Do gerente ao Líder: A Evolução do Profissional**. São Paulo: Atlas 1991.
- CAPALBO, Creusa. **Metodologia das Ciências Sociais**. Rio de Janeiro, Antares, 1979.
- CARVALHO, Anésia de Souza. **Metodologia da Entrevista, Uma Abordagem Fenomenológica**. Rio de Janeiro: Agir, 1987.
- CARVALHO, Vania Brina Corrêa L. **Desenvolvimento Humano e Psicologia: Generalidades, Conceitos, Teorias**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1996.
- COMIOTTO, Miriam S. **Adultos Médios: Sentimentos e Trajetórias de Vida \_ Estudo Fenomenológico e Proposta de Auto-Educação**. Porto Alegre: UFRGS, 1992. (Tese de Doutorado).
- COVEY, Stephen R. **O Oitavo Hábito: Da Eficácia à Grandeza**. São Paulo: Editora Campus, 2018.
- CUNHA, Magali do Nascimento. **A Hegemonia Pentecostal no Brasil**. São Paulo: Revista Cult, Edição 252, Dez. 2019. Disponível em: <https://revistacult.uol.com.br/home/hegemonia-pentecostal-no-brasil/#.XrXzgDKKsrd.whatsapp> Acesso em: Abril de 2020.
- CHAUÍ, Marilena de Souza. **Husserl - Vida e Obra**. Coleção os Pensadores. São Paulo: Editora Nova Cultural Ltda, 1996.
- \_\_\_\_\_. **Maurice Merleau-Ponty**. Coleção os Pensadores. São Paulo: Editora Nova Cultural Ltda, 1989.
- \_\_\_\_\_. **Convite à Filosofia**. São Paulo: Editora Ática, 1995.
- CLINTON, J. Robert. **Etapas na Vida de Um Líder**. Curitiba: Descoberta, 2000.

- DARTIGUES, A. **O que é Fenomenologia?** Rio de Janeiro: Eldorado, 1973.
- DREHER, Martin Norberto. **A Igreja Latino-Americana no Contexto Mundial.** São Leopoldo RS: Editora Sinodal, 1999.
- DRUCKER, Peter F. **O Líder do Futuro.** São Paulo: Futura, 1996.
- FIEDLER, F.E. **Personality group dynamics. and situational determinants of leadership effectiveness in Cartwright e Zander.** New York: Harper and Row, 1968.
- FORGHIERI, Yolanda Cintrão. **Psicologia Fenomenológica – Fundamentos, Método e Pesquisas.** São Paulo: Pioneira Thompson, 2004.
- FURNISS, G.M. **The social context of pastoral care.** Louisville: Westminster John Knox Press, 1995.
- GARDNER, H. **Mentes que lideram: uma anatomia da liderança.** Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.
- GIBB, C.A. **Leadership.** in Lindson e Aronson, Handbook of Social Psychology, New York: Addison-Wesley, 1968.
- GOTO, Tommy Akira. **O Fenômeno Religioso – A Fenomenologia em Paul Tillich.** São Paulo: Paulus, 2004.
- GIORGI, Amedeo. **Psicologia Como Ciência Humana.** Belo Horizonte: Interlivros, 1978.
- \_\_\_\_\_. **Phenomenology and Psychological Research.** Pittsburg: Duquesne University Press, 1985.
- GROOME, Thomas. **Educação religiosa cristã.** São Paulo: Paulinas, 1985.
- HARGREAVES, Dean Fink. **Liderança Sustentável: Desenvolvendo Gestores da Aprendizagem.** Porto Alegre: Artmed, 2007.
- HEIDEGGER, Martin. **Ser e Tempo.** Petrópolis: Ed. Vozes, Parte I e II, 2005.
- HUSSERL, Edmund. **A Ideia da Fenomenologia.** Lisboa: Edições 70, 1986.
- \_\_\_\_\_. **Investigaciones Lógicas.** Madrid: Alianza editorial, 1999. Tomo II, 1ª parte.
- \_\_\_\_\_. **Fenomenologia de la consciencia del tiempo inmanente.** Bueno Aires, Nova, s/d.
- \_\_\_\_\_. **Ideias para uma Fenomenologia Pura e para uma Filosofia Fenomenológica.** Aparecida SP: Ed. Idéias e Letras, 2006.
- \_\_\_\_\_. **A Filosofia Como Ciência do Rigor.** Coimbra: s/d., 1975.
- \_\_\_\_\_. **Meditações Cartesianas: Introdução à Fenomenologia.** Porto Alegre: RES, 1987.
- \_\_\_\_\_. **A Crise da Humanidade Européia e a Filosofia.** Porto Alegre: EDIPUCS, 1996.
- MARTINS, Joel e BICUDO, Maria V. **Estudos sobre o Existencialismo, Fenomenologia e Educação.** São Paulo, Moraes, 1983.
- MARINHO, Robson M. Liderança em Teoria e Prática. In: MARINHO, Robson M. OLIVEIRA, Jayr F. (Org.) **Liderança: Uma Questão de Competência.** São Paulo: Saraiva, 2006.
- MELUCCI, Alberto. **A Invenção do Presente.** Petrópolis: Vozes, 2001.

\_\_\_\_. **Vivencia y Convivencia**. Colección Estructuras y Procesos. Editorial Trotta, S.A., Ferraz, Madri, 2001.

\_\_\_\_. **O Jogo do Eu: A Mudança de si em uma sociedade global**. São Leopoldo: Editora Unisinos, 2004.

MINICUCCI, Agostinho. **Psicologia aplicada à administração**. São Paulo: Atlas, 1983.

**MORAES, Roque**. A Educação de Professores de Ciências: Uma Investigação da Trajetória de Profissionalização de Bons Professores. **1991. Tese (Doutorado em Educação). Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Porto Alegre, 1991.**

MOSCOVICI, F. **Desenvolvimento interpessoal**. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos, 1985.

O'TOOLE, James. **Liderando Mudanças**. São Paulo: Makron books, 1997.

OTTO, Rudolf. **O Sagrado**. São Leopoldo: Editora Sinodal/EST; Petrópolis: Vozes, 2011.

PENTEADO, J. R. **Técnica de chefia e liderança**. São Paulo: Pioneira, 1978.

PETERSON, Eugene. **Um Pastor Segundo o Coração de Deus**. Rio de Janeiro: Editora Textus, 2000.

**REZENDE, Antônio Muniz**. Concepção Fenomenológica de Educação. **São Paulo: Cortez, 1990.**

**RICOUER, Paul**. O Si Mesmo Como Um Outro. **Campinas, SP: Papyrus, 1991.**

\_\_\_\_. O Discurso da Acção. **Tradução de Artur Morão, Edições 70, Ltda, Lisboa – Portugal, 1989.**

\_\_\_\_. As Culturas e o Tempo. **Petrópolis: Ed. Vozes e Ed. da USP, 1975.**

\_\_\_\_. Tempo e Narrativa - **Tomo III. Campinas, SP: Papyrus, 1997.**

\_\_\_\_. Interpretação e Ideologias: **Organização, tradução e apresentação de Hilton Japiassu. Rio de Janeiro, F. Alves, 1983.**

ROUSSEAU, Jean-Jacques. **O Contrato Social**. Porto Alegre RS: Editora L&PM, 2009.

SANDERS, J. **Liderança Espiritual**. São Paulo: Mundo Cristão, 1985.

**SILVA, Marinilson B.** O Significado do Ser-Líder. **Porto Alegre: Biblioteca Central da PUCRS, 2000. (Dissertação de Mestrado).**

\_\_\_\_. Construindo Lideranças: Implicações Pessoais, Comunitárias e Educacionais. **Porto Alegre: Editora Sulina, 2004.**

**TANNENBAUM, R. et al.** Liderança e Organização. **São Paulo: Atlas, 1970.**

TORRES, João Carlos Brum. Apresentação. *In*: ROUSSEAU, Jean-Jacques. **O Contrato Social**. Porto Alegre RS: Editora L&PM, 2009.

THOMPSON, P. **World institute of church planting**. Toronto: Worldteam, 1993.



Este livro foi diagramado pela  
Editora UFPB em 2020.

